A Restauração das Horas



VENCEDOR DO PRÊMIO PULITZER

Paul Harding

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudíavel a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.us*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

A Restauração das Horas

A Restauração das Horas

Paul Harding

Tradução
Diego Alfaro

EDITORA NOVA FRONTEIRA

Título original: Tinkers

Copyright © 2009 by Paul Harding

Direitos de edição da obra em língua portuguesa no Brasil adquiridos pela Editora Nova Fronteira Participações S.A. Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem a permissão do detentor do copirraite.

Editora Nova Fronteira Participações S.A.
Rua Nova Jerusalém, 345 – Bonsucesso – 21042-235
Rio de Janeiro – RJ – Brasil
Tel.: (21) 3882-8200 – Fax: (21) 3882-8212/8313

Texto revisto pelo novo Acordo Ortográfico

CIP-Brasil. Catalogação na fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

H238r
Harding, Paul, 1967-
A restauração das horas / Paul Harding; tradução Diego Alfaro. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.
21cm

Tradução de: Tinkers
ISBN 978-85-209-3371-8

1. Reminiscência na velhice – Ficção americana. 2. Ficção americana. I. Alfaro, Diego. II. Título.

CDD: 813
CDU: 821.111(73)-3

Para Meg, Samuel e Benjamin

Sumário

Capa
Folha de rosto
Ficha catalográfica
Dedicatória
1
2
3
4
Créditos

1

George Washington Crosby começou a alucinar oito dias antes de morrer. Do leito de hospital alugado, colocado no meio de sua sala de jantar, via insetos entrando e saindo de rachaduras imaginárias no teto de gesso. As vidraças das janelas, um dia já bem-instaladas com uma boa camada de massa, estavam soltas nas molduras. A próxima ventania as derrubaria, fazendo-as tombar na cabeça de seus familiares sentados no sofá, na namoradeira e nas cadeiras da cozinha que a esposa de George trouxera para acomodar a todos. A torrente de vidraças os espantaria da sala, os netos do Kansas, de Atlanta e de Seattle, a irmã da Flórida, e George ficaria ilhado na cama, cercado por um fosso de estilhaços. O pólen e os pardais, a chuva e os esquilos intrépidos que ele passara meia vida espantando das casinhas de pássaros irromperiam na casa.

George construíra o lugar com as próprias mãos — tinha deitado os alicerces, erguido a estrutura, unido os canos, passado os fios, argamassado as paredes e pintado os quartos. Certa vez, um raio acertou a casa enquanto ele soldava a última junta do tanque de água quente, na fundação aberta. Arremessou-o contra a parede oposta. George se pôs de pé e terminou a junta. As rachaduras na argamassa eram reparadas, canos entupidos eram desobstruídos, tábuas descascadas eram lixadas e recebiam uma nova mão de tinta.

Pegue um pouco de argamassa, falou, sustentado pelas almofadas da cama, que parecia estranha e institucional entre os tapetes persas, os móveis coloniais e as dúzias de relógios antigos. Pegue um pouco de argamassa. Meu Deus, argamassa, alguns fios e um par de ganchos. Dá para arranjar tudo por uns cinco dólares.

Tudo bem, vovô, disseram.

Tudo bem, papai. Um vento soprou pela janela aberta atrás dele e clareou cabeças exaustas. Ouviu-se o som de um jogo de bochas no gramado lá fora.

Ao meio-dia George se viu momentaneamente sozinho enquanto a família preparava o almoço na cozinha. As rachaduras do teto se ampliaram, viraram fendas. As rodas travadas da cama afundaram em novas rachas que se abriam no piso de carvalho sob o tapete. A qualquer momento o chão iria ceder. A barriga inútil de George subiria até seu peito como se estivesse numa montanha-russa na Feira de Topsfield, e, com um solavanco de estalar a coluna, George e a cama pousariam no porão, em cima das ruínas esmagadas de sua oficina. George

imaginou a cena, como se o colapso já tivesse acontecido: o teto da sala de estar, agora dois andares acima, uma chaminé perfurada entre as tábuas esfarpadas do piso, canos de cobre retorcidos e fios elétricos feito veias cortadas delimitando as paredes e apontando para ele no centro de toda aquela ruína. Vozes murmuraram da cozinha.

George virou a cabeça, na esperança de que alguém pudesse estar sentado um pouquinho além da porta, segurando no colo um prato de papel com salada de batata e fatias de rosbife enroladas, na mão um copo plástico com refrigerante. Mas a ruína persistiu. George pensou ter chamado, mas as vozes de mulheres na cozinha e as de homens no jardim murmuravam sem interrupção. George ficou deitado em seu monte de destroços, olhando para cima.

O segundo andar caiu sobre ele, com as vigas de pinho e o encanamento sem saída (os canos fechados jamais haviam chegado à pia e ao sanitário que ele um dia pretendera instalar) e cabides com velhos casacos e caixas de jogos de tabuleiro e quebra-cabeças e brinquedos quebrados esquecidos e sacos com fotos de família — algumas tão velhas que haviam sido expostas em placas de alumínio —, tudo desabou para o porão, ele incapaz até de erguer uma mão para proteger o rosto.

Mas George era praticamente um fantasma, quase feito de nada, por isso a madeira e o metal e os maços de papelão e de papel impressos em cores vívidas (avance seis casas para a rua singela! A bisavó Noddin coberta por um xale, austera, franzindo o cenho para a câmera, absurda com aquele chapéu que parecia o monte funerário de um marinheiro, com flores e véu), que de outra forma teriam esmagado seus ossos, caíram sobre ele e rodaram para os lados feito um cenário de cinema, ele ou eles fac-símiles de coisas prévias, reais.

Ali estava George, deitado entre fotos da formatura e velhos pulôveres de lã e ferramentas enferrujadas e recortes de jornal sobre sua promoção a chefe do departamento de desenho mecânico do científico local, e depois sua nomeação como conselheiro estudantil, e depois sua aposentadoria e vida subsequente como comerciante e restaurador de relógios antigos. As engrenagens de bronze mutiladas dos relógios que ele estivera consertando estavam espalhadas em meio à bagunça. George olhou para o alto, três andares acima, vendo as vigas expostas do telhado e as capas gordas de isolante prateado que corriam entre elas. Algum de seus netos (*qual?*) havia fixado o isolamento anos atrás, e agora duas ou três camadas estavam soltas e balançavam feito línguas de lã cor-de-rosa.

O teto desabou, trazendo uma avalanche de madeira e pregos, tela de alcatrão, telhas e isolante. Ali estava o céu, coberto de nuvens de topo plano que pairavam feito uma frota de bigornas cruzando o azul. George teve a sensação crua e úmida de estar ao ar livre quando se está doente. As nuvens se detiveram,

pararam por um instante e tombaram sobre sua cabeça.

Seguiu-se o próprio azul do céu, escoando das alturas para dentro daquele caótico fosso de concreto. Em seguida caíram as estrelas, tinindo em torno dele como ornamentos desprendidos do céu. Por fim, a própria vastidão negra se desatou e precipitou como um manto sobre toda aquela pilha, cobrindo a obliteração confusa de George.

Quase setenta anos antes de George morrer, seu pai, Howard Aaron Crosby, ganhava a vida dirigindo uma carroça. Era uma carroça de madeira. Era uma cômoda montada sobre dois eixos e rodas raiadas. A cômoda tinha dezenas de gavetas, cada uma com um aro de latão, abertas com um indicador em gancho e contendo pincéis e óleo de peroba, pó para os dentes e meias de náilon femininas, creme e lâminas de barbear. Havia gavetas com cera de sapato e cadarços para botas, cabos de vassoura e bases de esfregão. Havia uma gaveta secreta na qual ele guardava quatro garrafas de gim. Howard transitava sobretudo por estradinhas vicinais, trilhas de terra que penetravam em bosques e chegavam a clareiras ocultas onde se via uma cabana de madeira cercada de serragem e tocos de árvore e uma mulher com vestido liso e o cabelo puxado para trás com tanta força que ela parecia estar sorrindo (não estava), parada sob um batente de porta torto e, nas mãos, uma escopeta para caçar esquilos, carregada. Ah, é você, Howard. Bem, acho que preciso de um dos seus baldes de alumínio. No verão, Howard sentia cheiro de urze e cantava *someone's rocking my dreamboat* e fitava uma mariposa (mira a moça, para e pousa; ele imaginava ser uma espécie de poeta) e as borboletas-monarcas vindas do México. A primavera e o outono eram as épocas mais rentáveis, o outono porque os moradores dos grotões estocavam para o inverno (Howard empilhava produtos na carroça e avançava sobre folhas de bordo flamejantes), a primavera porque já estavam desabastecidos, às vezes havia semanas, esperando que as estradas abrissem e Howard pudesse reiniciar suas rondas. Nessa época as pessoas se aproximavam da carroça como que sonâmbulas: de olhos vívidos e vorazes. Howard às vezes voltava dos bosques com encomendas de caixões — uma criança, uma esposa envolta num tecido grosso, rígida na cabana de guardar lenha.

Howard era funileiro. Panelas de alumínio, ferro trabalhado. Solda derretida e vertida num molde de cerâmica. Mercúrio, remendos. De quando em quando uma panela consertada a marteladas, lisa outra vez, um tinido sibilante, um tímpano tímido sob o dossel da floresta boreal. Andarilho, latoeiro, mas sobretudo baterista de escovas e esfregões.

George sabia cavar e despejar as fundações de concreto para construir uma casa.

Sabia serrar a madeira e pregar a armação. Sabia passar a fiação pelos quartos e instalar o encanamento. Sabia montar a parede de gesso. Sabia deitar o piso e telhar o teto. Sabia construir degraus de tijolos. Sabia passar a massa nas janelas e pintar as molduras. Mas não sabia arremessar uma bola e não aguentava caminhar um quilômetro; detestava fazer exercício, e ao se aposentar, aos sessenta anos, nunca mais deixou seu coração se acelerar, a não ser que precisasse abrir caminho entre arbustos densos para chegar a um bom lago com trutas. A falta de exercício pode ter sido a razão pela qual, ao terminar seu primeiro tratamento com radiação para o câncer na virilha, suas pernas incharam feito duas focas mortas numa praia e então ficaram enrijecidas como troncos. Antes de ficar acamado, George caminhava como um amputado de guerra antes da invenção das próteses modernas; cambaleava como se à sua cintura tivessem sido presas duas pernas de pau com pinos de ferro. Quando a mulher de George tocava suas pernas à noite na cama, por cima do pijama, pensava em carvalho ou bordo e precisava se forçar a pensar em outra coisa para não se imaginar descendo até a oficina no porão e pegando lixas e verniz e lixando as pernas do marido e as envernizando com um pincel como a um móvel. Certa vez ela quase engasgou, tentando conter uma risada, quando pensou, Meu marido, a mesa. Depois se sentiu tão mal que chorou.

A teimosia de algumas das mulheres do interior com quem entrava em contato em suas rondas diárias fez crescer em Howard, acreditava ele, ou teria acreditado se tivesse pensado conscientemente no assunto, uma paciência racional e inabalável. Quando a empresa de sabão parou de produzir o velho produto, adotando uma nova fórmula e mudando o desenho da embalagem, Howard teve de suportar debates nos quais logo se teria dado por vencido, caso seus adversários não fossem clientes.

Cadê o sabão?

Este é o sabão.

A caixa é diferente.

É, eles mudaram.

Qual era o problema da caixa antiga?

Nenhum.

Por que mudaram?

Porque o sabão é melhor.

O sabão é diferente?

É melhor.

Não tinha nada de errado com o sabão antigo.

É claro que não, mas este é melhor.

Não tinha nada de errado com o sabão antigo. Como este pode ser melhor?

Bom, ele limpa melhor.

Antes limpava bem.

Este limpa melhor — e mais rápido.

Bom, eu vou levar só uma caixa do sabão normal.

Este é o sabão normal agora.

Eu não posso comprar o meu sabão normal?

Este é o sabão normal; eu garanto.

Bom, eu não gosto de experimentar um sabão novo.

Não é novo.

O senhor é quem manda, sr. Crosby. O senhor é quem manda.

Bem, madame, está faltando mais um centavo.

Mais um centavo? Para quê?

O sabão custa um centavo a mais, agora que é melhor.

Eu tenho que pagar um centavo a mais por um sabão diferente numa caixa azul? Eu vou levar só uma caixa do meu sabão normal.

George comprou um relógio quebrado em segunda mão. O dono lhe deu de brinde a cópia de um manual de consertos do século XVIII. Pôs-se a cutucar as entranhas de relógios velhos. Por ser maquinista, sabia de relações de engrenagens, de pistões e pinhões, de física, da resistência dos materiais. Por ser ianque da costa norte, sabia onde o velho dinheiro repousava, cochilava, sonhando com fábricas de lã e pedreiras, cotações pelo telégrafo e caça à raposa. Descobriu que os banqueiros pagavam bem para que suas teimosas relíquias de família continuassem a marcar a hora. Sabia substituir à mão o dente gasto na roda da soneria. Apoie o relógio com a face para baixo. Desenrosque os parafusos; talvez apenas os puxe da caixa de cedro ou de nogueira, as roscas há muito transformadas em pó espanado da cornija da lareira. Retire o fundo do relógio como a tampa de um baú de tesouro. Aproxime a luminária de braço longo, logo acima do ombro. Examine o metal escuro. Veja os pinhões emperrados com poeira e óleo. Veja as ondulações azuis, verdes e roxas de metal martelado, torcido, inflamado. Meta o dedo no relógio; cutuque a roda de escape (cada parte tem um nome perfeito — escape: o final da máquina, o local por onde a energia vaza, é libertada, marca o tempo). Aproxime o nariz; o metal tem cheiro tânico. Leia os nomes entalhados nas engrenagens: *Ezra Bloxham–1794*; *Geo. E. Tiggs–1832*; *Thos. Flatchbart–1912*. Remova as engrenagens escurecidas da caixa. Mergulhe-as em amônia. Depois as retire com o nariz ardendo, os olhos lacrimejantes, veja-as reluzir como estrelas através das lágrimas. Lime os dentes. Fixe os rubis. Posicione as molas. Conserte o relógio.

Acrescente o próprio nome.

Funileiro, timpaneiro. Tim, tim, tim. Tintinabulante. Havia o som das panelas e dos baldes. Havia também o som nos ouvidos de Howard Crosby, um tinido que começou à distância e foi se aproximando até se acomodar em seus ouvidos, depois entranhar neles. A cabeça de Howard ressoava como um badalo de sino. O frio invadia as pontas de seus pés e fazia trepidar as entranhas do tinido, atravessando o corpo de Howard até seus dentes tiritarem e seus joelhos vacilarem, obrigando-o a se abraçar para não desmanchar. Essa era sua *aura*, um halo frio de eletricidade química que o circundava imediatamente antes de ser atingido por uma convulsão plena. Howard tinha epilepsia. Sua mulher, Kathleen, Kathleen Black quando solteira, dos Black de Québec mas de um ramo reduzido e austero da família, afastava as mesas e as cadeiras e o conduzia até o chão no centro da cozinha. Envolvia um graveto de pinho num guardanapo para que Howard o mordesse, de modo a não engolir nem mastigar a própria língua. Se a convulsão viesse logo, Kathleen enfiava o graveto nu entre os dentes de Howard, e ele acordava com a boca cheia de farpas e com gosto de seiva, a cabeça tal qual um pote de vidro cheio de chaves velhas e parafusos enferrujados.

> Para remontar o relógio desmantelado, a platina principal é depositada sobre um leito de pano macio, de preferência camurça grossa dobrada várias vezes. Cada roda e seu eixo são inseridos no orifício correto, começando pela roda central e seu fuso corrediço, esse maravilhoso cone sulcado entregue à humanidade pelo sr. Da Vinci, seguindo até a menor, os dentes de uma entrelaçados no pinhão da seguinte, e assim por diante, até que o balanço do mecanismo sonoro e a roda de escape do trem de engrenagens ocupem seu devido lugar. Agora o horologista examina uma engenhoca aberta que parece retirada de um conto de fadas; as peças avançam e retrocedem como uma máquina preguiçosa num sonho. O tempo do universo não pode ser marcado de tal forma. Um apetrecho tão frágil e torto só poderia contar as horas fantásticas de fantasmas ingovernáveis. A chapa dianteira das engrenagens é tomada na mão e encaixada nas árvores das molas de corda e de percussão, que são, entre as diversas partes, as maiores e mais fáceis de encaixar. Isso feito, o horologista levanta então esse raquítico sanduíche de tripas soltas ao nível dos olhos, mantendo as peças próximas entre si pela compressão das duas chapas, tomando cuidado para não aplicar pressão de mais (danificando assim as extremidades mais finas das árvores não alinhadas) nem de menos (o que faria com que a máquina quase reformada se desmontasse, fosse reduzida às suas partes

constituintes, que frequentemente escapam para recantos obscuros e empoeirados da oficina do horologista, causando muita profanação e blasfêmia). Quando o paciente horologista terminar seu empreendimento, se, ao ter sua roda central girada com o polegar, o relógio guinchar e gaguejar em vez de zunir e murmurar com uma lógica metálica, o processo deverá ser revertido e executado mais uma vez com calma racionalidade, até que os demônios da desordem sejam conjurados. Em relógios com apenas um trem de engrenagens, reanimar a máquina é simples. Dispositivos mais sofisticados, os que são construídos com habilidades adicionais — uma pantomima da lua ou um bobo fazendo malabarismos com frutas — requerem destreza e tenacidade quase infinitas. (O autor já ouviu falar de um relógio, supostamente visto na Boêmia Oriental, que se assemelhava a um grande carvalho moldado em ferro e bronze em torno do mostrador. Com o passar das estações de sua terra natal, os milhares de folíolos de cobre que adornavam os ramos da árvore, cada um atrelado a um carretel fino como um fio de cabelo, passavam do verde-esmeralda a um vermelho metálico. Então, graças a mecanismos admiráveis no interior da caixa — esculpida à semelhança de um dos pilares míticos que teriam um dia sustentado a Terra —, os ramos perdiam as folhas, que espiralavam em seus fios, caíam e se espalhavam na parte baixa do mostrador. Se tal máquina de fato existiu, nem mesmo o sr. Newton poderia ter se sentado aos pés de árvore mais maravilhosa.)

— de *O horologista lógico*,
Reverendo Kenner Davenport, 1783

George Crosby se lembrou de muitas coisas ao morrer, mas numa ordem que não conseguia controlar. Examinar a própria vida, fazer o inventário que, como sempre imaginara, um homem deveria fazer ao chegar ao fim, era testemunhar uma massa em movimento, os ladrilhos de um mosaico a girar, rodopiar, redesenhar, sempre em feixes de cores reconhecíveis, elementos familiares, unidades moleculares, correntes íntimas, mas também já independentes de sua vontade, mostrando-lhe um eu distinto a cada vez que tentava fazer uma avaliação.

Cento e sessenta e oito horas antes de morrer, George se espremeu pela janela do porão da Igreja Metodista de West Cove e tocou a campainha na noite do Dia das Bruxas. No porão, esperou que seu pai o açoitasse pela travessura. O pai soltou uma enorme gargalhada e deu um tapa na própria perna, porque George havia forrado o fundilho das calças com edições velhas do *Saturday Evening Post*. Ficou sentado em silêncio no jantar, temendo olhar para a mãe porque já eram

onze da noite e o pai ainda não estava em casa, e ainda assim a mãe os fez sentar diante da comida fria. Casou-se. Mudou-se. Foi metodista, congregacionalista e, finalmente, unitarista. Desenhou máquinas e deu aulas de desenho mecânico e teve ataques cardíacos e sobreviveu, acelerou pela rodovia nova antes de inaugurada com os amigos da faculdade de engenharia, ensinou matemática, fez um mestrado em pedagogia, prestou orientação vocacional a alunos da escola secundária, voltou ao norte todos os verões para pescar com mosca junto aos parceiros de pôquer — médicos, policiais, professores de música —, comprou um relógio quebrado e uma reimpressão de um manual de consertos do século XVIII num mercado de pulgas, aposentou-se, fez viagens em grupo à Ásia, à Europa e à África, consertou relógios por trinta anos, mimou os netos, contraiu Parkinson, contraiu diabetes, contraiu câncer, e estava deitado num leito de hospital no meio da sala, bem ali onde ficava a mesa de jantar, com suas duas partes dobráveis que se abriam nos feriados.

George nunca se permitiu imaginar seu pai. Uma vez ou outra, porém, quando estava consertando um relógio, quando uma mola que ele tentava convencer a entrar em seu tambor se soltava da árvore e explodia, cortando-lhe as mãos, às vezes danificando o resto do mecanismo, George tinha uma visão do pai no chão, chutando cadeiras com os pés, amontoando tapetes, luminárias caindo das mesas, a cabeça batendo nas tábuas do piso, os dentes fincados num graveto ou nos dedos de George.

A mãe de George vivera com ele e com a família até morrer. De vez em quando, sobretudo durante as refeições, talvez por ser esse o local em que seu marido se adiantara a ela, conseguira ludibriá-la, deixando-a na mesa de jantar com seus planos de se livrar dele, lembrava-se de como o pai de George fora um homem frívolo. No café da manhã, ela abocanhava uma colher de mingau de aveia e retirava a colher do aperto da dentadura com sucções e tinidos assombrosos e dizia algo como, Um poeta, rá! Ele tinha um cérebro de passarinho, era uma gralha, uma ave biruta batendo asas por aí com esses ataques e tudo o mais.

Mas George perdoava o coração desafeiçoado da mãe. Sempre que pensava no que os lamentos amargos da mãe tentavam estancar, George era tomado de lágrimas e se detinha, olhava por sobre as manchetes do jornal do dia, inclinava-se e lhe beijava a fronte canforada. A tal gesto ela dizia, Não venha tentar me fazer sentir melhor! Aquele homem enturvou para sempre a minha paz de espírito. Maldito palerma! E até isso fazia George se sentir melhor; essas ladainhas incessantes a apaziguavam, fazendo-a recordar que aquela vida havia ficado para trás.

Deitado em seu leito de morte, George queria ver o pai mais uma vez. Queria

imaginar o pai. Sempre que tentava se concentrar e voltar atrás, escavar bem fundo, para longe do presente, uma dor, um ruído, alguém virando-o de um lado a outro para trocar os lençóis, as toxinas que vazavam de seus rins entupidos pelo câncer para o sangue cada vez mais espesso e escuro o traziam de volta para seu corpo esgotado e sua mente desordenada.

Uma tarde, na primavera anterior à sua morte, George, cuja doença se consolidava, decidiu ditar memórias e histórias de sua vida num gravador. A mulher tinha saído para fazer compras, por isso ele levou o aparelho à sua mesa de trabalho no porão. Abriu a porta entre a oficina e o quarto de ferramentas. Havia ali um fogão a lenha, entre a furadeira de bancada e o torno mecânico. Amassou uns jornais velhos e os colocou no fogão, junto a três troncos do feixe de lenha que ele guardava empilhado num canto remoto da oficina, junto à porta que dava para o depósito. Acendeu o fogo e ajustou a chaminé, na esperança de aquecer o frio cimentoso do porão. Retornou à sua mesa na oficina. Havia um microfone barato plugado ao gravador, que não ficava em pé na presilha que o envolvia. A presilha era tão leve que a volta no fio que ligava o microfone ao gravador o fazia tombar a toda hora. George tentou endireitar o fio, mas o microfone não ficava em pé, por isso se contentou em apoiá-lo sobre o gravador. Os botões do apetrecho eram duros, e era preciso fazer algum esforço ao apertá-los até que se acomodassem em seu lugar com um clique. Cada botão estava marcado com uma abreviatura críptica, e George teve de experimentar cada um deles até estar convencido de que havia encontrado a combinação correta para gravar sua voz. A fita no gravador tinha um rótulo cor-de-rosa desbotado no qual fora datilografado Coletânea de blues antigo, Copyright Hal Broughton, Jaw Creek, Pensilvânia. George recordou que ele e a mulher tinham comprado a fita em algum dos cursos para a terceira idade do Elderhostel College que fizeram durante o verão havia anos. Ao apertar o play pela primeira vez, uma voz de homem, fina e remota, chilreou uma canção sobre um cão do inferno em seu encalço. Em vez de rebobinar a fita, George sentiu que esse lamento seria uma boa introdução à sua narrativa, por isso apenas se pôs a gravar. Aproximou-se do microfone com os braços cruzados e apoiados na beira da mesa, como quem responde perguntas num tribunal. Começou formal: Meu nome é George Washington Crosby. Nasci em West Cove, Maine, no ano de 1915. Mudei-me para Enon, Massachusetts, em 1936. E assim por diante. Depois dessas estatísticas, descobriu que só conseguia pensar em anedotas chulas e ligeiramente obscenas, ligadas sobretudo a façanhas idiotas realizadas depois de beber muito uísque durante uma viagem de pesca, e frequentemente centradas em dar de cara com um guarda florestal com um cesto cheio de trutas e sem

licença de pesca, ou numa pistola que um médico havia levado para o bosque: Se essa pistola for nove milímetros, vou beijar a sua bunda congelada bem aqui no gelo; a letra de uma música chamada “Abra os olhos, mulher, com você acordada é melhor”. E assim por diante. Mas depois de um punhado dessas histórias, pôs-se a falar do pai e da mãe, de seu irmão Joe e das irmãs, dos cursos noturnos que fez para terminar a faculdade e de ser pai. Falou da neve azul e de barris cheios de maçãs e de cortar lenha congelada tão frágil que ressoava ao ser partida. Falou da sensação de ser avô pela primeira vez e de pensar no que deixaremos para trás depois de morrer. Quando a fita chegou ao fim, uma hora e meia mais tarde (depois de virar o lado uma vez, quase sem se dar conta), e o botão de record saltou com um estalido, George chorava abertamente e lamentava a perda desse mundo de luz e de esperança. Profundamente comovido, tirou a fita da máquina, virou-a de volta ao início, encaixou-a em seu confortável berço de cabeçotes e pinos guias e apertou o play, pensando que talvez preservasse esse estado de sofrimento puro e límpido ao escutar a reprodução da narrativa. Imaginou que suas memórias pudessem soar como as de um estranho admirável, uma pessoa que ele não conhecia mas que reconhecia de imediato e amava enternecido. Em vez disso, a voz que ouviu soou nasalada e chorosa, além de, ainda pior, não muito polida, como se ele fosse um caipira chamado, talvez por gozação, a testemunhar sobre coisas sagradas, como se não fosse o testemunho, e sim sua hesitação ao proferi-lo, a razão de sua presença ante algum senado medonho e celestial. Escutou seis segundos da fita antes de ejetá-la e jogá-la nas chamas que ardiam no fogão.

Capim e flores silvestres cresciam alto entre os sulcos das estradas de terra, alisando o ventre da carroça de Howard. Ursos coletavam frutas nos arbustos à beira da estrada.

Howard tinha um mostrador de pinho, preso com fitas de couro falso e tingido para parecer imbuia. Dentro, no falso veludo, viam-se brincos dourados baratos e pingentes de pedras semipreciosas. Howard abria esse mostrador para mulheres malvestidas do interior enquanto seus maridos cortavam árvores ou ceifavam a roça. Howard lhes mostrara a mesma meia dúzia de peças na última vez que passara por ali, quando pensou, Esta é a estação — conservas feitas, pilhas altas de lenha, vento forte e mais frio, a noite mais cedo a cada dia, a escuridão e o gelo que avançam do norte, eles enfurnados na madeira bruta das cabanas, nos abrigos rústicos que cedem e por vezes sucumbem sob o peso da escuridão e do gelo, sepultando famílias durante o sono, a escuridão e o gelo e às vezes o céu rubro entre as árvores: o desgosto de um sol frio. Pensou, Compre o pingente, segure-o na mão descoberta entre as pregas do vestido e deixe que a luz baixa do

fogo o roce de madrugada enquanto você espera o telhado sucumbir ou a sua força de vontade rachar e o gelo ficar grosso demais para ser cortado com o machado, você ali parada calçando as botas de seu marido no lago congelado à meia-noite, o golpe seco da lâmina no gelo tão pequenino sob as estrelas que giram gélidas, o véu insonoro dos céus, que o seu marido jamais despertaria de seu sono na cabana do outro lado do gelo, jamais ouviria e viria correndo, semicongelado, vestindo apenas as ceroulas, para salvá-la, para evitar que você abra um buraco no gelo e entre nele como numa veia azul que desce para o fundo negro e lamacento do lago, onde você não veria nada, talvez apenas sentisse nas trevas o movimento de algum peixe sonolento que tivesse os sonhos letárgicos de mares ancestrais perturbados pelo seu mergulho com o vestido de lã e as botas pesadas. Talvez não sentisse nem isso ao se debater em roupas que parecem piche frio, e ao alentecer, acalmar-se até, e ao abrir os olhos e procurar um pulso de prata, uma superposição de escamas, e ao fechá-los outra vez e sentir as pálpebras se transformarem numa pele escorregadia, íctica, o sangue atrás delas frio de súbito, e ao perceber que não se importa, que quer finalmente descansar, quer por fim nada além do murmúrio súbito e novo que corre entre os seus olhos. O gelo é grosso demais, não pode ser atravessado. Você nunca vai conseguir. Nunca conseguiria. Portanto compre o ouro, aqueça-o com a sua pele, deite-o no colo quando estiver sentada diante do fogo, e tudo o que você de outra forma terá para observar será seu marido arrasado mascando goma ou o craquelado das suas mãos secas.

Mulher alguma jamais comprou uma joia. Alguma talvez erguesse um pingente de seu leito e o esfregasse entre os dedos. Ela diria, Sem dúvida, quando ele dissesse, Bom, essa sim é uma bela peça. Às vezes via o rosto de uma mulher captar por uma fração de segundo — a joia atiçava alguma esperança pessoal semiesquecida — qualquer sonho do auge distante do casamento. Ou um sobressalto na respiração, como se algo há muito fincado com um prego ou suspenso numa corrente parecesse se desprender, mas só por um segundo. A mulher devolveria a bugiganga oferecida por Howard. Não, não, acho que não, Howard. Restituído o mostrador à gaveta, Howard daria meia-volta com a carroça no quintal e se poria novamente em marcha pelo bosque, o inverno já clausurava a gente do campo atrás dele.

O agente de negócios local das mercadorias vendidas por Howard era um homem chamado Cullen. Cullen era um vigarista. Uma vez por mês, sentava-se numa mesa no quarto dos fundos da loja dos Sander e afanava o que era de Howard por direito. Espalhava na mesa os recibos do mês trazidos por Howard, inclinava-se para a frente e os examinava através da fumaça do cigarro que

sempre lhe pendia dos lábios. Ao fazê-lo, Howard sempre pensava que o agente parecia estar dando cartas para uma mão de pôquer ou para um truque de mágica. Cullen franzia o cenho ao ver os recibos: Só cinco caixas de água sanitária; tem que ser seis para ganhar desconto. Dez bases de esfregão. Ótimo, mas o meu custo subiu. Precisa vender uma dúzia agora. Vai ganhar cinco centavos a menos que antes. E o sabão novo? Não estou nem aí se é difícil converter essas roceiras corocas; você é um agente de vendas. Que diabos anda fazendo por lá? Fica cheirando as margaridas? Que merda, Crosby, o que você está fazendo com essas geladeiras e máquinas de lavar? Quantos panfletos entregou? Estou me lixando se eles não entendem o crediário — o crediário é o *futuro*, é o *suprassumo* das vendas! Cullen recolhia os recibos e os enfiava numa pasta. Metia a mão no bolso e puxava um maço de notas. Descascava do maço uma de dez e sete de um. Enfiava a mão no outro bolso e lançava um punhado de troco na mesa (feito dados, pensava Howard), dedilhava com o indicador cinquenta e sete centavos em moedas e guardava o resto no bolso, tão rápido que parecia ser este mais um de seus truques. Assine aqui. Crosby, como é que você vai ser um dos meus doze? Essa era a parte de cada reunião com o agente que mais aterrorizava Howard — quando Cullen citava Bruce Barton. Quem foi o maior executivo de todos os tempos, Crosby? O melhor vendedor? Publicitário? Quem? Howard olhava para o nó da gravata barata de Cullen e sorria, tentando não parecer aborrecido, mas tentando também evitar responder à pergunta. Diz aí, Crosby. Você não leu o livro? Eu praticamente dei o livro a você, a preço de custo! Howard suspirava e dizia, Foi Jesus. Isso mesmo, dizia o agente, quase levantando da cadeira, dando um soco na mesa, apontando para os céus, para além das raquetes de neve penduradas bem alto nas paredes. Jesus! *Jesus foi o fundador dos negócios modernos*, citava. *Era o convidado mais ilustre nos jantares em Jerusalém. Ele recolheu doze homens das fileiras mais baixas do comércio e os transformou numa organização que conquistou o mundo!* Como é que você vai ser um dos meus doze, Crosby, se não sabe vender, se não está *louco para vender*?

Cento e trinta e duas horas antes de morrer, George acordou do sobressalto do universo colapsado para a escuridão da noite e para um silêncio que, uma vez dissipado o clamor dos pesadelos, não conseguiu entender. A sala estava iluminada apenas por uma luminária de estanho numa das mesinhas de canto perto do sofá. O sofá corria ao longo do leito de hospital. No extremo oposto do sofá, inclinado diante da luz na mesa, sentava-se um de seus netos, lendo um livro.

George disse, Charlie.

Charlie disse, Vovô, e apoiou a brochura no colo.

George disse, Por que esse maldito silêncio?

Charlie disse, É tarde.

George disse, É mesmo? Ainda assim está um silêncio desgraçado. Virou a cabeça para a esquerda e depois para a direita. À esquerda estava a poltrona do século XVIII e a lareira que ele não acendia havia trinta anos, desde que deixara de fumar cachimbos. Lembrou-se do lilás que cultivara no porão, em sua mesa de trabalho, planta muito usada na fabricação de cachimbos. No princípio, George imaginara que seu entusiasmo por cachimbos seria semelhante ao que tinha por relógios; comprara o lilás num mercado de pulgas em Newburyport. Como é que eu me lembro disso?, pensou na cama, preocupado em determinar a qualidade do silêncio que vivenciava quase como um ruído, em encontrar sua fonte, mas, em vez disso, ali estava o mercado de pulgas em Newburyport e a mesa cheia de cacarecos com o lilás e a aparência do velho escroque que vendia os produtos (uma espécie de marinheiro ou navegador mercante aposentado, com um pulôver irlandês e um chapéu de pescador grego) e seu sotaque (ianque curado em sal via Bangor via Cape Breton) e quase todos os itens na mesa (colher de pedreiro enferrujada, bonecas sem olhos, latas de tabaco vazias, feixes quebradiços de partituras, um termômetro de cozinha, uma estátua de Cristóvão Colombo) e como ele pechinchara com o homem pelo lilás (Em torno de dez centavos, quanto você quer por esse lilás? Cinco paus! Como é que deixam um ladrão feito você entrar aqui? Dois? Bem, é melhor você ficar com ele por mais um tempo. Um dólar e vinte e cinco? Vendido.). Comprou uma dúzia de cachimbos de vários colecionadores. Guardou-os presos no lilás, com a intenção de cultivar o gosto de experimentar uma gama de tabacos caros, cada um com seu cachimbo exclusivo. Depois de uma semana já estava fumando uma mistura caseira, a mais barata do tabaquista local, num cachimbo que pechinchara como parte da venda de uma caixa cheia de partes de relógios e que, quando uma tragada ocasional parecia amarga, dava-lhe a impressão de ser de plástico, e não de madeira. Fumou fornilho após fornilho daquele mata-rato enquanto consertava relógios. Já de noite, depois do jantar, sentava-se na cadeira estilo Queen Anne (que havia comprado barata numa venda de garagem porque tinha dois pés quebrados) diante do fogo e fumava o último fornilho do dia. Quando lhe surgiu uma bolha pré-cancerosa no lábio inferior, jogou fora os cachimbos e o lilás e as latas de tabaco e contentou-se com o meio charuto eventual que fumava quando tinha que varrer folhas secas na garagem. Embora não se sentasse na poltrona desde que deixara de fumar cachimbo, ainda restava uma espécie de sombra de seu contorno no tecido do encosto; não exatamente uma mancha, era mais uma silhueta de uma tonalidade ligeiramente mais escura, que

podia ser vista com a iluminação exata do ângulo exato e que ainda se encaixaria em sua forma à perfeição, se pudesse se levantar de seu leito e se sentar na poltrona.

Tinha a cabeça apoiada em travesseiros. À sua frente, aos pés da cama, via uma faixa estreita do tapete persa que cobria o chão. Para além do tapete, na parede oposta, estava a mesa de jantar, com as partes dobráveis recolhidas. Ocupava quase toda a extensão da parede. Em cada cabeceira havia uma cadeira com encosto em escada e assento de palhinha. Sobre a mesa (na qual havia sempre um cesto de frutas de madeira ou um vaso de cristal com flores de seda), uma natureza-morta, em óleo sobre tela. Era uma cena escura, turva, iluminada quiçá por uma única vela que não aparecia na pintura, de uma mesa na qual se via um peixe prateado e um pedaço de pão escuro numa tábua de cortar, um queijo redondo avermelhado, uma laranja partida com as duas metades de frente para o espectador, um cálice de vidro verde com a haste num espiral largo e o que pareciam ser contas de vidro na base ampla. Uma grande parte da taça estava quebrada, e cacos de vidro emitiam centelhas débeis em torno da base. Havia uma faca com punho de estanho na tábua de cortar, diante do peixe e do pão. Via-se também uma espécie de bastão preto com a ponta branca, paralelo à faca. Ninguém conseguira desvendar o que era aquele bastão. Um neto comentou uma vez que parecia uma varinha de mágico, e o objeto realmente parecia o tipo de vara usada por amadores para materializar coelhos ou fazer jarras d’água desaparecerem na cartola em festas de criança. Mas o restante da pintura, por mais recente ou velha que fosse, tinha influência ou origem holandesa ou flamenga, e a varinha certamente não seria uma piada ou uma referência sagaz. E assim o bastão ficou como um mistério doméstico sobre o qual a família gostava de cismar por um momento de tempos em tempos, enquanto esperavam alguém vestir o casaco ou devaneavam no sofá numa tarde de inverno, e ninguém se preocupou em investigá-lo.

À sua direita, para além da cabeceira da mesa de jantar e da cadeira à sua frente, ficava o corredor estreito, que continha a porta para a sala de estar, a porta da rua à direita, a porta do closet no extremo oposto, e à esquerda a porta para o sótão não terminado (que, ao construir a casa cinquenta anos antes, George equipara com encanamento e eletricidade, com a intenção de, um dia, transformar o espaço num aposento único para toda a família). À direita do corredor havia uma escrivaninha de tampo corrediço, onde George guardava contas e recibos e livros de contabilidade em branco. Sobre a escrivaninha via-se outra pintura a óleo, esta de uma escuna partindo de Gloucester, velejando sob uma tempestade. Era uma cena de verdes e azuis escuros e túrbidos e uma abundância de cinza ao redor das linhas da embarcação, que era vista da popa.

Do interior da crista de cada onda brilhavam reflexos de uma luz sem fonte. Quem fitasse as linhas retas dos mastros e do cordame (as velas recolhidas para enfrentar a tempestade) por bastante tempo à meia-luz do início da noite ou num dia de chuva veria o mar começar a se mover na periferia da visão. As ondas se detinham no momento em que eram observadas diretamente, voltando a resvalar e a serpear quando os olhos retornassem ao navio.

Imediatamente à direita de George estava o sofá azul com suas mesinhas laterais, onde se sentava o neto de George, olhando agora para ele, o livro no colo. Atrás do sofá havia uma grande janela saliente que dava para o gramado da frente e para a rua lá fora, mas a paisagem era obscurecida por cortinas pesadas que a mulher de George mantinha fechadas dia e noite, já que ele viera à casa para morrer. As cortinas eram grossas e pesadas como as de um teatro. Eram de cor creme, com amplas faixas verticais de um marrom tão escuro que quase chegava a preto. As faixas eram decoradas com gavinhas folheadas que espiralavam para cima e para baixo. Entre as diagonais do drapeado viam-se imagens alternadas de pássaros canoros com tiras ou gravetos no bico e de urnas de mármore. Olhando para as cortinas, George teve a impressão de que o neto estava sentado diante de um palco pequeno e escuro e que poderia a qualquer momento ficar em pé, dar um passo ao lado e, com um braço estendido, anunciar algum espetáculo de fantoches.

Em vez disso, o neto disse de novo, Tudo bem, vô?

Droga de silêncio horrível.

Quando não conseguiu virar a cabeça mais de lado, teve de imaginar o resto da sala atrás de si. Ali estava o televisor embutido, a namoradeira em veludo vermelho, a fotografia colorida à mão de sua mulher aos dezessete anos, numa moldura oval de jacarandá, e ainda o carrilhão de pedestal.

É isso, percebeu George; o relógio estava parado. Todos os relógios da sala tinham ficado sem corda — os modelos de transporte e carrilhão de mesa na cornija, o Banjo, o Mirror e o pêndulo vienense nas paredes, o relógio marítimo na escrivaninha de tampo corrediço, o Ogee na mesinha de canto e o carrilhão de pedestal Stevenson de dois metros de altura com tampo de nogueira, feito em Nottingham em 1801, com o indicador das fases da lua no mostrador e um par de sabiás tecendo adornos floridos em torno dos numerais romanos. Quando imaginou o interior daquele relógio, escuro e seco e oco, e o pêndulo imóvel na vertical, sentiu o interior de seu próprio peito e o pânico súbito de que também ele houvesse ficado sem corda.

Quando os netos eram pequenos, perguntavam se podiam se esconder dentro do relógio. George queria agora reuni-los e abrir a si próprio e escondê-los entre as costelas e o coração, com seu pulso débil.

Ao se dar conta de que o silêncio que o atordoara fora o de todos os relógios deixados sem corda, George entendeu que iria morrer na cama em que estava deitado.

Os relógios estão todos parados, disse ao neto numa voz rouca.

A vó falou que você ia enlouquecer com isso.

(Na verdade, a mulher de George tinha dito que era *ela* quem enlouquecia com o tique-taque, sem falar nas batidas, e que não aguentava fazer vigília com tanta barulheira. A verdade última era que o som dos relógios e suas badaladas acalmavam a esposa, que, por muitos anos após a morte do marido, no apartamento que comprou num condomínio para idosos com o dinheiro que ele escondera para ela no porão e nas caixas-fortes de meia dúzia de bancos da costa norte, guardou uma dúzia das melhores peças da coleção do marido, colocando-as em funcionamento e organizando-as em sua sala de estar de modo a parecerem, em seu alinhamento preciso — que ela se preocupou em sincronizar durante meses —, bater um acorde que praticamente conjurava o marido morto, quase o invocava na sala; ela sempre tinha a impressão de estar a ponto de vê-lo ali entre os tiques e os taques e, à meia-noite, deitada na cama com dossel quando todos os relógios marcavam as doze horas ao mesmo tempo, não tinha dúvidas de que o fantasma rabugento do marido pairava pela sala inspecionando cada máquina com os bifocais, assegurando-se de que estavam todas sincronizadas, ajustadas e precisas.)

Enlouquecer nada, disse George. Levante e vá dar corda neles. E assim o jovem, cujo nome ele não recordava, foi de relógio em relógio dando-lhes corda.

Mas não os trens de percussão, disse o jovem. Eles tocam alto demais, vai ser a maior zoeira quando baterem as horas. A vovó mata a gente.

George disse, Tudo bem, tudo bem, e o sangue em suas veias e o fôlego em seu peito pareceram se tranquilizar ao ouvir a catraca e o clique das molas giradas e o coro crescente dos relógios, que não parecia um tique-taque e sim uma respiração, os relógios confortavam uns aos outros simplesmente com sua presença, como uma reunião de fiéis num jantar da igreja ou uma mostra de diapositivos na biblioteca local.

Além de consertar panelas e vender sabão, havia pequenos serviços que Howard executava de tempos em tempos durante suas rondas, às vezes por um dinheiro extra, na maioria das vezes não: atirar num cão raivoso, fazer um parto, apagar um incêndio, arrancar um dente podre, cortar o cabelo de um homem, vender cinco galões de uísque caseiro para um contrabandista do interior chamado Potts, pescar uma criança afogada num córrego.

A criança afogada era a filha de uma viúva chamada La Rose. Estava

brincando na beira do riacho e escorregou numa pedra molhada e abriu a cabeça e desmaiou de bruços na água. A correnteza a arrastou mais para longe da margem, carregou-a por centenas de metros e então a depositou num banco de areia no meio do córrego. Howard tirou os sapatos, dobrou as bainhas da calça e avançou com dificuldade até a criança. Ao se abaixar para erguê-la, fez menção de içá-la nos quadris como a um cordeiro desgarrado, mas, quando pôs os braços sob o corpinho e sentiu seu frio e viu o cabelo na correnteza e pensou na mãe da criança atrás dele na margem, virou o rosto da menina para cima e a ergueu e carregou como se estivesse adormecida e ele a levasse do assento de uma carroça para a cama de palha em frente ao fogão a lenha, ao regressar de uma viagem de visita à família.

O homem cujo cabelo Howard cortou se chamava Melish. Tinha dezenove anos e iria se casar dali a uma hora e meia. A mãe estava morta; as irmãs e irmãos, todos bem mais velhos, já estavam casados e haviam partido para o Canadá ou para New Hampshire ou para o sul de Woonsocket. O pai arava os dez hectares de batatas da família e teria antes escalpado o rapaz em vez de lhe cortar o cabelo, pois seu casamento significava que os últimos braços abandonavam a lavoura. Howard apanhou na carroça a podadeira e uma lata de alumínio de tamanho médio. Encaixou a lata no alto da cabeça do rapaz e cortou um círculo em volta. Ao terminar, retirou um espelho de seu embrulho de papel e o deu ao garoto. Este virou a cabeça da esquerda para a direita e devolveu o espelho a Howard. Disse, Acho que ficou bem estiloso, sr. Crosby.

O homem cujo dente ele arrancou se chamava Gilbert. Gilbert era um eremita que vivia no meio da mata ao longo do rio Penobscot. Parecia não ter nenhum abrigo além do próprio bosque, embora alguns caçadores de cervos e ursos e alces na floresta especulassem que Gilbert talvez vivesse na cabana esquecida de algum armador de laço. Outros achavam que ele poderia viver em algum tipo de casa na árvore, ou ao menos numa choça. Durante todos os anos em que Gilbert sabidamente viveu na floresta, caçador nenhum encontrou algo como as cinzas de uma fogueira ou uma única pegada, nem mesmo no inverno. Ninguém conseguia imaginar como um homem poderia sobreviver a um inverno sozinho, exposto às intempéries no bosque, que dirá a décadas de invernos. Howard, em vez de tentar explicar a existência do eremita com base em lareiras e choupanas, preferia a lacuna que o velho parecia efetivamente habitar; gostava de pensar em alguma dobra no bosque, em alguma fenda que só o eremita conseguia enxergar e penetrar, onde o gelo e a neve, onde o próprio bosque glacial o aceitasse e ele não mais precisasse de fogo ou cobertores de lã, podendo, pelo contrário, florescer coroado em geada, tecido em neve, com membros de madeira gelada e sangue de seiva frígida.

Gilbert havia se formado no Bowdoin College. Segundo o que se contava, gabava-se de ter sido colega de turma de Nathaniel Hawthorne. Precisaria ter quase cento e vinte anos de idade para que a lenda fosse verdade, mas ninguém se preocupava em refutar a afirmação, pois todos adoravam espalhar a ideia de que o eremita local, vestido com peles de animais, murmurando ladainhas (na maior parte das vezes em latim) e, nas estações mais cálidas, acompanhado de um enxame pequeno mas ávido de moscas que lhe zuniam constantemente em volta da cabeça, rastejavam no nariz e bebiam as lágrimas nos cantos dos olhos, vivera um dia de cara limpa e roupas bem-passadas e convivera com o autor de *A letra escarlate*. Gilbert aparentemente não era seu verdadeiro nome, e ninguém sabia de fato quando ele nascera, por isso as pessoas deixavam as coisas assim.

Elas gostavam de especular e de contar histórias sobre Gilbert, o Eremita, especialmente quando se sentavam em volta da lareira nas noites de inverno e uma nevasca uivava no exterior; a ideia de Gilbert no turbilhão lá fora lhes dava um tremor reconfortante.

Howard trazia víveres a Gilbert. As necessidades de Gilbert do mundo dos homens eram poucas, mas ele precisava, sim, de agulhas e linha, de corda e tabaco. Uma vez ao ano, no primeiro dia em que o gelo descobria os lagos, em algum momento de maio, Howard dirigia sua carroça até a cabana de caça do Camp Comfort Club, já remota, e dali carregava nas costas as mercadorias de que Gilbert sempre precisava, seguindo uma velha trilha indígena que acompanhava o rio. Em algum ponto do caminho encontrava Gilbert. Os homens se cumprimentavam acenando com a cabeça. Abriam caminho entre os arbustos até a margem do rio, Howard com sua trouxa, Gilbert com sua corte de moscas e uma bolsa de pele de cervo. Ali, encontravam uma pedra ou um monte de grama seca onde sentar. Howard apanhava uma lata de tabaco da trouxa de produtos que carregara para Gilbert e a entregava ao eremita. Gilbert abria a lata junto ao nariz e inalava devagar, saboreando o tabaco novo, rico e doce, quase úmido; na época em que encontrava Howard a cada ano, o eremita já raspava o fundo do pote do ano anterior. Howard imaginava que, para Gilbert, a fragrância do tabaco novo seria uma espécie de confirmação de que vivera por mais um ano, suportara outro inverno no bosque. Depois de cheirar o tabaco e fitar o rio por um instante, Gilbert estendia a mão para Howard, que apanhava um cachimbo num dos bolsos do casaco e o dava ao eremita. Howard não fumava, guardava o cachimbo apenas para este momento, uma vez ao ano. Gilbert enchia o cachimbo de Howard e depois o seu (que era lindo — esculpido num nó de sequoia e que Howard imaginava ter repousado um dia, muito tempo antes, num suporte de bronze no escritório de um reitor), e os dois homens fumavam em silêncio e observavam o correr das águas. Enquanto fumava, o enxame de moscas de

Gilbert se dispersava por um instante, mas aparentemente sem rancor ou ressentimento. Quando os cachimbos se extinguiam, os homens batiam as cinzas na rocha e guardavam os cachimbos. As moscas restabeleciam sua órbita em torno da cabeça do eremita (*Circum capit*, murmurava ele), que abria a bolsa de pele e retirava duas esculturas rústicas em madeira, uma delas parecia um alce, a outra um castor, ou talvez uma marmota, quem sabe até um esquilo. De tão tosco o trabalho, a única certeza de Howard era que os pequenos blocos de madeira bruta dispostos pelo ermitão na grama seca entre eles deviam representar animais de algum tipo. Ao lado das esculturas, Gilbert colocaria então uma bela pele de raposa, com cabeça e tudo, que cheirava a carne podre. Havia um momento de pânico entre as moscas, que tentavam decidir o que era mais rançoso, o eremita ou a raposa. No final, mantinham-se leais a seu anfitrião mais pungente, vivo. Howard depositava sua trouxa de mantimentos na grama, e os homens recolhiam cada um seus bens. Os dois trocaram poucas palavras durante os primeiros anos desse ritual de primavera, e apenas para refinar o pedido de mantimentos de Gilbert. Num ano ele disse, Mais agulhas. Noutro pediu, Chega de chá — café agora. Uma vez aprimorada e estabelecida a lista, os homens nada mais disseram. Nos últimos sete anos nenhum dos dois havia proferido uma única palavra ao outro.

Porém, no último ano em que Howard encontrou Gilbert no bosque, os homens se falaram. Ao se aproximar do eremita, Howard notou que a bochecha esquerda do homem estava inchada e brilhante como uma maçã madura. Gilbert agitava os pés e fitava o chão, segurando a bochecha com a mão. Até as moscas mostravam consideração pela dor de seu patrono e pareciam zumbir com mais delicadeza em volta dele. Howard inclinou a cabeça numa pergunta silenciosa.

Gilbert sussurrou, Dente.

Howard não conseguia imaginar que aquela casca de homem, aquele ermitão que parecia não passar de um novelo azedo de cabelo e farrapos, ainda tivesse um dente na boca para doer. Ainda assim, era verdade. Dando um passo à frente, Gilbert abriu a boca, e Howard, forçando a vista para dar uma boa olhada, viu naquela caverna roxa, úmida e arruinada, enfiado bem ao fundo de uma leva de gengivas desabitadas, um único dente preto plantado num trono de carne rubra e inchada. Um vento bateu sobre o hálito do eremita, e Howard arquejou, tendo visões de matadouros e de bichos de estimação mortos na varanda.

Dente, disse o eremita mais uma vez, apontando para a boca.

Ah, sim, coisa horrível, disse Howard, sorrindo em solidariedade.

O eremita disse, Não! Dente!, e continuou a apontar. Howard percebeu que o pobre homem, aflito, queria que ele lhe arrancasse o dente.

Ah, não, não!, respondeu. Eu não faço ideia...

Gilbert o interrompeu. Não! Dente!, guinchou, agora uma oitava acima.

Mas eu não tenho nenhuma... Mais uma vez o eremita o cortou, enxotando-o de volta para a carroça, que estava a cinco quilômetros dali na cabana do Comfort Camp Club.

Howard retornou duas horas e meia depois com uma garrafinha de uísque de milho do alambique que Potts possuía no sopé do monte e um alicate de cabo longo que usava quando tinha que soldar pedacinhos de alumínio em panelas furadas. A princípio, Gilbert se recusou a beber, mas quando Howard agarrou o dente com o alicate, o velho desmaiou. Howard recolheu água fria no rio e a jogou na cara de Gilbert. O eremita recobrou os sentidos e apontou para o uísque, que bebeu num só gole, e então desmaiou de novo pelo contato do álcool com o dente possuído. Mais um pouco de água na cara reviveu Gilbert, e ficaram ali sentados por algum tempo vendo dois pardais perseguirem um corvo sobre os abetos na outra margem do rio.

O rio estava cheio após um degelo precoce e rápido, e ruidoso. Parecia haver vozes misturadas à água, como as de uma raça de homens que vivesse na correnteza. Quando Gilbert começou a recitar Virgílio, *Uere nouo, gelidus canis cum montibus humor liquitur*, Howard adentrou a boca do eremita com o alicate, agarrou o dente fétido e puxou com toda a força. O dente nem se mexeu. Howard o soltou. Gilbert pareceu desnorteado por um momento e então perdeu os sentidos mais uma vez, ficou estendido de costas, as moscas o seguiram de perto da posição vertical à prostrada. De início Howard esteve convencido de que seu cliente tinha morrido, mas um sibilo úmido saído das narinas do eremita, cercadas de moscas, indicou que ele ainda podia ser contado entre os relativamente vivos.

A boca do velho estava escancarada. Howard montou nos ombros do homem e agarrou o dente com o alicate. Quando finalmente conseguiu arrancá-lo, o rosto e a barba de Gilbert estavam cobertos de sangue. Mais um punhado de água do rio reviveu o paciente. Quando viu Howard à sua frente com o alicate ensanguentado numa mão e um dente de raiz extraordinariamente longa na outra, Gilbert desmaiou.

Duas semanas depois, os latidos de Buddy, o Cachorro, acordaram Howard. Ele se levantou da cama e foi à porta da cozinha para ver se havia um urso ou uma vaca perdida no jardim. Encontrou na soleira um pacote envolto num couro engordurado e malcheiroso, atado com uma corda que Howard reconheceu como a do tipo que ele vendia. De pé sob o luar, desatou a corda e abriu o embrulho. Sob o couro havia uma camada de veludo vermelho. Howard abriu o veludo e ali, novo como no dia em que fora impresso, as folhas ainda não cortadas, estava

um volume de *A letra escarlate*. Howard abriu o livro. Na folha de rosto estavam inscritas as palavras *Para Gilbert, o "Caipira": em homenagem às memórias partilhadas de dois jovens no auge de suas jornadas. Do seu amigo fraterno, Nath'l Hawthorne, 1852*.

Quando o gelo derreteu no ano seguinte, Howard apanhou seu cachimbo na gaveta da carroça e o esfregou na coxa da calça, soprou no fornilho e o guardou no bolso da jaqueta. Montou uma trouxa com os víveres de Gilbert e seguiu a pé pela trilha indígena. Não havia sinal do eremita. Howard seguiu pela trilha todos os dias durante uma semana, mas Gilbert não apareceu. No sétimo dia, Howard se desviou da trilha, sentou à margem do rio e fumou um cachimbo cheio do tabaco que embrulhara para o eremita. Enquanto fumava, escutou as vozes na correnteza. Murmuravam sobre um lugar nas profundezas do bosque onde jazia uma ossada numa cama de musgo, sobre a qual uma tropa de moscas enlutadas havia guardado vigília no outono prévio até que o gelo chegasse e elas, também, sucumbissem.

Isto é um livro. É um livro que achei numa caixa. Encontrei a caixa no sótão. A caixa estava no sótão, debaixo das calhas. O sótão estava quente e silencioso. O ar estava rançoso, empoeirado. O pó vinha de fotografias e livros velhos. O pó do ar era feito do livro que encontrei. Respirei o livro antes de vê-lo; provei o livro antes de lê-lo. O livro tem uma capa vermelha, marmorada. Tem folhas grandes. As folhas são feitas de um papel grosso da cor de amêndoas descascadas. O livro está todo escrito à mão. Está escrito em tinta azul. A tinta é pesada e se acumula em lugares como numa pintura. O papel não absorveu a tinta. A tinta teve de secar antes que o livro fosse fechado ou uma página virada. O azul da tinta é tão escuro que parece preto. O azul só é visível nos floreios finos das serifas ou nas linhas em que a pena calcou menos o papel. A letra parece a sua. O senhor parece ter escrito o livro. É algum tipo de dicionário ou enciclopédia. O livro está cheio de narrativas de eventos distantes, cobertos de uma luz fraca e fria do norte, pequenas construções de verões curtos. Vou ler um exemplo. Está confortável? Quer que eu abaixe a cama mais um pouco? Quer água? Não, está todo mundo dormindo. Quer que eu leia um exemplo? O senhor não se lembra de ter escrito isto? A letra parece muito a sua. Muito a minha, também, com os "efes" que parecem "esses" compridos cortados no meio. E a mistura de letra cursiva e de forma. Por que não começo do início, na primeira entrada? Não, sou o Charlie. O Sam está na casa da mamãe, dormindo um pouco. Não, acho que ele não fuma mais, não. Desde que pegou pneumonia no inverno passado. Sim, é claro, sempre podemos contar com a família, independentemente de todo o resto. A primeira é:

> Cosmos boreal: pele fina de céu e nuvem e montanha no lago plácido. Corpo d’água abaixo pulula de juncos e lodo e trutas (cerrados em pele diurna e pele noturna e pálpebras de gelo), que fisgamos com linha de seda armada com fragmentos de pelo ou penas vívidas. Pele feito vidro feito fluido feito pele; nossas palavras corriam pela lustrosa superfície (a refletir lua nascida, giros de estrelas, morcegos rasantes), bastava pois sussurrar sobre a placa larga. Verdes patos floriram pó, secos sob estrelas, brilhando em branco, saídos de sementes, elevando-se do húmus no fundo do lago e medrando da pele d’água. Sussurramos entre as galáxias, Quem precisa de Marte?

Como é estar cheio de luz? Como é ser rachado por dentro por um raio? Howard imaginava que fosse como o irromper de uma convulsão. Embora nunca as recordasse, tinha a sensação de que, apesar do frio antes e dos calafrios depois, durante as convulsões seu sangue fervia e seu cérebro quase fritava na frigideira do crânio. Era como se houvesse uma porta secreta que se abria sozinha, dando para um temporal a rodopiar lá fora, em algum canto nas margens do sistema solar. Imaginava a porta. Fechada, era invisível, oculta nas cores do mundo (ficava no exterior; movia-se). Aberta, era de carvalho maciço; abria-se para fora. Tinha uma maçaneta de madeira, pois a eletricidade do outro lado poderia irromper por uma peça de metal. Howard frequentemente se perguntava se haveria uma maçaneta no lado externo da porta. Em seu pensamento, não tinha como saber, pois a porta fechada não se via e, quando aberta, o lado pintado em luz e sombra, relva e água, ficava voltado para a direção oposta. A passagem aberta emoldurava uma vastidão negra. Ali estava a escuridão do universo em torno de um cata-vento de luz. Agulhas de eletricidade saltavam do redemoinho de centelhas. A maior parte dessa luz brilhava e sumia num instante. Mas quando uma das cargas encontrava o caminho da porta, para dentro de Howard, prendia-se com força; firmava-se a algo no interior dele e não soltava. Nas horas frias, rotas, dormentes após uma convulsão, prevalecia o desconcerto; o cérebro empolado de Howard crepitava e cintilava em azul por trás dos olhos, e ele ficava ali tombado, de queixo caído, envolto num cobertor, desnorteado após sua dieta de luz. Era como se algum ser bem-intencionado quisesse lhe dar um presente especial e o alimentasse com uma colherada da voltagem que havia atrás da porta. Não, nem mesmo um ser. Havia a porta, ou talvez as portas, ou talvez nem mesmo portas, só as cortinas e os murais deste mundo e aquele universo jorrando estrelas, geralmente obscurecido por eles — pelas cortinas e pelos murais —, e Howard, por um acidente congênito, provava a matéria crua do cosmos. Almas outras, maiores e inumanas, talvez se nutrissem de tal

banquete. Anjos, quiçá, pensava Howard, mas a imagem que tinha dos serafins, com seus longos cachos loiros e túnicas brancas esvoaçantes e auréolas douradas, não correspondia à espécie mais aterrorizante, obscura e poderosa que ele conjurava, que se empanturrava e se deliciava com aquilo que, ingerido por Howard, em vez de saciar, rebentava de imediato as suturas de seu corpo magro. A aura, com as faíscas e o formigamento de uma convulsão próxima, não era o relâmpago — era o ar cozido que o relâmpago empurrava à sua frente. A verdadeira convulsão era quando o raio tocava a carne e, num instante tão atômico, tão quase imaterial, quase incorpóreo, praticamente não havia antes e depois, nenhuma causa A que levava a efeito B, mas, ao contrário, apenas A, apenas B, sem qualquer *então* no caminho, e Howard se tornava energia pura e inconsciente. Era como o oposto da morte, ou um pouco do mesmo do que a morte era, mas numa direção diferente: em vez de ser esvaziado ou extinto ao ponto da despersonalização, Howard era preenchido, transbordado ao mesmo estado. Se a morte era cair abaixo de algum limite humano, as convulsões o catapultavam para além desse limite.

Talvez, pensava Howard, as cortinas e murais e anjos em pastel sejam um ato de clemência, um reflexo fosco de coisas propícias à fragilidade dos seres humanos. Sempre que observava os anjos na Bíblia da família, porém, Howard via suas auréolas radiantes e túnicas resplandecentes e tremia de medo.

Noventa e seis horas antes de morrer, George disse que queria se barbear. Era profundamente meticuloso para se vestir. Seus paletós e camisas eram sempre feitos à medida, quando não do melhor tecido ou à última moda. Os pelos de seu rosto cresciam em manchas feiosas; ele jamais poderia ter deixado crescer a barba ou o bigode, se um dia o quisesse. Por isso, fazer a barba era ainda mais importante para ele. Se passasse um dia sem se barbear, seu rosto de bebê, salpicado de pelos esparsos, dava-lhe a aparência de um inválido ou de uma criança grande incapaz de cuidar de si mesma.

Minha nossa, quando foi a última vez que me barbeei? Que tal fazer a barba? Correu os olhos pela sala, vendo a família. Ali estava sua mulher, as duas filhas, Claire e Betsy, uns poucos netos adultos e a única irmã que lhe restava, Marjorie, bufando, sufocada pelo grosso colar ortopédico que usava para se tratar da última torção no pescoço. O colar estava envolto numa meia de linho castanho que combinava com seu terno. Apesar de ter sofrido de asma por toda a vida, fumava seus longos cigarros de mulher na varanda dos fundos, batendo as cinzas com o polegar, de braços cruzados, respirando em baforadas sibilantes de fumaça azul. Guardava o maço numa caixa aveludada com um fecho dourado. A caixa tinha um bordado de contas marrons num desenho de chafariz. Escutou o

irmão enquanto jogava o cigarro nos arbustos de azaleia e voltou para a sala. A porta de tela bateu às suas costas, uma batida impiedosa naquele silêncio fúnebre. (Na manhã em que George fora levado ao hospital, sentindo-se pior que o habitual, seu programa do dia era uma jornada à loja de ferragens para comprar um novo braço hidráulico para a porta; o velho braço já não oferecia resistência alguma.)

Por que ninguém barbeou o Georgie? Quem vai barbear o Georgie? É horrível. O Georgie está um espanto. Meu Deus, ele está *horrível*.

Um dos netos, Samuel, disse, É, tia Margie, a senhora tem razão. Temos que deixar esse bode velho apresentável. Eu vou barbear o vovô. Comece a rezar, vovô, e não se mexa. Ele queria estrangular a tia-avó, matá-la e então fumar todos os seus cigarros.

George disse, Estou ferrado.

Sam disse, Se prepare para o suplício.

George disse, Suplício foi o que eu passei na noite *passada*.

Sam voltou à sala com uma bacia de água escaldante e uma toalha quente, creme e um aparelho de barbear de plástico, barato e descartável, que sua avó encontrara numa cesta debaixo da pia do banheiro cheia de produtos de cosmética sem uso, cobertos de crostas de sabão. Sam não conseguiu encontrar o aparelho elétrico do avô, e George não recordava onde o pusera. Ninguém teve a presença de espírito de correr até a farmácia e comprar uma lâmina nova. Sam apoiou a toalha quente no rosto do avô, desejando fumar e não ter que barbear o avô diante de uma plateia tão espremida e histérica. A cabeça de George tremia um pouco em virtude do mal de Parkinson. O tremor parou quando Sam segurou seu rosto. Sam retirou a toalha, agitou o tubo de creme de barbear e apertou o botão. O tubo era velho, tinha sido escavado junto com o aparelho de barbear no armário debaixo da pia do banheiro. Como George geralmente usava um aparelho elétrico, não precisava de creme. O tubo estava enferrujado no fundo, a marca já nem era fabricada. Espirrou e cuspiu uma baba branca na mão de Sam.

Sam disse, Não se preocupe com a lenha, mãe.

George disse, O papai está vindo para casa com um carregamento.

Sam agitou o tubo novamente e, desta vez, surgiu uma massa de algo mais parecido a um creme de barbear. Passou a espuma no rosto e no pescoço de George. Começou pelas bochechas, raspando a lâmina somente na direção dos pelos. Não teve problema em barbear as bochechas. O lábio superior foi mais difícil, o inferior ainda mais.

Marjorie disse, Não vá *cortar* o George.

As filhas de George fizeram uma careta. Betsy, a mãe de Sam, disse, Com cuidado, e expôs os dentes para Sam, expressando perigo e

preocupação e apoio.

A mulher de George, avó de Sam, disse, Também no queixo; ele sempre esquece o queixo.

Sam disse, Um cigarro.

George disse, O quê?

Sam disse, Nada. Não se mexa, sr. Kresge.

Sr. Kresge, eu tenho uma grave reclamação, a tinta barata que o senhor me vende não presta, não!

Passou então à papada, a bolsa de pele frouxa entre o queixo e o pescoço, correndo a lâmina em golpes curtos e leves. Sam esticou a pele daqui para lá, raspando o rosto macio de George com cuidado. O esforço exauriu Sam, e sua ânsia por nicotina o levou a barbear o avô de forma mais descuidada. Quando pensou ter terminado e limpou o que restava de creme no rosto de George, viu que ainda sobrara uma mancha de pelos numa dobra de pele no pescoço. Em vez de aplicar mais água quente e creme, Sam disse, Espere, esqueci uma parte; esticou a pele com o polegar e avançou sobre os pelos com a lâmina. A lâmina agarrou a pele e abriu um corte.

Merda, disse Sam.

George disse, O quê?

Sangue!, disse Marjorie.

O corte não foi profundo, mas era impressionante o quanto sangrava, emitindo uma coluna de vermelho pelo pescoço de George, ramificando-se em vários afluentes ao alcançar as rugas e pregas da pele, manchando a gola da camisola de hospital branca e obrigando-os a realizar o complexo esforço de trocar as roupas ensanguentadas de George por outras limpas, um processo mais complicado do que sugere sua mecânica simples, pois exigia que filhas e netos rolassem o corpo nu do avô, pálido e indefeso, de um lado para o outro. Marjorie teve de ser retirada da sala nesse momento.

Ela viu os ombros e o peito nu de George e disse, Isto é *horrível*! Alguém faça *alguma coisa*! De seus olhos brotaram lágrimas, e ela gemeu.

George não sentiu nada. Quando o sangramento foi estancado e um curativo plástico foi colocado sobre o corte, com George já vestido numa camisola nova, apoiado nas almofadas, Marjorie, acompanhada dos outros mais perplexos da família, retornou à sala. Sam entregou a George um espelho. George olhou surpreso para o próprio reflexo, como se, após uma vida inteira vendo-se em espelhos e janelas e metais e água, agora, no final, um estranho rude e impaciente tivesse de súbito tomado seu lugar, um homem ansioso por entrar em cena, embora sua deixa fosse a saída de George.

Isso enviou uma nova sensação de alarme pela sala, e Sam logo disse, Bem,

que tal? George ergueu os olhos, confuso. Sam disse, A barba. George olhou para o neto, perdido. Sam inclinou o rosto muito de leve na direção do avô, sem desviar os olhos, e perguntou outra vez, com uma voz mais calma, O que achou da barba?

George disse, Ah! A *barba*! Muito, muito boa. Estou bonito de novo.

Sam disse, Como Martim, o marujo mirim.

George disse, Ah, esse era um moleque *precavido*!

A estrada sulcada corria entre duas encostas suaves. As árvores que cresciam nas encostas se inclinavam para a estrada, os ramos mais baixos roçavam a grama. O sol já baixava, e havia um brilho nas copas das árvores e um brilho na grama alta, e no meio um grupo de sombras se reunia, pendurando-se aos ramos mais baixos. Howard conduzia a carroça pela trilha e tinha a sensação de que, depois de passar, as sombras vazavam da beira da floresta e desciam até a estrada de terra. Também atrás dele, acompanhando as sombras, os animais vinham pastar na beira da estrada, e uma raposa-vermelha de patas pretas atravessava correndo a via iluminada, de escuridão a escuridão. Para Howard, aquela era a melhor parte da tarde, quando dobras da noite se misturavam a faixas do dia. Ele resistia ao desejo de parar a carroça, dar uma maçã a Prince Edward e engatinhar até as sombras, sentando-se em silêncio e tornando-se parte da lenta torrente da noite, ou de parar a carroça e simplesmente ficar sentado ali no banco e ver as sombras se aproximarem e acumularem em torno das rodas da carroça e dos cascos de Prince Edward e por fim chegarem às solas de seus sapatos e depois aos tornozelos, até que burro, carroça e homem ficassem submergidos na maré alta da noite, porque os segredos se reuniam nas sombras à margem do bosque farfalhante e o esperavam passar, e lhe arrepiavam os pelos dos braços e da nuca e lhe apertavam o crânio ao senti-las inundar, invisíveis, a estrada a seu redor, dissipando-se sempre que ele lhes voltava sua atenção direta, espalhando-se logo além de seu campo de visão. A verdadeira essência, a fórmula secreta da floresta e da luz e da escuridão era por demais fina e sutil para ser observada *com meu olho rombo — saco de água e nervos, também fino, também milagre: pega-luz. Mas a coisa em si não é floresta e luz e sombra, mas algo esparramado por meu olhar grosseiro, por minha intenção tola. O manto de folhas e luz e sombra e brisa revolta talvez se abra e me dê um vislumbre do que há no outro lado; um ponto talvez se rompa ou seja cortado com empenho. O tecelão talvez tenha dado um laço frouxo na folhagem de um bordo à beira da estrada, e esse laço, feito sabe-se lá de que linha — luz, gravidade, o escuro das estrelas —, foi de algum modo desfeito pelo vento em seu temor constante de botões brancos e folhas verdes e folhas em sangue e laranja e ramos nus e duas peças daquilo*

com que o mundo é tecido se soltam e separam e talvez pelo buraco só passasse um dedo, que eu tive a sorte de vislumbrar desta carroça de gavetas nas folhas reluzentes e a ligeireza de escalar o baú prateado e a bravura de meter o dedo no rasgo, que quiçá ofereça ao simples toque uma dose de tranquilidade e reconforto.

Disso eram feitos os devaneios de Howard quando Prince Edward puxava a carroça com animal certeza pelas estradas de terra cobertas de árvores e Howard caía numa espécie de estupor desperto no qual sua mente era como a de uma pessoa que dorme mas que tem os sonhos compostos por seus olhos abertos.

> Crepúsculo boreal: 1. Brilham as bétulas em branco e prata no ocaso. As bétulas descascam como pergaminho. 2. Piscam vaga-lumes no mato espesso e luzem halos sobre a sebe. 3. Entre as árvores, o espaço é carvão em brasa. 4. As raposas se atêm às sombras. Corujas olham dos galhos. Ratos fazem breves coleções.
>
> Outro relógio incrível do qual o autor teve o prazer de ouvir é a clepsidra dada pelo rei da Pérsia a Carlos Magno em 807.
>
> O homem primitivo sempre buscou métodos de captar o tempo mais precisos que o de lançar as sombras da carruagem de Apolo sobre um disco de ferro graduado (pois o que fazer quando o Sol afundava atrás dos montes no Oeste?) ou o de queimar óleo numa lâmpada de vidro marcada em intervalos, de modo que as horas brutas pudessem ser colhidas do óleo desaparecido. A alma lógica e sensível que talvez um dia, ao repousar nas margens de um córrego encrespado, pôde ouvir, nesse estado entre o sonho e o despertar durante o qual tantos homens parecem mais receptivos a vislumbrar as polias e cabrestantes que içam as nuvens, os bramidos celestiais que impulsionam os ventos, os dentes e rodas que giram o globo, pôde ouvir uma regularidade na harmonia argentada da água sobre as rochas, essa alma nos é desconhecida. Permitam-nos observar, então, que basta o removermos da profusão do passado, talvez vesti-lo com sandálias grossas e uma mão estável, um coração aberto à natureza e uma mente dedicada ao avanço da humanidade, e, admirados, vê-lo remexer e ajustar e persistir sobre várias máquinas até chegar a um mecanismo que marque o tempo pelo fluxo constante da água em suas entranhas. Digamos seu nome, até: Ctesíbio de Alexandria, e lhe concedamos o mérito de haver construído a máquina antecessora àquela entregue pelo árabe a Carlos Magno para gotejar os instantes de seus últimos sete anos. Primeiro, um fluxo constante de água destila de um reservatório a um receptáculo. No receptáculo há uma boia à qual se fixa uma haste vertical. Montada no topo da haste, uma

figura (podemos imaginá-la de turbante e túnica, uma barba negra e um olhar negro, feroz). A figura tem um ponteiro (novamente, podemos imaginar este ponteiro em forma de flecha ou de lança, que o guerreiro atira num adversário invisível). A figura se ergue à medida que a água enche o receptáculo. Seu ponteiro sobe ao longo de uma coluna calibrada com os vinte e quatro traços das horas do dia. Quando a figura chega à vigésima quarta linha, a água do receptáculo no qual flutua o guerreiro atinge um sifão. O sifão esvazia o receptáculo, e a figura descende ao nível da primeira hora; isto é, do meio da noite.

O relógio oferecido a Carlos Magno não tinha essa singular figura, e sim um mostrador contendo doze portas. Na hora certa, a porta certa se abria e soltava o número certo de pequenas esferas douradas, que caíam uma por vez num tambor de metal coberto por um quadrado teso de pele de cabra. Quando chegava a meia-noite e as doze esferas marcavam doze batidas, doze cavaleiros em miniatura cavalgavam fechando as doze portas.

— de *O horologista lógico*,
Reverendo Kenner Davenport, 1783

George estava desidratado noventa e seis horas antes de morrer. A mais nova de suas duas filhas, Betsy, sentada ao lado da cama, tentava lhe dar água. O hospital tinha fornecido dúzias de esponjinhas cor-de-rosa em hastes de papel, em embalagens individuais. As esponjas deviam ser mergulhadas em água e então chupadas por pacientes enfermos demais para beber de um copo. Para Betsy aquela imagem era absurda, seu pai parecia um bebê chupando um pirulito. Tentou fazê-lo beber diretamente do copo.

Você deve estar com tanta sede. Não quer tomar um gole inteiro, em vez de chupar essa esponja horrível? Não conseguia apagar da mente a imagem do pai chupando uma esponja de cozinha suja resgatada do fundo da pia.

George disse, Ah, isso seria ótimo. Nossa, que sede. Quando Betsy levou o copo aos lábios do pai e o inclinou de leve, George olhou para ela e toda a água correu por seu queixo. Quando Betsy embebeu uma das esponjas e a pôs na boca de George, ele quase a engoliu, com palito e tudo. George engasgou e arquejou. Betsy puxou a esponja, que estava coberta de um muco branco e espesso.

Que bom, disse George. Estou com tanta sede.

Ele estava morrendo de insuficiência renal. Sua morte teria como causa última o envenenamento pelo ácido úrico. Qualquer alimento ou água que conseguisse consumir jamais sairia de seu corpo.

Betsy disse à sua irmã, à mãe e aos filhos, Ele parece ter tanta sede. Precisa de água.

Sam, seu filho, disse, A sede é o menor dos problemas. De qualquer jeito, já não é assim; ele *vai morrer*.

(Na primavera seguinte à morte de George e seu enterro no cemitério local, Betsy plantou gerânios vermelhos diante da lápide, na qual estava inscrita a data errada do nascimento da esposa de George. Que, disse a mulher, vocês podem conser-
tar quando eu bater as botas e for preciso acrescentar *essa* data. Betsy cuidou dos gerânios até o outono. Todos os dias, após o trabalho, calçava os tênis e percorria a pé os três quilômetros que separavam sua casa do cemitério; conversava com o pai e regava as flores. Havia uma torneira vermelha, e o zelador lhe emprestava um galão de leite de dois litros. Betsy enchia o galão e o despejava nas plantas cinco vezes, até que estivessem cobertas por dez centímetros de água lamacenta. Riachos prateados corriam do túmulo entre a relva verde. Se o jazigo não ficasse na encosta de um morro, de onde a água logo escorria, as flores teriam morrido afogadas em menos de uma semana.)

> Tempestade boreal: 1. O céu prateou. O lago prateou da prata no céu. Era uma piscina de mercúrio. O vento soprou e as árvores mostraram o verde-prata no verso das folhas. O céu passou do prata ao verde. Fomos ao cais, aos nossos botes a remo atados pela proa a cunhos de alumínio. A madeira do cais estava pintada de um branco prateado. Ajoelhamos à beira do cais e nos aproximamos da água, de modo que a pele prata do céu desapareceu e vimos ramos e mato e peixes e sanguessugas repletas de sangue a se contorcer. Não as víamos, mas sabíamos que pequenas trutas de barriga prateada pairavam longe de nossa visão, a vários metros dali, logo abaixo do ponto em que a pele do céu recomeçava, depois de nossos botes. As trutas eram invisíveis na água, o dorso verde como o mato e o verde-negro do capim-d'água, até se virarem e romperem a pele d'água para comer insetos, mostrando o ventre verde-prata. 2. O vento penteou os abetos que coroavam o lago como um cochicho, como o murmúrio de velhos resmungando sobre a tempestade atrás do monte. A tempestade surgiu de trás da montanha, envolvendo o pico. Relâmpagos rastejaram pela encosta e beberam da água, lamberam o raso com línguas elétricas, atordoando sapos de olhos fúlgidos e trutas e peixes prateados. O trovão estalou feito um tronco em queda e sacudiu a cabana ao palmear a pele d'água.

Uma tempestade tardia de primavera encobriu os últimos narcisos e as primeiras tulipas com montículos de neve, que derreteram quando o sol ressurgiu. A neve pareceu reanimar as flores; suas raízes beberam do degelo, seus ramos se endireitaram com a bebida fria; as pétalas, flexíveis e viçosas, foram poupadas

da capa quebradiça de uma verdadeira geada. A tarde ficou cálida, e com o calor surgiram as primeiras abelhas, e cada abelhinha se acomodou num botão amarelo e mamou como um recém-nascido. Howard freou Prince Edward, apesar de estar atrasado em sua ronda, deu ao burro uma cenoura e adentrou o campo cheio de flores e abelhas, que pareciam não se importar nem um pouco com sua presença, que de fato pareciam, no cativeiro da primavera, completamente inconscientes de sua presença. Howard fechou os olhos e inspirou. Sentiu cheiro de água fria e do verde frio, intrépido. Aquelas primeiras flores cheiravam a água fria. Sua fragrância não era o perfume imóvel do verão pleno; era o aroma mineral do verde frio, cru. Agachou-se para fitar um narciso. Sua coroa de seis pétalas estava inteiramente aberta, como um vívido sol em miniatura. Uma abelha rastejava na flor, massageando estigma e antera e estilete. Howard se aproximou o máximo que a coragem lhe permitiu (imaginou-se aspirando a pobre abelha pelo nariz, a ferroada subsequente, a lastimável ferida, a criatura arrancada da flor e morta de costas na grama plana e fria) e inspirou outra vez. Ao frio mineral e penetrante se mesclava um aroma mais leve, doce, que perdia intensidade quando Howard inspirava mais fundo para senti-lo melhor.

O campo era um terreno baldio. Os escombros de uma velha casa, arruinada havia muito, erguiam-se no final do terreno. As flores deviam ser a última geração de perenes, cujos ancestrais teriam sido plantados por uma mulher que vivera nas ruínas quando as ruínas eram uma casa rude e sem pintar, habitada por ela e por um marido sério e esfumaçado e talvez um par de filhas caladas e sérias, e as flores eram um ato de resistência contra o terreno rude e infrutífero, com aquela casa rude que surgia da terra como um ato de loucura inevitável e necessária, porque os seres humanos precisam viver em alguma parte e em algo e aqui é tão escandaloso como lá porque nos dois lugares (em qualquer lugar) parece uma interrupção, uma intrusão em algo que, por mais que ela lesse na Bíblia, E que eles reinem, parecia desfigurado, disperso, derrotado no momento em que as pessoas chegavam com suas vozes catastróficas e serras e arados e se punham a cantar e martelar e entalhar e erigir. Por isso as flores talvez fossem um bálsamo ou, se não um bálsamo, uma espécie de gesto representando o bálsamo que ela aplicaria se tivesse o poder de oferecer consolo. As flores entre as quais Howard caminhava agora eram as últimas poucas herdeiras daquele breve lapso local de desastre e regeneração, e ele se sentiu próximo ao tipo de segredo sobre o qual tantas vezes se pegava cogitando, as revelações das quais só se dava conta de ter proximidade após tomar consciência dessa proximidade, e esse fenômeno, o de se tornar consciente, era justamente o que o afastava, de modo que qualquer fragmento de discernimento ou de apreensão só era possível

em retrospecto, como uma sorte de impressão posterior que permanecia mas não era acessível pelas palavras. Pensou, Mas como será entre relva e flores e luz e sombra?

Abriu uma gaveta na carroça e retirou uma caixa de alfinetes, que riscou do livro de inventário e pagou do próprio bolso com dois centavos foscos. Uniu quatro gravetos, atando-os com lâminas de capim. Depois selecionou mais folhas de capim, segundo a largura. Acomodou-as na moldura quadrada e fixou-as aos gravetos com os alfinetes. Esticou demais as primeiras folhas, e os alfinetes rasgaram o capim. Por fim encontrou a pressão exata, a tensão que as folhas suportariam antes de rasgar na direção da fibra sob a coluna do alfinete. Espetou as lâminas de modo alternado, uma disposta da base à ponta, da esquerda para a direita, a seguinte da ponta à base, de modo que o mato fizesse uma tela de verde contínuo sobre o quadrado. Quando terminou de prender a última folha à moldura, abriu outra gaveta na carroça e retirou uma tesoura de costura. A tesoura vinha numa caixa de papelão pardo com um desenho do instrumento cortando tecido de um rolo. Estava envolta num quadrado de papel branco duro, manchado. Howard a desembrulhou com cuidado e aparou o capim de modo que se conformasse aos limites do quadrado. Cortou usando apenas a ponta da tesoura e, ao terminar, limpou as lâminas, esfregando-as com a barra da camisa (deixando manchas verde-grama em forma de seta), e envolveu a tesoura em seu papel e a pôs de volta na caixa e pôs a caixa de volta na gaveta. Segurou o objeto ao vento, à espera de uma nota. Segurou o objeto diante do sol, e o verde se acendeu num painel luminoso.

Flores silvestres salpicavam o terreno junto às perenes. Howard colecionava ranúnculos amarelos (*habitat: velhos terrenos, campinas, áreas perturbadas*) e pequenos botões brancos que estremeciam ao vento e cujo nome ele não sabia. Entrelaçou as flores pelos caules em sua tela de grama, alternando as amarelas com as brancas. Trançou cem botões. Os cervos vieram pastar nas sombras longas. Quando Howard ergueu os olhos, o dia já quase havia passado. Esqueceu-se da ronda. O único dinheiro que tinha na caixa eram os dois centavos que tirara do próprio bolso para pagar os alfinetes. Dessa quantia, seu agente Cullen detinha um centavo inteiro e quase todo o outro. Howard pensou em retirar essa lasca de centavo, leve como uma unha cortada, o ângulo convexo fosco e sujo, o côncavo brilhante e limpo, e voltar para casa, encontrar Kathleen e depositar a prata em sua mão aberta. Pensou na surpresa e na raiva habitual de Kathleen, e nessa raiva transformando-se de novo em surpresa e então em deleite quando ele mostrasse sua tapeçaria de grama e flores que trazia escondida nas costas e a colocasse nas mãos da mulher. Kathleen a examinaria por um lado e pelo outro, segurando-a entre ela e o lampião a óleo, do modo como Howard

fizera com o sol, para ver a luz iluminar o verde vivo. Seguraria a tela diante do rosto e cheiraria as flores e os caules feridos. Seguraria a tela sob o queixo voltado para cima e perguntaria se Howard enxergava os reflexos dos ranúnculos, e riria. Kathleen diria, Essas brancas se chamam flor-da-páscoa.

Howard estremeceu, frio de súbito. O verão iria temperar a terra gelada, mas por ora a água era tão mineral e dura que parecia ressonar. Howard ouviu a água reverberar pela terra ao redor das raízes. A água cobria o capim até a altura dos tornozelos. As poças vibraram, e a luz jogada sobre elas através das nuvens tremulou e pareceram címbalos. Era como se pudessem soar se percutidas com um graveto. As poças tiniram. A água tiniu. Howard largou sua tapeçaria de mato e flores. As abelhas zumbiram, unindo-se ao acorde pulsátil que tinia. O campo tiniu e girou.

Oitenta e quatro horas antes de morrer, George pensou, Porque são como ladrilhos soltos numa moldura, com espaço suficiente para apenas se mexer, mesmo que só uns poucos por vez e num só lugar, e assim não parecem se mexer, e sim o espaço vazio entre eles, e esse espaço vazio é o espaço faltante, os últimos muitos pedaços de vidro colorido, e quando esses pedaços estiverem no lugar será a imagem final, o mosaico final. Mas essas peças, lisas e brilhantes e laqueadas, são as pedras escuras da minha morte, em cinza e preto, e branqueadas, drenadas, e até estarem no lugar todo o resto continuará a se mexer. E assim este final confuso, em que quando as coisas param eu nunca chego a saber, e este movimento é esse espaço, é o que ainda está por ser, que é para os outros verem preenchido onde quer que esteja por fim na moldura quando as últimas peças se encaixarem e as outras se detiverem, e ali estará o mosaico imóvel, o arranjo final, mas nem mesmo isso, porque essa finitude final terá ela mesma um movimento, uma reunião de ladrilhos, que geralmente se manterão unidos mas se moverão dentro de um outro todo e serão misturados de incontáveis maneiras nas memórias dos outros, de modo que eu continuarei como um conjunto de impressões porosas e abertas à combinação com todos os outros quadrados vítreos pairando a esmo nas molduras de quem seja, pois sempre sobra espaço para o que resta de seus tempos, e para os meus netos, com mais espaço que ladrilhos, eu não serei mais que o arranjo turvo de um conjunto de rumores, e para meus bisnetos não serei mais que o matiz de alguma cor obscura, e para os bisnetos deles algo do qual nunca saberão, e assim o exército de estranhos e fantasmas que me moldou e coloriu até Adão, até o dia em que as costelas foram sopradas de areia derretida em fragmentos de vidro colorido que receberam a luz deste mundo pois deste mundo foram feitos, embora os moradores passageiros desses fragmentos de vidro colorido os tenham

abandonado antes de terem o mais remoto entendimento do que é habitá-los, e se eles — se somos afortunados (sim, tenho sorte, sorte), e se somos afortunados, há instantes passageiros em que estamos satisfeitos por termos o mistério para sobre ele refletir, se nunca para resolver, ou mesmo uma mera abundância de mistérios pessoais, que dirá os externos — chega a haver mistérios externos?, um enigma em si mesmo — mas, de qualquer forma, mistérios pessoais, como onde está o meu pai, por que não consigo parar tanto movimento e olhar por sobre os vastos arranjos e encontrar, pelos contornos e cores e qualidades de luz, onde meu pai está, não resolver nada, apenas ver uma última vez, antes do quê, antes de terminar, antes de parar. Mas não para; apenas termina. É um disperso desenho final sem algo como uma pausa no fim, no fim do quê, no fim disto aqui.

Howard ficou parado sob a porta escura, frio, úmido e enlameado. Eram nove da noite — quatro horas após o jantar e uma após a hora de dormir das filhas, Darla e Marjorie, e de Joe, o caçula. A hora de dormir do filho mais velho, George, era mais ou menos agora, por causa de seu trabalho após o colégio, das tarefas da noite (dentre elas, colocar o irmão mais novo na cama, pois o garoto tinha dez anos mas com cabeça de três) e dos deveres de casa. A família estava sentada em volta da mesa de jantar, as duas meninas num lado, os dois rapazes no outro, a mulher Kathleen na cabeceira oposta, e a cadeira de Howard vazia, diante dela um prato de comida fria. Havia pratos cheios de comida fria diante de todos os filhos e da esposa. Confuso e exausto, o primeiro pensamento de Howard ao vê-los foi, As crianças devem estar quase histéricas. Howard
não sabia muito bem que horas eram, sabia apenas que era tarde e, pela segunda vez naquele dia, teve a sensação de estar no meio de uma espécie de sobreposição, como se ele, arrasado e semicongelado e ensanguentado, tivesse trazido a noite para dentro da sala de jantar e misturado a refeição da família na hora certa ao tempo atormentado trazido por ele. Não conseguiu ordenar a imagem, como se tivesse topado com um outro mundo no qual o jantar de família às nove da noite fosse perfeitamente normal. Kathleen olhou para Howard. Não disse nada. Howard não sabia ao certo se a mulher esperava que ele entrasse na sala, deixando um rastro de lama, e se sentasse à mesa e baixasse a cabeça e fizesse uma oração como sempre fazia — Agradeçamos, pois não há nada melhor — e então apanhasse garfo e faca e se pusesse a comer a porção fria e coagulada de comida como se estivesse quente e ele não estivesse sujo e cortado e encharcado e não fossem nove da noite e o mundo fosse como tem que ser em vez de como era.

Joe tirou o polegar da boca e disse, O papai tá cheio de lama!

Darla encarou o pai e disse, Mamãe, mamãe, mamãe!

Marjorie, com a respiração sibilante, disse, Pai. Você. Está. *Imundo!*

Joe disse, O papai tá cheio de lama! O papai tá cheio de lama!

Darla encarou a passagem escura onde Howard estava e disse, Mamãe, mamãe, mamãe, cada vez mais alto, num tom cada vez mais agudo, mesmo depois que Kathleen olhou para os filhos e, sem proferir uma palavra, disse-lhes que ficassem onde estavam e levou Howard à área de serviço para buscar roupas secas e limpar a lama de seu rosto e mãos com uma toalha.

George foi até Joe e disse, Isso mesmo, Joe, o papai está cheio de lama, mas a mamãe está limpando o papai, e aí a gente finalmente vai poder comer. George entregou a Joe seu cobertor, que o menino largara no chão de tanto entusiasmo.

Joe meteu um canto do cobertor no nariz e o polegar de volta na boca, mas continuou a dizer, O fafai tá cheio de lhaba, mantendo o polegar entre os dentes.

George foi até Darla, mergulhou o guardanapo da irmã no copo d'água e limpou sua fronte, dizendo, Está tudo bem, Darla, tudo bem, até que ela se acalmasse um pouco.

A mamãe tem que fazer alguma coisa, a mamãe tem que fazer alguma coisa, sussurrava. A asma de Marjorie a fazia chiar ao respirar, e sua voz saía como um guincho. Bom, falou, arfando, eu vou — parou para respirar, e outra vez, e outra, juntando ar para a palavra — *comer*. Esticou-se para alcançar o purê de batatas, já frio havia muito. Ao erguer a vasilha, perdeu a força e a largou de volta e tombou na cadeira. George virou a cadeira de Marjorie para longe da mesa e a ajudou a ficar em pé.

Você tem que ir para a cama, disse George. Vou preparar a sua nebulização. Não ligue para o que a mamãe falou. Vou levar um pouco de frango e batata.

Kathleen lavou Howard na área de serviço. Howard ficou sentado em silêncio, sentindo a língua, muito mordida, no céu da boca. Kathleen esfregou o rosto de Howard até suas bochechas ficarem em carne viva e brilharem tanto quanto o sangue que ela acabava de limpar. Howard disse, Lembro da minha mãe fazendo isso na primeira vez que aconteceu. Kathleen abotoou a camisa limpa que vestira no marido e disse, Agora você pode ir jantar com a sua família.

Quando terminaram de comer e tiraram a mesa e se trocaram para dormir, eram dez e quinze. Kathleen não agiu em momento algum como se houvesse algo de errado. Ignorou o espaço de quatro horas durante as quais mandou a ninhada ficar diante dos pratos e esperar por Howard. Quando Howard entrou pelo portão, tombado na carroça, puxado por Prince Edward, lento mas firme, e cambaleou até a porta, Kathleen retomou a noite como se fossem cinco da tarde, como se ela tivesse apenas corrido o ponteiro das cinco para as nove horas, ou apanhado e proscrito as quatro horas do meio, ou tiranizado a si mesma e às

crianças, forçando-as a uma espécie de anulação, deixando a cada uma delas e a si mesma uma carga extra de quatro horas que teriam de guardar e manejar pelo resto da vida, primeiro como uma perplexidade única, estranha e indigerível, e mais tarde como um prelúdio para a noite, quase um ano depois, em que ela e os filhos novamente se sentariam diante de pratos cheios de comida fria, à espera de Howard, à espera dos sons da carroça e do burro e da sela estridente, e dessa vez ele não voltaria nunca.

Depois que as meninas e Joe já estavam na cama e a cozinha estava limpa e Kathleen estava no quarto vestindo a camisola, Howard, ainda atordoado, ainda crepitando com a voltagem da convulsão, chamou George enquanto o rapaz guardava seus livros e os das irmãs e disse, George, eu... E George disse, Tudo bem, embora não estivesse, e como o pai e a mãe conseguiam esconder das crianças o espetáculo de uma verdadeira convulsão e agiam como se a epilepsia nem sequer existisse, os boatos sobre a doença, os estranhos eufemismos e os silêncios elípticos eram mais aterrorizantes que a situação que tentavam obscurecer. E George foi então para a cama. Howard arrastou os pés pela casa escura até a lareira de metal no salão e, como ainda sentia muito frio, abarrotou-a com troncos de bétula antes de finalmente ir se deitar.

Howard e Kathleen e as crianças acordaram todos ao mesmo tempo, logo antes do alvorecer, encharcados de suor. Arrastaram-se todos até o salão ao mesmo tempo, como sonâmbulos, e encontraram a lareira de metal brilhando, branca de calor, pulsando como carvão em brasa.

2

As manhãs começavam no escuro. Começavam com a arrumação da casa para o dia, para que o trabalho talvez já houvesse começado quando o sol se erguesse primeiro sobre o horizonte invisível e depois sobre os ramos das árvores escuras.

Encher o fogão de lenha. Encher o galão de leite. (Como aquele galão, que retumba ao bater nas pernas de George ao cruzar o jardim, racha a noite contínua, acorda as outras crianças, que fungam e bocejam e se enraízam mais fundo nas camas quentes, temerosas do ar frio e das tarefas matinais. Mamãe encontra Marjorie sentada na cama, chiando. Darla abre os olhos e diz, O sol está atrasado. O sol está atrasado! Ontem subiu mais cedo, com certeza! Mamãe! Tem algo errado! Joe é encontrado com um pé na perna errada do macacão, sorrindo e pedindo panquecas e xarope de bordo, sua comida preferida.) Trazer água. Acender o fogo.

As manhãs frias são repletas da mágoa pelo fato de que, embora não estejamos tranquilos neste mundo, é tudo o que temos, é nosso mas está cheio de discórdia, portanto tudo o que podemos chamar de nosso é a discórdia; mas até isso é melhor que não ter nada, não é verdade? E ao rachar madeira coberta de gelo com mãos dormentes, alegre-se em saber que a sua incerteza é a vontade de Deus e é Sua graça para consigo e que *isso* é belo, e parte de uma certeza maior, como o seu pai sempre dizia em seus sermões, e também em casa. E quando o machado morde a madeira, conforte-se com o fato de que a sua dor no coração e confusão na alma significam que você ainda está vivo, ainda humano e ainda aberto à beleza do mundo, embora não tenha feito nada para merecê-la. E quando se ressentir da dor no coração, lembre-se: você estará morto e enterrado muito em breve.

Howard se ressentia da dor no coração. Ressentia-se de tê-la ali toda manhã ao acordar, de que continuasse ali ao menos até se vestir e tomar um café quente, se não até ter levado uma carga de mercadorias à carroça e alimentado Prince Edward atado a um poste, se não até ter terminado a ronda, se não até cair no sono naquela noite, e se a dor não atormentasse seus sonhos. Ressentia-se por igual da dor e do próprio ressentimento. Ressentia-se do ressentimento porque era um sinal de suas limitações de força e de humildade, por mais que entendesse que esse era o tormento de todo homem. Ressentia-se da dor porque não a pedira, parecia imposta, uma sentença, e, apesar do estímulo que se dava

toda manhã, a dor o frustrava porque estava ali fosse um dia bom ou ruim, quer testemunhasse uma grande bondade ou uma pequena transgressão, sofresse um pesar sem origem ou um júbilo espontâneo.

Esta manhã — a manhã de segunda-feira após a manhã de sexta em que caíra uma neve de madrugada e Howard se detivera para observar um campo que já fora um lar e fizera, num estado de ausência, uma obra de ramos e capim e flores, que já se esquecera de ter feito, e então tivera uma convulsão e acordara congelado no campo e por fim percebera quem era e onde estava e tomara o caminho de casa —, esta manhã trouxe o medo de que se escondesse ali, em algum canto de uma das estradinhas que ele pretendia investigar, outra convulsão, um relâmpago enroscado atrás de uma pedra ou num toco de árvore ou no oco de um tronco ou nalgum ninho estranho e que sua passagem o fizesse saltar, explodir, e o transfixasse.

Tanta vaidade! Que insolência escolher-te para tanta atenção, boa ou má. Projetar-te acima de ti mesmo. Olha a copa do teu chapéu empoeirado: um feltro barato, murcho e remendado com retalhos do último chapéu murcho e remendado. Que coroa! Que rei és para merecer tal desprazer, que importância tens para que Deus pare o que quer que O ocupe e te arremesse raios na cabeça? Sobe mais alto, acima das árvores. A tua coroa já é difícil de ver entre a poeira da estrada e a terra das valas. Mas ainda és distinguível. Sobe mais alto, talvez até a altura em que os melros batem asas. Para onde foste? Ah, ali estás, creio. Aquele és tu, não és, essa manchinha que avança devagar? Bem, sobe então ainda mais, até o ventre das nuvens. Para onde foste? Agora mais alto, até onde, se não tiveres cuidado, talvez topes com o dedão nas montanhas da Lua. Onde foste parar? Deixemos-te de lado; onde está tua casa, teu condado, teu estado, teu país? Ah, ali estão! E agora mais, de modo que o teu cabelo e os teus cílios peguem fogo nas faíscas dos raios solares. Em qual desses corpos brilhantes governas teu reino de pó, tua carroça de sabão? Muito bem, naquele ali. Espero que tenhas razão — ninguém precisa de um latoeiro em Marte. E agora sobe de novo, além do oitavo planeta, batizado em homenagem ao rei do mar. E ainda mais, para além do sombrio nono, que por ora só existe nos sonhos dos homens lá de... Pois bem! Onde foste parar? A qual desses milhões de facetas cintilantes pertences? Onde é que laboras e martelas e cais ao chão e te agitas no mato?

O tempo melhorou, e nos domingos após o culto a família se sentava na varanda. A varanda ocupava toda a frente da casa e era contornada por uma cerca viva de flores do campo. No início de julho havia cenouras silvestres e campainhas, dentes-de-leão e não-me-esqueças, sargaças e violetas. Um canteiro de salgueirinhas, capim-milhã e cravo cruzava o gramado entre a varanda e a beira

da estrada. O piso da varanda era desigual, com uma leve inclinação de uma das pontas (onde ficava a porta de entrada) até a outra (logo após a janela, pela qual se via a mesa de jantar). Vista da estrada, a casa parecia se inclinar para a esquerda, e a varanda, para a direita — tinha-se a impressão de que só se mantinham em pé por se tracionarem mutuamente. Da lateral, porém, tinha-se a impressão oposta, de que tombavam uma sobre a outra e permaneciam de pé pelo peso que exerciam. Visto de qualquer ângulo, o lugar tinha um aspecto absurdo. As paredes pareciam prestes a desabar umas sobre as outras, e o telhado côncavo a tombar sobre a pilha, transformando a casa achatada num maço de cartas bem-ordenado.

A varanda não era pintada, e a madeira perdera a cor, ganhando um branco prateado. Quando o céu se enchia de nuvens, muitas vezes ficava da mesma cor que a madeira; faltavam-lhe apenas estrias para ser madeira, e à madeira faltava apenas um sopro de vento que a agitasse e a tornasse céu. Havia um ponto no chão, logo à direita da porta de entrada, que, quando pisado, fazia toda a varanda oscilar como se estivesse apoiada num galho. Havia duas cadeiras decrépitas, a primeira uma velha cadeira de balanço pintada um dia de vermelho e na qual Kathleen se sentava e abria vagens de ervilha ou feijão-verde e rugia, Fique aqui onde eu possa ver você, Joe, que andava pelo terreno ao lado. Howard se sentava na outra cadeira. Era velha, com um encosto em escada que fazia um paralelogramo com o chão e se inclinava para um lado ou para o outro, dependendo de como Howard se sentasse, e as tábuas do encosto desmontavam, por isso Howard tinha que ficar em pé a cada tantos minutos e bater as tábuas para que se encaixassem de volta. As crianças se sentavam em baldes virados com a boca para baixo ou em caixotes. Buddy, o Cachorro, e Russell, o Gato, ficavam deitados em manchas de sol. Darla e Marjorie ajudavam Kathleen: Marjorie quando não estava no andar de cima, na cama, sofrendo um ataque de asma causado por pólen e ambrósia, e Darla quando não via uma vespa ou aranha, que sempre, mais cedo ou mais tarde, acabava por ver e que a espantava de volta para dentro, gritando, na maioria das vezes passando pela parte instável do piso, o que obrigava a família a se equilibrar na varanda oscilante enquanto a menina fugia para as profundezas da casa. Howard e George jogavam *cribbage*.

Sete.

Quinze na segunda.

Vinte e quatro na terceira.

Trinta na quarta.

Vai.

Trinta e um na segunda.

Jogavam sem tabuleiro, e marcavam os pontos anotando-os nas margens das

páginas de quadrinhos do jornal. *O pai disse, George, não encontro o tabuleiro de* cribbage*, e eu disse, Engraçado, pai; deveria estar na varanda, onde deixamos. Fingi ajudá-lo a procurar durante uma hora até que ele desistiu e eu fingi desistir e usamos uma folha de um jornal velho para marcar os pontos. Eu peguei o tabuleiro. Roubei o tabuleiro e o levei à cabana do Ray, onde fumamos e jogamos* cribbage *apostando bolinhas de gude ou uma ponta de flecha.*

Você deixou passar um quinze, e o valete são mais três.

Muito bem. Você me pegou outra vez, George.

Estou sentindo cheiro de lavada.

Kathleen disse, George, vá buscar o seu irmão. Vá buscar.

Sem espiar.

Não espiei. George levantou do caixote.

Vá andando. E assim ele andou. Virou a esquina da casa e chamou o irmão, e quando o viu, preso numa árvore e mastigando um punhado de flores, apanhou uma pedra e a atirou nele. A pedra acertou Joe na orelha, e o menino começou a chorar. George disse, alto o suficiente para que a mãe e o pai o ouvissem da varanda, Ah, Joe, não chore. Vou tirar você daí. Joe, não chore. Vou trazer um copo d'água para lavar o gosto amargo das borragens e das margaridas.

E o que dizer dos barcos em miniatura construídos de casca de bétula e folhas caídas, lançados na água fria, clara como o ar? Quantas frotas foram carregadas para o meio de lagoas ou desceram córregos de outono, levando tesouros de bolotas, penas negras ou um intrigado louva-a-deus? Que esses engenhos sejam citados junto às naus de ferro que fendem o mar, pois são todos improvisos surgidos dos devaneios dos homens, e todos perecerão, seja pelas arremetidas do mar, seja por uma brisa de outubro.

E o que dizer das barcas feitas para queimar? Numa tarde ao pôr do sol, caminhando pelo bosque perto da casa após o jantar, Howard se deparou com George ajoelhado numa trilha, examinando algo no chão. O menino não o ouviu chegar, por isso Howard ficou quieto entre as árvores e observou o filho. George se levantou e correu de volta pela trilha até a casa. Howard o perdeu de vista, e um instante depois a porta da varanda foi batida com força. Howard foi até o local onde o filho se ajoelhara e encontrou nas folhas um camundongo morto, curvado como se dormisse. Estava morto havia pouco; a cabeça e os membros se abriram quando Howard o cutucou com o bico da bota, e em seguida o bicho se encurvou novamente. Howard ouviu a porta da varanda bater e se escondeu de novo na sombra das árvores.

George voltou até o camundongo, envolveu-o numa folha de jornal e atou a mortalha com firmeza, usando barbante de cozinha. Enfiou o camundongo

embrulhado numa caixa de fósforos vazia. Howard sentiu cheiro de querosene e entendeu que o filho havia embebido o jornal no combustível.

Havia uma pequena lagoa entre as árvores atrás do quintal. Todo ano a lagoa se convertia num ponto de paragem para um casal de patos e um pequeno bando de gansos canadenses. Tinha no máximo um metro e meio de profundidade. George às vezes pescava ali e apanhava trutas pequenas, que cozinhava numa fogueira feita na beira da água. Se fosse sábado, pescava ao pôr do sol, quando, no início do verão, havia libélulas que atraíam as trutas à superfície para se alimentar. A certa hora os morcegos saíam da escuridão, esvoaçando sobre a água para comer os insetos. Nesse momento George parava de pescar, porque os morcegos atacavam seu anzol de mosca e ele vislumbrava imagens horríveis de um morcego fisgado no anzol, tentando se libertar mas conseguindo apenas rasgar as frágeis asas ainda mais. Apanhar o morcego e retirar o anzol seria inimaginável, portanto a única escolha parecia ser sair correndo, deixando o animal se debater na ponta da linha, e voltar na manhã seguinte para buscar a vara na esperança de que uma raposa houvesse surgido e comido o morcego (e não engolido o anzol, passando então a se debater em algum lugar no meio do bosque, arrastando a vara de pescar pela linha tensa que corria agora de seu intestino até a garganta e lhe rasgava o canto da boca). Assim, quando os morcegos surgiam, George cozinhava os peixes que tivesse, se tivesse algum, via a escuridão assentar e voltava para casa.

George caminhou até a água, e Howard o acompanhou em silêncio, mantendo alguma distância. Na beira da água, George usou seu canivete para cortar uma tira da casca de uma bétula. Costurou a casca nas duas pontas, usando uma agulha grossa e linha escura; construiu uma canoinha. Posicionou o caixão pequenino no meio da embarcação e, ao lado, um pedaço de carvão que retirou de um bolso do macacão. Acendeu o carvão com um fósforo de cozinha que raspou no zíper e lançou o barco, que flutuou lagoa adentro. O carvão aceso iluminou a casca de bétula, fazendo com que parecesse uma toca de animal resplandecente. Não havia vento; a superfície da lagoa estava lisa e reflexiva como óleo e parecia grossa, também como óleo, porque as ondulações deixadas pela passagem do barquinho corriam devagar, como se, naquela noite, a pele d’água oferecesse mais resistência à influência dos corpos que por ela passavam. Mariposas brancas surgiram do mato à beira da lagoa e se agitaram em torno da canoa, flertando com o fogo. A chama alcançou a caixa de fósforos e a roçou até que começasse a fumegar. O fogo adentrou a caixa e tocou a mortalha embebida em querosene, causando um baque fúlgido e grave que engoliu o esquife. A casca de árvore crepitou e cuspiu faíscas. A seguir viu-se uma lufada de fumaça esbranquiçada, que Howard imaginou ser o camundongo em chamas. A silhueta

de George se acendeu diante das chamas na água. A pira afundou com um silvo, emitindo uma última rajada de fumaça; a lagoa voltou a ficar escura e silenciosa.

Howard vislumbrou uma cremação, uma imagem de reis vikings deitados em seus leitos funerários no convés de um navio com proa de dragão, empunhando espadas, acesos e enviados em chamas à arrebentação escura com labaredas a estalar na popa feito bandeiras numa ventania.

Howard sentiu, mais que viu, o movimento do filho passando a seu lado no escuro e esperou, à escuta, até que o garoto abrisse caminho entre as árvores, subisse a trilha, chegasse ao quintal e entrasse na casa antes de seguir também, não para a casa mas para além dela, até a estrada, e então deu meia-volta, de modo que, se alguém na casa o visse, seria como se estivesse voltando da caminhada que avisou que iria fazer após o jantar. Voltou para a frente da casa e viu, pela janela da sala, George, Darla e Marjorie fazendo os deveres na mesa de jantar.

Vou pagar as minhas dívidas com mel!

E se a carroça, em vez de uma casa sobre rodas, transportasse um reino de abelhas? Teria um painel num dos lados, fixo no topo com dobradiças de latão, que se abriria e se apoiaria em hastes nos cantos. Teria janelas pelas quais seria possível ver as colmeias. As pessoas se esticariam para ver as abelhas enquanto eu dava palestras sobre os hábitos dos insetos, sua diligência e lealdade. Eu podia cobrar dois centavos por pessoa. Crianças pequenas iriam ver as colmeias de graça. As escolas mandariam turmas inteiras, ou, melhor ainda, eu podia ir às escolas e estacionar a carroça no meio do pátio. Plantaria um canteiro de flores no alto, para o pólen, e colocaria a entrada das colmeias no lado oposto das janelas, para que os espectadores não incomodassem as abelhas. E mandaria construir um armário na traseira da carroça e o encheria de vidros de mel e cera e favos decorados com laços coloridos, que venderia à plateia após a palestra. Podia mandar pintar uma placa na lateral: “Howard Crosby e suas magníficas abelhas!”

Em vez disso, o inverno chegou e Howard guardou a carroça no estábulo, onde os ratos e os gatos sem dono se acomodavam nas gavetas, numa trégua semicongelada.

George viveu todas as convulsões do pai como boatos, exceto uma. Encontrava a mãe inclinada sobre o pai desgrenhado e abalado numa cadeira. O pai tinha saliva no cabelo e sangue no queixo. Howard ficava sentado com a respiração acelerada e ruidosa, olhando primeiro para as palmas das mãos e depois para os dorsos, abrindo e fechando as mãos como faria um soldado depois de uma bomba estourar em sua trincheira, deixando-o chocado por ainda estar vivo e

possivelmente ileso. Por fim, George compreendeu que aquilo ocorria porque o pai sabia quando as convulsões estavam por vir e sempre conseguia, com a ajuda da mãe, ir até uma parte da casa ou do quintal longe das crianças, para que não precisassem vê-lo em meio aos espasmos. Se uma das crianças calhasse de se aproximar, Kathleen dizia numa voz seca e baixa, Você volte já para o lugar de onde veio; o papai e eu estamos ocupados. A única vez em que George e seu irmão e irmãs viram o pai ter uma convulsão plena foi na noite de Natal de 1926.

As crianças estavam encantadas com o presunto que Kathleen cozinhara para a ceia de Natal. Era o maior presunto que já tinham visto. Estava coberto por uma crosta de açúcar mascavo e melaço. Buddy, o Cachorro, ficou sentado, atento, como que tentando demonstrar seus bons modos às crianças, sugerindo assim que o recompensassem com o presunto. Kathleen o espantou com um chute nas costelas, mas o cão apenas soltou um ganido e ficou onde estava. Russel, o Gato, também entrou na sala e ficou sentado de frente para a parede, de costas para a mesa, limpando as patas, como se afetar um profundo desinteresse servisse como um truque para ganhar um pedaço.

Howard afiou a faca de cozinha especialmente para a ocasião. Ficou em pé, inclinou-se sobre o presunto e sorriu para os filhos e para a mulher, que repreendeu as crianças com um olhar severo e disse a George que colocasse o irmão de volta na cadeira e às meninas que iriam apanhar com a colher no dorso das pernas se não apoiassem o traseiro na cadeira. Howard fatiou o presunto, enchendo ainda mais a sala com aquela fragrância doce, quase hipnotizando a todos, inclusive Kathleen. Seu olhar carrancudo desapareceu, e ela fitou o presunto por um momento, admirada. No entanto, depois que Howard havia cortado duas fatias, Kathleen retomou sua compostura habitual e passou a instruir as crianças a que aproximassem os pratos para que o pai as servisse.

George, sirva o presunto do Joe e corte para ele. Não, menores; ele vai tentar engolir esses pedaços inteiros e engasgar. Darla, deixe de gracinha. Pegue um pouco de feijão e passe a vasilha. Howard, corte as fatias mais finas; este presunto tem que durar a semana inteira, já que, para abastecer sua família, você achou melhor trazer um presunto em vez do dinheiro que lhe devem.

Howard ergueu uma massa de batatas com o garfo. A seguir espetou duas vagens, e então um pedaço de presunto. Levou a comida à boca, mas parou antes de mordê-la. Os músculos nas dobradiças da mandíbula se contraíram. Engasgou. Suas pálpebras tremeram. Revirou os olhos. O garfo e a comida lhe caíram da mão, batendo ruidosamente no prato.

Mamãe, o que...

Howard agitou as pernas, tentando ficar de pé, mas apenas girou na cadeira, que escapou de baixo de seu corpo. Caiu ao chão, batendo a cabeça no assento

da cadeira ao lado.

Kathleen rugiu com Margie, Tire o seu irmão daqui, e pareceu enxotar com um único empurrão os três filhos mais novos, que já estavam todos emaranhados num nó trêmulo perto da porta. Kathleen deu a volta na mesa e estendeu a mão para George, que estava sentado na cadeira, abobado, segurando um garfo no ar, com a boca bem aberta.

George, me dê a colher. George olhou para a mãe. George, a colher, disse Kathleen, sem gritar, sem irritação ou amargura como de costume, quase delicada. George largou o garfo e desenterrou a colher das batatas.

Disse, Ainda tem...

Kathleen disse, Me dê a *colher*, George. Kathleen arrancou a colher da mão de George e saltou sobre o marido, montando em seu peito. Howard rosnou e Kathleen atravessou a colher em sua boca, como um freio de cavalo, para que não arrancasse um pedaço da própria língua com uma mordida. Howard mordeu a colher e George viu os lábios do pai se enroscarem, expondo os dentes; pensou, Como os de uma caveira, não de um homem, não do papai.

George, venha aqui e segure a colher. Assim. George ficou aterrorizado de se sentar no peito do pai.

Use as duas mãos. Faça peso. Não deixe a cabeça dele bater. George sentiu o corpo do pai se comovendo abaixo do seu e teve certeza de que o pai iria se despedaçar, de que se abriria ao meio.

Mãe.

Vou pegar um graveto. Kathleen saiu correndo da sala, e George a ouviu trombar com a mesa da cozinha, jogando panelas e frigideiras ao chão com um estrondo. Kathleen gemeu e voltou com um pedaço do graveto que George havia cortado naquela manhã. Assim que alcançou George e Howard, o cabo da colher se partiu na boca de Howard e George caiu para a frente, sobre a cara do pai. George tentou se levantar, mas as mãos escorregaram numa poça de sangue escorregadia e escura que se reunia no chão, debaixo da cabeça do pai. Endireitou-se, apoiando-se nas mãos, e viu que o pai tinha aberto a boca e estava prestes a engolir a metade do cabo da colher. George enfiou os dedos na boca do pai para agarrar a colher, e Howard o mordeu. George soltou um ganido. Viu seus dedos presos entre os dentes ensanguentados do pai.

Kathleen falou numa voz baixa, monótona. Está tudo bem, Georgie. Tudo bem. Você pode segurar o graveto? Segure o graveto. Kathleen começou a forçar Howard a abrir a boca. Deixe que eu seguro o queixo dele, Georgie. Kathleen agarrou a boca do marido como se fosse uma armadilha para urso.

E se ela quebrar a boca do papai?, pensou George.

Enfie o graveto, Georgie... a ponta. Enfie. Vá abrindo caminho. A cabeça de

Howard bateu no chão e bateu no chão e bateu no chão outra vez. George conseguiu forçar a ponta do graveto entre os dentes do pai, no canto da boca. Kathleen apanhou o graveto em seguida e o enfiou mais fundo, empurrando-o com violência. Sem olhar, apanhou do chão a almofada de uma das cadeiras e, entre duas batidas no chão, posicionou-a sob a cabeça do marido. As pernas de Howard chutaram os pés da mesa. Darla ficou parada sob a porta, berrando. Margie respirava com dificuldade. Joe gritou.

O papai está quebrado!

Isso, Georgie; está quase, meu carneirinho.

As botas do meu pai acertando o chão faziam um barulho imenso, os chutes que ele dava na mesa lançavam os pratos e os talheres para cima, e batiam de volta no tampo ou saltavam e caíam ao chão, estilhaçando-se com um estrondo. Havia copos, comida, garfos e facas por todo o chão, e Buddy, o Cachorro, gania e latia, e Joe e Darla gritavam, mas meu pai parecia estranhamente calmo em meio a tudo aquilo, como que concentrado ou distraído enquanto fios e molas e costelas e intestinos estouravam e explodiam e se desatavam e desfaziam. Ele estava sorrindo quando quase arrancou meus dedos com os dentes, ou foi como se sorrisse, e também havia ali uma calma. Minha mãe agarrou seu queixo, e eu forcei o graveto de cedro entre seus dentes ensanguentados, e já não senti como se estivesse machucando uma pessoa, o que me fez sentir ainda pior. E meus dedos espalhavam sangue por toda parte, pareciam ter se desprendido de minha mão, balançavam soltos, embora eu sentisse o sangue pulsando neles. E havia sangue por toda a cara do meu pai e na boca, que era meu sangue, e no cabelo e no chão, que era sangue dele do corte que fez na cabeça quando acertou a cadeira ao cair. E por algum motivo notei que Russell, o Gato, balançava a cabeça, as orelhas fixas para o alto e os olhos bem abertos e as pupilas contraídas e o narizinho triangular se contraindo ao cheirar e fitar o sangue. Em vez de terror, no entanto, pensei, Então é isso; agora sei o que é. Meu pai não é um lobisomem nem um urso nem um monstro e agora eu posso fugir.

E ali está Kathleen deitada na cama, montada nos troncos brutos de uma árvore escura como carvão queimado — de membros negros, seiva em cinzas, urdida em noite. É inverno, e os ventos de inverno sacodem os ramos, e a cama se mexe com eles. É inverno, e a árvore perdeu sua copa lúcida de folhas. É inverno porque ela está deitada sem dormir com um coração desnudo, tentando se lembrar de uma estação mais plena. Ela pensa, Devo ter sido uma mulher jovem um dia.

Está deitada numa metade da cama. A forma escura de seu marido adormecido

jaz na outra metade, virada de costas, um sono tão profundo que é como outro mundo. Apenas o rosto de Kathleen assoma das cobertas. Brilha como um ovo pálido. Abaixo do rosto, preso sob o queixo, está o lençol branco, limpo, passado, engomado, cuidadosamente dobrado por sobre o edredom e cobrindo-o por exatos quinze centímetros, como sua mãe lhe ensinou quando era pequena. O cabelo de Kathleen está preso no alto e coberto por uma touca de dormir que a mãe lhe costurou muitos anos antes. Embora seu cabelo chegue abaixo da cintura, ela só o solta para lavá-lo — duas vezes ao mês no verão, uma no inverno. O cabelo é castanho-avermelhado, mas perdeu a riqueza; começou a ficar fino no topo. Kathleen se vê furiosa ao pensar que o corte na cabeça do marido poderá sangrar entre os curativos e manchar a fronha limpa. Kathleen ouve George gemer em seu sono, no quarto ao final do corredor. Os dedos do menino não parecem quebrados, mas ele provavelmente precisa de um ou dois pontos para fechar bem as feridas provocadas pelos dentes de Howard. Kathleen não conseguiu falar ao telefone com o dr. Box, pois era noite de Natal, por isso pretende levar George a seu consultório à primeira hora da manhã.

Os modos severos de Kathleen, desprovidos de qualquer humor, escondem uma amargura muito mais profunda do que seus filhos ou marido conseguem imaginar. Ela jamais se recuperou do choque de se tornar esposa e depois mãe. Ainda fica consternada todas as manhãs ao ver os filhos dormindo pacíficos em suas camas quando vai acordá-los, por notar que, na maioria das vezes, a sensação que tem é de ressentimento, de perda. Esses sentimentos a assustam tanto que ela os enterrou sob camada após camada de severidade doméstica. Na dúzia de anos passados desde que virou esposa e mãe, Kathleen conseguiu se convencer em parte de que aquele ordenamento quase marcial da casa é, na verdade, o amor que tanto teme não sentir. Quando um dos filhos acorda com febre e uma tosse áspera numa madrugada gélida de janeiro, em vez de beijar a fronte da criança e cobri-la melhor e ferver água para um chá de mel com limão, diz que não viemos ao mundo para descansar e que, se ela tirasse um dia livre a cada nariz entupido ou torcicolo que tivesse, a casa desmancharia ao redor deles e ficariam todos feito pássaros sem ninho, portanto levante e se vista e ajude o seu irmão com a lenha, sua irmã com a água, e arranca as cobertas da criança trepidante e joga as roupas frias sobre ela e diz, Vá se vestir, a não ser que queira levar um balde d’água na cara. Kathleen se convenceu, ao menos à luz do dia, de que isso é amor, de que essa é a melhor maneira de criar os filhos para que sejam fortes. Ela não conseguiria viver em paz caso se permitisse acreditar que tratava os seus dessa maneira, porque se sentia conectada a eles como se sentiria a uma coleção de pedras.

Ao cair no sono, meio sonhando com voos e camas em árvores, ela decide que

chegou a hora de fazer alguma coisa a respeito do marido doente. Vai perguntar ao dr. Box depois que ele tenha examinado a mão de George.

Na manhã seguinte, vestiu-se cedo. O interior das janelas estava congelado, e ainda não havia nem sinal do sol.

Howard se remexeu e perguntou, Que foi?

Kathleen disse, Vou levar George ao médico.

Para quê? O quê?, disse Howard.

Kathleen respondeu, Por causa da mordida, Howard; por causa da mordida que você deu nele.

Howard resmungou, Mordida? Uma mordida?

A caminhada até a casa do dr. Box, que usava os dois quartos da frente do andar térreo como consultório, tinha pouco mais de três quilômetros. A alvorada alcançou Kathleen
e George enquanto caminhavam pela beira da estrada, ela à frente, ele arrastando os pés atrás da mãe, semiadormecido, ciente apenas do frio e da dor na mão. No começo foi só um clarão cinzento na noite, depois uma luz vermelha sobre o horizonte, iluminando a base das nuvens que vinham do oeste. Kathleen temeu perder a determinação de falar com o dr. Box sobre o marido, mas a vontade voltou a crescer ao se aproximarem do consultório.

A casa do dr. Box ficava enfiada na última curva da estrada antes da chegada a West Cove. Kathleen e George venceram um morro baixo já esperando ver a casa de dois andares cercada pela varanda onde os pacientes não muito doentes, ou às vezes nada doentes, gostavam de se sentar no verão e fofocar enquanto esperavam uma tintura que lhes curasse o estômago ou um emplasto para passar num calo dolorido.

A casa não estava lá. Kathleen parou de andar e olhou ao redor. As nuvens que haviam tingido a madrugada de cobre avançavam, agora fixas no céu como um véu de pedra. Flocos de neve revoavam ao vento. Kathleen não tinha dúvida de que estava no lugar correto e de que a casa havia desaparecido. No lugar da casa havia um buraco na terra. O que um dia fora o grande porão do dr. Box, com seus frascos de éter e rolos de bandagem dispostos ao lado de vidros com pepinos e tomates em conserva e compotas de pera, tornara-se agora um fosso vazio exposto à intempérie, já começando a se encher de neve e dos detritos do inverno assoprados pelo vento.

O que aconteceu, mãe? Passou um furacão?

Um rastro de terra fresca e sulcos profundos levava o que fora o jardim do dr. Box à estrada, acompanhando a curva em direção a West Cove. Kathleen ficou parada às margens da fundação. Sem a casa em seu devido lugar, via-se agora o

lago atrás das árvores do que fora um dia o quintal dos fundos. Kathleen se virou de volta para a estrada, e depois de novo para o buraco na terra, sem saber ao certo o que fazer. Foi tomada do pânico de que toda West Cove pudesse ter desaparecido, de que se virasse a curva da estrada encontraria uma clareira árida à distância, na beira do lago, salpicada das fundações abertas de edifícios ausentes, toda a vila desenraizada e arrastada para algum ponto além das montanhas ao norte.

Ouviu isso, mamãe?

Além do vento, ouvia-se outro ruído. Kathleen segurou a mão boa de George e o conduziu de volta para a estrada. Ouviu um murmúrio cuja origem não conseguia localizar. Ficou quieta e tentou identificar o som. Não era um trovão; não era um trem. Ficando imóvel, notou que o ruído era acompanhado de um ligeiro tremor na terra. Pôs-se a caminhar outra vez, em direção à curva na estrada. Logo antes de chegar à curva, o barulho ficou menos indistinto. Ouviu homens gritando uns com os outros e, nos tons inconfundíveis que ouvira por toda a vida, com animais. Havia um som de arreios e de feras presas ao jugo, arrastando uma carga. E havia outro som — o de troncos pesados ferindo uns aos outros.

Tem alguma coisa ali, mãe. George largou a mão de Kathleen e correu à frente. Kathleen chamou o nome do filho uma vez, mas George desapareceu na curva. Agora a neve estava pesada, caindo em cascada do céu pétreo. Kathleen apertou o cachecol em volta da cabeça e do pescoço. Tinha frio; os dedos dos pés doíam, e o nariz pingava.

Kathleen virou a curva, ansiosa pelo vislumbre de West Cove que qualquer viajante tinha ao se aproximar da vila pelo sul. A curva na estrada ficava no alto de um morro, e dali via-se a vila abaixo. Para além da vila ficava o lago, que se estendia até o horizonte e que, durante o inverno, virava uma ampla planície branca, só interrompida pelos tufos negros das quatro ilhas no centro. Kathleen se perguntou se as ilhas estariam visíveis naquela tempestade. Imaginava que não. Mas em vez de ver a vila e o lago, viu a casa do dr. Box. Estava no meio da estrada e repousava sobre uma cama de troncos imensos atravessados sobre uma base de vigas grossas e planas dispostas ao longo da estrada. A casa estava sendo arrastada sobre os troncos, um palmo por vez. Homens de chapéu vestindo casacos xadrez em tons vermelhos circundavam a casa, carregando marretas e pés de cabra, e gritavam uns com os outros das esquinas. Um caminhão esperava atrás da casa. Sua enorme carroceria transportava quatro enormes macacos hidráulicos de ferro. George ficou parado na estrada, a meio caminho entre a casa e a mãe. Deu meia-volta e olhou para ela, que lhe estendeu uma mão. Kathleen alcançou o filho, tomou sua mão e caminharam ao lado da casa,

mantendo-se à beira da estrada, quase no fosso. Os homens os ignoraram ou cumprimentaram Kathleen com a cabeça, distraídos. Cada vez que a casa era empurrada para a frente, deslizava sobre os troncos, que rolavam abaixo da construção e sobre as vigas. Kathleen logo percebeu que o processo devia ser incrivelmente lento; depois que a casa avançava dois ou três metros, os homens precisavam erguê-la com os macacos e realinhar os troncos abaixo dela, levando os troncos que ficavam para trás de volta à frente.

Quando mãe e filho emparelharam com a frente da casa, viram que estava sendo arrastada por oito jugos de bois descomunais. Os bois estavam presos em fila, acorrentados à casa por grilhões da grossura dos punhos de Kathleen. Um homem ia e vinha ao longo do rebanho com um chicote, xingando e açoitando as feras no lombo. Os bois puxavam e bufavam vapor no ar frio. Cada vez que o homem gritava e os golpeava com o chicote, ouvia-se um tremor de madeira e couro e ferro quando as correntes presas à casa se retesavam e cada par sucessivo de bois arrastava o peso da casa mais dois ou três centímetros à frente; as janelas estremeciam, a estrutura vibrava, e o homem com o chicote gritava, Já deeeu seus cão, e os dezesseis animais paravam de puxar ao mesmo tempo, como um número de circo. O homem era Ezra Morrell, o pai do melhor amigo de George, Ray Morrell.

Um pouco afastado, à beira da estrada, mantendo-se ligeiramente à frente do avanço de sua casa e consultório, estava o dr. Box. Vinha vestido como os outros homens, a única diferença eram seu chapéu e óculos de melhor qualidade. Os óculos estavam justificados por sua profissão; o médico da vila simplesmente precisava ter os melhores olhos que pudesse. O chapéu era sua única indulgência pública, o único símbolo que o dr. Box se permitia ostentar de seu status em West Cove. Viera de uma loja em Londres, onde, como o dr. Box gostava de contar, havia uma réplica exata de sua cabeça em torno da qual um novo chapéu era costurado a cada ano para a cabeça real, a milhares de quilômetros de distância. (Quando o dr. Box não conseguia encontrar o estetoscópio ou o abaixador de língua, dizia que as cabeças tinham se misturado — a verdadeira estava em Londres, e a de madeira em West Cove.) A não ser pelo chapéu, ele usava o mesmo casaco xadrez de lã vermelha, as mesmas calças escuras de lã, as mesmas botas pesadas, atadas quase até os joelhos. O dr. Box mascava o tubo de um cachimbo, retirando-o da boca de tempos em tempos para dizer, É isso aí, rapazes!, ou, Cuidado, companheiros. A mamãe Box me come vivo se acontecer qualquer coisa ao castelo! Quando viu Kathleen e George se aproximarem, fez toda uma cena: deu um passo atrás, curvou a cabeça e estendeu uma mão à frente do corpo para que Kathleen passasse, depois estalou os dedos para chamar a atenção de George e o cumprimentou.

Avante, senhora. Avante, sargento. Só estou movendo o Q.G. mais para perto das trincheiras!

Desculpe interromper, doutor, disse Kathleen, ficando atrás de George e apoiando as mãos nos ombros do garoto. É só que ontem...

O dr. Box arrancou o cachimbo da boca e uniu os dentes, grandes e ligeiramente manchados, para mostrar que estava a escutar como um profissional. No entanto, antes que Kathleen pudesse continuar, o médico viu a mão enfaixada de George.

Pois bem, soldado, vejo que foi ferido em combate. Vamos dar uma olhada.

Kathleen indicou a George que desse um passo à frente, e o menino, tímido, permitiu que o médico lhe tomasse a mão.

Não se preocupe, sargento, vou ter cuidado. O dr. Box se agachou e desfez a atadura. Quando viu as feridas, examinou o dorso da mão de George e então a palma outra vez, assoviou e disse, Um cachorro pegou você, hem, soldado? George olhou para a mãe.

Kathleen disse, Bem, foi um acidente. Nós não...

Pelo visto vai precisar de um ponto ou dois nos cortes mais fundos, disse o médico. Não tem nada quebrado, mas vai ficar dolorido por um bom tempo. É provável que incomode por mais tempo, talvez até quando você for um homem velho. Qual foi o cachorro? Temos que nos precaver contra a raiva.

Kathleen disse, É aí que está, doutor. Será que posso... que podemos... O médico deixou a mão de George e ergueu os olhos.

Sim, sim, é claro, senhora. É claro. Refez a atadura na mão de George. Escute, sargento, disse a George, sua mãe e eu precisamos conversar por um minuto, portanto vamos levar você para um lugar mais quente. Dan! Danny! O médico apoiou a mão nas costas de George e o encaminhou até o caminhão que seguia a casa. A janela do motorista estava abaixada, e havia um homem sentado ao volante, a cabeça inclinada para fora da cabine, fumando um cigarro. Ele levantou a cabeça quando o médico chamou seu nome.

Danny, suba essa janela e deixe este soldado se aquecer aí dentro; ele foi ferido em combate!

O homem, Dan Cooper, apertou o cigarro entre os lábios e meteu a cabeça para dentro da cabine. Fechou a janela, abriu a porta e desceu do caminhão.

Todo seu, doutor, falou.

Vamos lá. Pronto, sargento, disse o médico, ajudando George a subir no banco do passageiro. Segure firme aí, que sua mãe e eu terminamos num instante.

A cabine do caminhão se aqueceu em seguida. O banco estava forrado de um couro marrom, rachado. George sentiu que estava sentado em molas quebradas. Velhos manuais, jornais e uma caneca coberta com a borra de um café evaporado

havia muito entulhavam o espaço entre ele e o banco do motorista. O vidro ficou embaçado, e George viu os homens e os bois que arrastavam a casa se transformarem em fantasmas numa bruma prateada. Lembrou-se de histórias que seu pai lhe contara sobre navios fantasmas que tinham ido a pique nos rochedos da costa cem anos antes, mas cujas tripulações malditas e desoladas e quilhas despedaçadas ainda se ouviam nas noites de névoa.

Kathleen e o médico conversaram durante dez minutos, ao final dos quais George viu a mãe baixar a cabeça e cobrir o rosto com as mãos. George nunca tinha visto a mãe chorar, e sabia que era por causa do pai, e que era sério. O dr. Box abraçou Kathleen, trazendo-a junto a si com um braço, deu-lhe duas palmadinhas nas costas e então a soltou. O médico avançou em passos firmes na direção do caminhão. George olhou além dele, para a imagem borrada de sua mãe. Ela limpou o rosto na manga do casaco e se sacudiu, como que para espantar o choro junto com a neve. Virou o rosto para o céu por um momento. O dr. Box abriu a porta e saudou George.

Muito bem, sargento, vamos em frente até a vila, onde posso deixar você pronto para a luta outra vez.

George desceu do caminhão e foi até a mãe. Ela tinha o rosto ruborizado e os olhos vermelhos. Sorriu para George e tomou sua mão.

Está tudo bem, Georgie, disse Kathleen. George notou pela primeira vez que sua mãe ainda era uma mulher jovem. O dr. Box trocou algumas palavras com Dan Cooper, que tinha retomado seu lugar no caminhão, e com outros dois homens e então voltou para Kathleen e George.

A tropa está pronta?

Kathleen disse, Parece tão triste — a sua casa assim no meio da estrada. Pôs-se a chorar de novo.

Oh, pobre sra. Crosby. Pronto, pronto. Temos de fazer alguma coisa. É hora de fazermos alguma coisa. Vamos cuidar de tudo.

Kathleen cortava lenha com o machado, abalada. Howard ainda não voltara da ronda. As meninas bordavam na sala de estar e ficavam de olho em Joe, que batia papo com Úrsula, um tapete de pele de urso que o menino tratava como um dos bichos de estimação da família. George dormia no andar de cima, na cama de Kathleen e Howard. O vento ainda soprava forte. Mas vai enfraquecer e parar quando escurecer, pensou Kathleen. Flocos de neve ainda flutuavam ao vento, doces e afiados. O sol se punha. Afundava atrás da parede de faias que ladeavam o terreno dos fundos, iluminando as copas, transformando seus ramos nus, arteriais, numa rede de vasos negros ao redor de cérebros feitos de luz. As árvores balançavam sob o peso desses órgãos luminosos que cresciam no alto de

seus troncos magros. Os cérebros murmuravam entre si. Aconselhavam-se e possuíam uma sabedoria invernal — mentes frias em escarlate e opalina, breves e brunidas, chamejando no azul metálico do poente. E então desapareceram. A luz escoou do céu e das árvores e se afunilou num ponto do horizonte ocidental, onde pareceu ser engolida pela terra. Os ramos das árvores eram escuridões sobre o escuro menor do lusco-fusco. Kathleen pensou, É como o cérebro de Howard — aceso, usado e então escuro. Acendeu demais. De quanta luz precisa a mente? Quanta luz ela pode aproveitar? Como uma sala cheia de lampiões. Como um cérebro cheio de luz. Apalpou o bolso do casaco para sentir o prospecto do Hospital Estadual do Leste de Maine, em Bangor, situado *no alto do morro Hepatica, com vista para o belo rio Penobscot.* Quando o dr. Box deu o prospecto a Kathleen, seu primeiro pensamento foi lembrar que o hospital originalmente se chamava Manicômio do Leste de Maine. Mas as fotografias do prospecto mostravam quartos limpos, uma ampla área ensolarada e um enorme edifício de tijolos com quatro alas que, para ela, parecia um grande hotel. A ideia de um hotel parecia benevolente ao invés de cruel, parecia, naquele jardim subitamente estranho, cheio de cérebros brilhantes, escorridos e efêmeros, um abrigo cálido e seguro que Kathleen vislumbrava como um viajante faminto e congelado num planeta de gelo que, ao vencer uma montanha e se deparar com uma estalagem com todas as janelas iluminadas e fumaça na chaminé e pessoas reunidas, delicia-se com o regozijo onírico que surge quando estranhos satisfeitos compartilham um refúgio. O prospecto não estava em nenhum de seus bolsos, e Kathleen percebeu que devia tê-la deixado em algum canto do quarto ao pôr George na cama.

George dormia na cama dos pais. Dormia encurvado em torno da mão mordida. Os curativos na mão estavam apertados, e, no sono leve do garoto, um cão preto lhe prendia a mão com a boca. O cachorro encarava George nos olhos, e George sabia que o animal o morderia se tentasse puxar a mão. O cachorro não se mexeria nunca. Nunca se cansaria nem precisaria comer nem dormir, aterrorizando George com a ideia de nunca mais poder se mexer, de apenas sentar-se imóvel pelo resto da vida com a mão na boca do cachorro. Entrou em pânico e, num reflexo, puxou-a com força. A mandíbula do cão se contraiu como uma armadilha, e a primeira pressão da mordida assustou George, acordando-o. Choramingou para a mãe. O quarto estava frio, o azul nas janelas tão escuro que não parecia ser luz, apenas o próprio frio, invadindo o espaço entre a cama e seu corpo, onde ficava o único calor. George estremeceu, gemeu de novo e tentou se afundar ainda mais na cama, mas estava deitado sobre as cobertas e não conseguia se aquecer. Ai, mamãe, gemeu, e se apoiou num cotovelo. Olhou para

a mão mordida. A bandagem parecia luminescente, como se a última luz do quarto viesse dela. George sentiu o sangue pulsar na palma da mão sob a pressão do curativo. A mão doía. Quis chamar a mãe outra vez, mas ouviu o *toc-toc* do machado no jardim. No escuro e no frio, soava como se a mãe estivesse cortando uma pedra, e não lenha, e um vestígio de seu sonho com o cachorro o fez sentir de repente como se tivesse de passar o resto da vida morto de frio, isolado na cama com uma mão esmagada, ouvindo Kathleen machadar inutilmente uma pedra atrás da janela feita de placas de gelo, quando o que mais precisava era estar enroscado no colo quente da mãe, que poria as mãos quentes em seu rosto e o embalaria com uma voz suave, dizendo-lhe que estava tudo bem. Em vez disso, George se sentou e balançou as pernas na beira da cama. Levantou-se e arrastou um dos pés na escuridão total do chão, à procura da borda do tapete felpudo ou de um sapato perdido em que pudesse tropeçar. Arrastou os pés na direção da porta. Manteve a mão mordida acima da cabeça, frouxa, como se estivesse cruzando um rio, e apalpou no escuro com a mão boa até sentir o canto da cômoda da mãe, que ficava à esquerda da porta. Abriu a porta, caindo numa escuridão ainda mais profunda. Em vez de se arriscar pelo corredor e pela escada, George apalpou o tampo da cômoda com os dedos até sentir o lampião. Ergueu a cúpula de vidro e a apoiou na cômoda, apalpando então em busca da caixa de fósforos. Segurou a caixa junto à barriga com a palma da mão mordida e acendeu um fósforo. O tampo da cômoda apareceu, e George viu então seu reflexo segurando o fósforo no vidro do lampião. Havia uma brochura ao lado do lampião, com a fotografia de um edifício que parecia uma escola, chamado Hospital Estadual do Leste de Maine. George percebeu que era isso o que o dr. Box tinha dado à mãe depois de terminar os pontos em sua mão (tinham sido só quatro, e de início não doeram). Sob a imagem do edifício, uma legenda dizia *A instituição para os insanos e débeis mentais do norte e leste do Maine.* George encostou o fósforo no pavio do lampião; a luz inchou, tomando o quarto — delineou os móveis e as paredes e o chão e o teto e os olhos de George como se líquida. George abriu a brochura e se pôs a ler. *Os pacientes do hospital podem se refugiar do frenético mundo moderno, que agrava tantos casos de loucura. Passam por sessões de hidroterapia e períodos prolongados de descanso, além de trabalharem na lavoura e cuidarem do chiqueiro. Também fazem e consertam móveis e lavam a roupa...*

Deixe isso para lá, George. É hora de descer e jantar. George não tinha ouvido Kathleen subir a escada. Assustou-se ao ouvi-la, e de súbito sua cabeça e pescoço e pernas e braços doeram todos; sentiu-se febril. Kathleen viu que o rapaz sentira uma espécie de humilhação ao ser pego lendo o prospecto e entendendo o que dizia, pois era algo do qual não deveria saber. Ela também

sofreu de repente o peso do dia e sentiu frio e fome e impaciência.

Quem mandou ficar revistando a minha cômoda?, disse Kathleen. Arrancou a brochura das mãos de George e o enxotou do quarto em direção à escada. Vá preparar o seu irmão para comer e diga às suas irmãs para servirem um copo de leite a todos. Vá.

Sim, mamãe. George segurou a vontade de cair no choro. Desceu a escada. Kathleen dobrou o prospecto ao meio e o enfiou numa meia de lã, que escondeu debaixo de um pulôver no fundo da última gaveta da cômoda.

Naquela noite, Kathleen e as crianças jantaram sem Howard, que ainda não tinha voltado da ronda às sete. Depois da comida, ela se pôs a remendar um macacão de Joe na cadeira de balanço ao lado do fogão a lenha. Darla e Margie brincavam com duas bonecas, que para elas eram Susan B. Anthony e Betsy Ross preparando o chá para George Washington e Andrew Jackson. Darla fez Susan B. Anthony saltitar até Betsy Ross, que já estava sentada à mesa conferindo mais uma vez o jogo de chá.

Darla fez Susan B. Anthony se curvar diante de Betsy Ross e dizer, Feliz ano-novo, Betsy!

Margie fez Betsy Ross ficar em pé e fazer uma reverência. E um feliz 1927 para você também, srta. Anthony!

Darla disse, Não, Margie, é *1776*.

George estava sentado na poltrona; tinha no colo um livro chamado *Mark, o vendedor de fósforos*, que segurava com a mão machucada, e uma maçã na outra. Fitava o volume, mas não lia. Estava pensando no pai, que o havia mordido e era um louco prestes a ser mandado ao manicômio. Ocorreu-lhe de súbito que, mais cedo ou mais tarde, seu irmão Joe também seria mandado ao manicômio.

Um velho tapete de pele de urso, de origem indeterminada, ocupava um canto distante da sala. Às vezes, nas noites frias, quando a família se reunia na sala, as crianças se sentavam no tapete, fingindo estar montadas num urso no circo. Howard havia batizado o tapete de Úrsula. Era uma coisa esfarrapada, sarnenta, com uma área sem pelos que corria do focinho até a região entre os buracos dos olhos, que tinham perdido seus olhos de vidro originais, ou apenas foram deixados vazios. No inverno anterior, George enfiara bolinhas de gude nos buracos, uma delas de um verde leitoso com purpurina dourada, a outra uma obsidiana negra. O olho preto fazia com que o urso parecesse vivo. O verde leitoso o fazia parecer cego de um olho, ou como se tivesse um olho em outro mundo, já que a purpurina dourada e o verde eram como um pequeno redemoinho de estrelas girando dentro de uma catarata. George mordeu a maçã e observou Joe, que pulava no tapete e fingia montar o animal, e então rolava de

lado como se o urso o tivesse derrubado.

Pare com essa bagunça, Joe, disse Kathleen.

Joe ficou de pé num salto, sorrindo, e caminhou até George. Apontou para o tapete e disse, George, essa Úrsula me olha com cara de quem está a fim de me morder!

George esperou até sábado para fugir. Prendeu Prince Edward à carroça do pai e conduziu animal e carroça até a estrada, segurando as rédeas com força e caminhando ao lado do burro, sussurrando, chamando-o, murmurando. Quando se viu longe da casa, já fora de vista, montou na carroça, sacudiu as rédeas e disse, Eia, garoto, não à maneira do pai, que apenas agitava as tiras de couro e estalava a língua contra os dentes, e sim como o pai de seu amigo Ray Morrell, que falava com um sotaque estranho que George nunca ouvira antes e que nunca mais ouviria, e que parecia ter surgido de uma nuvem de brumas atrás da qual se encontrava, perfeitamente preservado — ou nem mesmo preservado, mas ainda assim atual —, o século anterior. O pai de Ray, Ezra, tinha dezesseis bois. Ao conduzi-los, gritava coisas como, Eia, eia, garoto, ou Vosmecê estão com preguiça, seus cão! O sr. Morrell era a única pessoa que George já conhecera que usava a palavra *vosmecê*.

Por isso George disse, Eia, garoto, e Prince Edward mal notou e se pôs a andar a um passo um pouco mais lento que o habitual, como que registrando a noção de que aquele não era seu caminho habitual, seu condutor habitual nem seu comando habitual. A manhã ensolarada de sábado, o burro lânguido e o passo lento da carroça pesada se combinaram para diluir as noções imprecisas de George sobre velocidade, fuga, perseguição e evasão. Em sua cabeça, durante as aulas no dia anterior, George se vira passar voando pelas árvores, a alternância rápida de troncos e luz. Vira cães que latiam e passavam correndo entre a mata fechada à beira da água, e, depois de passarem, os caules se abriam e ele erguia a cabeça da água, alerta, atento, animalesco. Agora avançava a passo de tartaruga a plena luz do dia no alto de uma carroça grande feito uma casa e barulhenta como uma mala cheia de címbalos turcos. Pela primeira vez, perguntou-se o que haveria dentro de todas aquelas gavetas. Percebeu que tinha uma concepção vaga do inventário do pai — vassouras, esfregões, panelas, cachimbos, meias, suspensórios, graxa —, uma imagem única que lhe surgia na mente sempre que pensava na carroça. Surgia-lhe como uma placa na estrada, um quadro, um anúncio — simples e abrangente e, entendia agora, precipitada e distorcida. Olhou de relance para a lateral da carroça. Eu nem saberia dizer de que madeira as gavetas são feitas, pensou.

Quando chegou ao desvio que levava à fazenda de seu amigo Ray Morrell,

George o tomou sem pensar. Estava quase chegando à velha cabana de defumação, agora um depósito de ferramentas, ou ao menos de velhas tábuas, argolas, maçanetas e lâminas de ferro que já não serviam, estavam todas rachadas ou gastas ou cegas ao ponto extremo da inutilidade, de modo que nem mesmo o pai de Ray, o agricultor mais frugal de um interior de agricultores frugais e pobres, conseguia pregá-las, amarrá-las ou martelá-las de volta no lugar e arrancar mais uma função qualquer daquele pedaço de madeira ou metal. A cabana de defumação ficava ao final de outro desvio ao longo da trilha de terra que levava da estrada principal (que também era de terra, já longe da vila, mas uma terra bem compacta e cuidada) à casa dos Morrell. George tinha tomado os dois desvios sem pensar. A cabana era onde George e Ray Morrell fumavam, jogavam *cribbage* e contavam histórias e piadas depois de ajudarem o pai de Ray com o trabalho — ordenhar a vaca, varrer o quintal ou, na maior parte das vezes, soltar do jugo, alimentar e inspecionar aqueles bois gigantes.

(Ray Morrell, aos doze anos de idade, já tinha o ar de um velho solteirão, pudico e melindroso, alguém que entendia de moedas comemorativas e de ventos alísios e que já gostava do gim caseiro, com cheiro de solvente, que o pai guardava numa garrafa sob a escada do porão. E muitos anos depois de já ter dinheiro para poder comprar um gim melhor, Ray continuou a comprar o gim mais desprezível que conseguia encontrar, até que seu fígado inchado desistiu. Gostava de transmitir a ideia de que gostava de aguardentes de péssima qualidade em virtude de seu espírito poupador surgido durante a infância pobre na fazenda improdutiva, quando, na verdade, bebia-as porque sempre se tranquilizava ao relembrar os dias em que tomava uma pinga que mais parecia solvente na cabana de defumação, com lâminas de sol apunhalando os espaços entre as tábuas da parede durante as tardes após a escola, acompanhado de seu melhor amigo no mundo inteiro, George Washington Crosby.)

Ezra era conhecido em todo o condado, e ainda mais longe, como o homem a quem procurar quando fosse preciso puxar algo grande — o que inspirava muitas piadas grosseiras. O menor de seus bois media um metro e oitenta à altura dos ombros; o mais alto passava de dois metros. Os bois eram uma de suas duas paixões. A outra era o beisebol, que ele acompanhava toda semana no jornal, decorando quase todos os placares, e quando arava o campo ou açoitava seu time (que empregava em pares, de apenas dois até o regimento completo de dezesseis, e que sempre fiscalizava pessoalmente), murmurava consigo mesmo as médias de acertos, de corridas e de pontos, que, para quem calhasse de ouvi-lo, não passavam de sequências de números aparentemente aleatórios. A estatística que Ezra Morrell mais gostava de contemplar era a das médias de rebatidas de jogadores, e sempre que comprava um novo boi, batizava-o com o nome do

jogador que tivesse a melhor média da Liga Americana naquele momento. Assim, quando descia o chicote nos bois, era ouvido atormentando Ed Delehanty, Elmer Flick, George Stone, Tris Speaker, George Sisler, Harry Heilman, Babe Ruth, um dos três Napoleon Lajoies ou dos seis Ty Cobbs (porque tinha mais bois do que campeões de rebatidas diferentes, por isso, quando não tinha mais jogadores com quem batizar os bois, recomeçava, chamando os animais segundo os diversos anos em que os mesmos jogadores haviam levado o título). Eia, Napoleão Um, seu cão, vamos puxar, gritava Ezra. Vosmecê nem parece que acertou quarenta e dois por cento! Ao contrário dos outros torcedores, Ezra não sentia prazer nenhum em falar de beisebol com outras pessoas. Quando o filho ousou lhe perguntar como tinha estado o grande Cobb na última viagem, Ezra deu um tapa na orelha do garoto e disse, O grande Cobb Três cagou o estábulo inteiro outra vez, seu filhote tagarela. Agora vá limpar, senão vosmecê vai se atrasar com a forragem.

George atou Prince Edward a uma árvore diante da cabana. O interior parecia mais frio do que fora. A luz do sol jorrava pelas fendas entre os troncos da parede e pelas costuras entre as tábuas do telhado, cujas telhas tinham se soltado e sido derrubadas pelo vento. A luz que fluía para dentro da cabana pelo telhado acertava o chão em planos retangulares, partidos pelas vigas pesadas. De algumas das vigas ainda pendiam ganchos para a defumação. Havia um ninho abandonado de andorinha-da-chaminé na curva entre uma das vigas e uma coluna. No chão abaixo do ninho ainda restava um montículo empoeirado de excrementos.

George ficou parado ali na cabana. De súbito, percebeu que, se estava fugindo, aquele não era um bom lugar. Para fugir era preciso ir longe. Ele nunca fora longe. Longe era a Revolução Francesa, o Fort Sumter ou o Império Romano. Talvez Boston, quinhentos quilômetros ao sul. George não fazia ideia do que havia nos quinhentos quilômetros entre West Cove e Boston.

Cutucou a pilha de cinzas e guimbas de cigarro ao lado dos três barris que ele e Ray tinham acomodado para se sentar e, entre eles, apoiar o tabuleiro de *cribbage* que George trouxera de casa. Encontrou uma guimba da qual ainda era possível extrair duas ou três tragadas. Agarrou-a bem pela ponta. Não havia fósforos. Jogou o cigarro de volta na pilha.

Na parede oposta da cabana estava apoiada uma porta, deitada. Era da velha casa dos Budden, que pegara fogo havia bastante tempo. Era enorme: feita de carvalho, cinco centímetros de grossura. As dobradiças e a maçaneta tinham levado golpes de machado. O lado que George via estava chamuscado pelo fogo. Quando George e Ray se sentavam na cabana, fumando o que tivessem conseguido encontrar — que na metade das vezes era casca de milho e, na outra,

tabaco — e jogando *cribbage* no tabuleiro que George roubara de casa, gostavam de recitar a história do inverno de 1906, aquele inverno em que a neve chegou a três metros e meio de altura e o sol não brilhou por três meses e Budden enlouqueceu, entrou na casa com o machado grande e despedaçou todos os móveis e empilhou os pedaços quebrados no meio da sala e encharcou tudo com querosene e jogou um fósforo em cima. As marcas na porta não tinham sido feitas por Budden. Eram os golpes dos bombeiros voluntários e vizinhos (que eram os mesmos: todos vizinhos, todos bombeiros voluntários, porque quem lutava para apagar o fogo era um bombeiro), que tinham tentado arrombar a porta para chegar até a sra. Budden e as crianças. Quando se deram conta de que a porta era muito grossa e que deveriam tentar entrar pela janela ou pela porta dos fundos, o fogo já estava violento demais. Então, no instante em que se deram conta disso, assim que compreenderam coletivamente que não seria possível arrombar a porta, algo dentro da casa explodiu, a porta se soltou das dobradiças e estourou para fora, arrastando os homens à sua frente, e foram parar eles e ela no caminho da entrada, eles no chão, ela em cima deles — o lado que George via agora estava em chamas, soltando fumaça. Mas a questão era a seguinte, a razão para se recitar e repetir a história: quando o fogo foi finalmente apagado e os corpos encontrados, o cadáver de Tom Budden na cozinha mas também um adulto (uma mulher, como ficou determinado) e duas crianças, encolhidos uns contra os outros dentro das fronteiras da moldura de ferro da grande cama de casal dos Budden (o colchão, os lençóis, os cobertores incinerados), calmos e pacíficos como se estivessem tirando um cochilo durante a tarde, carbonizados, e que todos presumiram ser a sra. Budden e os filhos, e a vila começou a fazer os preparativos fúnebres, e o sr. Potter mediu os corpos queimados o melhor que pôde para fazer os caixões, a sra. Budden e as crianças apareceram vindos de Worcester, onde tinham estado de visita à mãe dela. Ninguém jamais desvendou quem era aquela mulher e as crianças que dormiam na casa dos Budden naquela tarde em que Tom Budden ficou transtornado e ateou fogo em tudo.

George engatinhou atrás da porta e se deitou. Encostou a mão mordida na madeira fria e a imaginou ardente, imaginou-a detendo um fogo descomunal que a espancava e a tostava e crescia e a arrancava das dobradiças. O fogo socou o outro lado da porta. George baixou a mão, apoiou-a em seu colo. Tentou contraí-la, fechando o punho. Ainda estava machucada demais para se fechar por inteiro. Mais uma vez, caiu primeiro no desejo de que seu pai simplesmente desaparecesse da face da terra — não que morresse, nem que fosse levado embora, apenas que, de repente, por milagre, não existisse — e depois no de que Howard também fosse criança e tivesse sido mordido por seu próprio pai, para que soubesse como era horrível ser atacado pelo próprio progenitor. Os

sentimentos do rapaz tinham variado entre esses dois pensamentos a semana toda, exceto quando George efetivamente se encontrou com o pai, que tinha passado a maior parte da semana longe de casa, e, quando em casa, estivera sempre atrás dos cantos e logo além de portas e paredes, com o rabo entre as pernas. Sempre que George via o pai na casa, tinha que se segurar para não chorar de raiva por ter um pai louco, que ele amava e detestava e de quem se compadecia. Enfiou a mão ferida dentro do casaco e caiu no sono. A respiração lhe saía da boca entreaberta em pequenas nuvens de vapor que rolavam para a frente, frágeis, e se partiam ao acertar a porta.

Kathleen disse a Howard, O George fugiu.

Howard disse, Como você sabe?

Ela disse, Deixou o Joe sozinho no barraco das ferramentas. Não partiu a lenha. Não buscou água. Não ajudou Darla com os números. Levou Prince Edward e a sua carroça.

Howard disse, Acho que ele não vai chegar muito longe. E pensou, Espero que consiga.

Kathleen disse, O que exatamente você vai vender hoje sem a carroça?

Howard disse, Kathleen.

Ela disse, Você pode pegar a Lady Godiva emprestada com os Levanseller. O George não pode estar a mais de três quilômetros daqui.

Howard disse, Kathleen. Mas ela já estava dando a volta na casa, até a tina de alumínio cheia de água quente, sabão e roupas.

Parece que o George fugiu.

É mesmo?

É, sim.

Bem, eu nunca.

Nem eu.

Os dois homens olharam para o céu e então para o quintal de terra cercado de neve suja, onde as galinhas andavam empertigadas e ciscavam. Jack Levanseller contraiu os lábios e soprou pela boca.

Howard se virou para ver o celeiro de Levanseller, que mais parecia uma garagem grande ajeitada para acomodar o velho pangaré que Jack Levanseller havia comprado para a filha Emily, na época em que ela simplesmente precisava ter um cavalo e chorou e disse coisas durante as refeições como, Eu não *quero* batatas; eu quero um *cavalo*!, durante uma semana, até que, por fim, o pai já não aguentou mais o teatro da filha de doze anos e foi ao haras de Dexter e comprou a criatura mais barata, mais acabada e ofegante que encontrou por seis dólares. Quando a menina viu o cavalo, com o nariz escorrendo e orelhas sarnentas e

costelas visíveis como as aduelas de um barril, e também a pelve, gritou, O que é *isso*?!, e o pai disse, Esse é o seu cavalo, e parece estar com fome. E com frio, também. E era verdade; embora fosse final de junho e fizesse uns vinte e cinco graus, o cavalo parecia estar tremendo. Jack deu uma palmada no lombo ossudo do animal e, notando que o bicho perdera boa parte do pelo, e que era uma égua, disse, Esta é a sua égua, e o nome dela é Lady Godiva. Agora vá pegar um balde d'água e algum feno e aquele velho cobertor azul e comece a cuidar do seu novo cavalo. Emily gritou, Eu não quero esse bicho nojento! Aposto que nem dá para *montar*! E se recusou a ter qualquer coisa a ver com aquele animal miserável, e assim seu pai cuidou dele desde o momento em que o levou para casa, e se queixava com todo mundo por ter perdido muito mais que seis dólares no cavalo, se contarmos quanto tempo e quanta aveia tinha gastado para manter aquela coisa até que ela decidisse morrer.

Howard disse, E a Lady Godiva...

Jack disse, Sai a um dólar por dia.

Howard disse, Um dólar.

Jack disse, Mais a aveia.

Mais a aveia.

Os homens olharam para as próprias mãos, para as galinhas.

Bom, suponho que posso ir a pé.

Suponho.

Bem, obrigado, Jack.

Não tem de quê, Howard.

Howard então passou reto por sua casa, sem dizer a Kathleen que Levanseller queria um dólar por Lady Godiva e que tinha decidido ir andando. Kathleen o faria voltar, embora um dólar fosse o dobro do que ele ganhava na maior parte dos dias, depois de devolver a Cullen o custo das vassouras e dos grampos de cabelo, além de um ou dois centavos pelo lucro. Passou pela casa, com suas janelas altas na frente, a pintura cinza descascada e as persianas podres sem pintar, sentada em seu ninho de inverno feito de neve e grama. Estava iluminada por fora e escura por dentro, mas, ao passar, Howard cobriu os olhos e olhou para dentro da sala e não viu nada além da mesa e das cadeiras vazias.

Depois que Howard sumiu de vista, Kathleen para de lavar a roupa, seca as mãos no avental e entra na casa. Sobe a escada para o quarto na ponta dos pés, embora não precise esconder o fato de que está indo ao seu quarto. Entra e abre a última gaveta da cômoda. O móvel fica logo ao lado da porta. Revista o fundo da gaveta e puxa a meia de lã na qual escondeu o prospecto do manicômio. Retira a brochura da meia e, sem olhar para ela, coloca-a perfeitamente à vista no tampo

do móvel e volta para lavar a roupa.

Howard não teve dificuldade em encontrar o filho. O rastro recente da carroça e do burro deixava o jardim e seguia na direção contrária à da vila. Howard seguiu pela estrada e observou as ervas de inverno, que perfuravam a neve fresca. Nunca notara tanta variedade. Havia cascas de vagens abertas, finas como papel, espinhos e saliências esbranquiçadas nas pontas de panículos. Alguns estavam retorcidos, quebrados, com os topos sepultados na neve, como se tivessem se afogado no gelo. A rede entrelaçada de caules e ramos e trepadeiras era esquelética, um depósito de fósseis de uma espécie extinta de criaturas insetoides de ossos finos. Todos aqueles ossos pareciam ter sido tingidos de marrom pelo sol e pela terra a partir de uma brancura original, e não do verde fértil das flores fibrosas que realmente haviam sido um dia. Howard se pôs a pensar num homem que nunca houvesse visto o verão; um homem do inverno, que examinasse as ervas e fizesse essa inferência — de que o que via era um ossário. O homem tomaria isso como uma verdade, e basearia suas ideias sobre o mundo nesse erro. Criaria narrativas sobre aqueles animais espinhosos que avançavam devagar entre os arbustos e os campos, esboçaria palpites bizarros, publicaria artigos, daria palestras em salas opulentas para homens sérios que vestiriam todos os mesmos ternos formais, tiraria conclusões, entenderia tudo errado. Howard pensou, Eu nem sei se isso é ambrósia ou cenoura silvestre.

Quando chegou ao desvio para a fazenda de Ezra Morrell, viu que o rastro da carroça fazia a curva. Teve um instante de tristeza, frustração e amor profundo pelo filho; desejou, naquele segundo, que George tivesse a chance de uma fuga verdadeira. Não importa por que ou se ou quem ou qual consequência ou ramificação — o rastro de sofrimento, amargura e ressentimento seguiria em seu encalço, George, dirigidos sobretudo a mim —, eu só queria que você tivesse chegado além dos limites deste raio pequeno e frio, que quando os arqueólogos escavassem esta camada do nosso mundo dentro de um milhão de anos e delimitassem a extensão dos nossos quartos e etiquetassem e numerassem cada prato e pé de mesa e osso, você não estivesse lá; que não fossem seus os restos que eles encontrassem e denominassem *jovem do sexo masculino*; você seria um segredo de cuja existência eles jamais tomariam conhecimento ou tentariam explicar. Uma imagem veio à mente de Howard, de um arqueólogo examinando os ossinhos da mão de George e explicando aos colegas que o rapaz a quem aqueles ossos pertenciam tinha sido mordido por outra pessoa, um adulto, talvez como parte de um ritual selvagem ou porque as pessoas daquele lugar e daquela época eram mais parecidas a animais selvagens do que eles haviam imaginado.

Howard entrou na cabana. A luz entrava entre os troncos da parede, acertando

o local onde primeiro a grama nativa e o barro e depois as páginas de quadrinhos dos jornais de domingo tinham se dissolvido.

George. Onde você está?

Estou aqui, papai.

Onde?

Aqui. George rastejou, saindo de trás da velha porta.

Os olhos de Howard se ajustaram ao interior escuro da cabana. Distinguiu a cara de George espiando por trás da porta. Lembrou-se do fogo. Lembrou-se da história sobre a mulher e as crianças. Pensou, Meu filho escondido atrás das ruínas, meu filho escondido atrás do último símbolo chamuscado de uma casa. As casas também podem ser fantasmas, assim como as pessoas. E quando pensou nisso, foi porque percebeu que sempre que imaginava (sou assombrado por, na verdade, pensou, porque é assim que os fantasmas são, é isso o que fazem, quer derrubem pratos de prateleiras ou abram uma porta à noite ou simplesmente se apresentem em nossas mentes, são sempre assombrações) aquela mulher e as crianças, elas estavam na casa que, como elas, desaparecera desta terra. E nós éramos como os homens dando palestras sobre os esqueletos alinhados no fosso; tínhamos certeza de que os ossos eram de Addie Budden e seus filhos, mas não eram. Portanto, aqui está meu filho, escondido atrás do último vestígio de uma casa transformada de madeira em cinzas, e depois nas memórias, cada vez mais turvas, daqueles que ainda a recordam. Se a porta sobreviver quando já houvermos todos partido, será, como a maioria das coisas, só mais uma relíquia jogada em alguma parte, algum lugar que não aqui, mas um lugar improvável — na grama de uma campina, na ilha de um pântano, nas profundezas de uma fenda numa geleira ártica entre outros artefatos talvez ainda nem feitos, mas no caminho de serem feitos, rumo a serem feitos (ou esculpidos: feitos no sentido de que estão e sempre estiveram latentes na madeira viva, em veios subterrâneos, em estrelas e no céu negro), mas mesmo então, antes de feitos, avançam para serem desfeitos e quem sabe feitos outra vez. Tudo é feito para perecer; a maravilha de toda e qualquer coisa é o fato de ainda não ter perecido. Não, pensou. A maravilha de qualquer coisa é, antes de mais nada, ter sido feita. O que persiste além deste cataclismo de fazeres e desfazeres?

E então aqui está meu filho, já começando a se extinguir. A ideia o aterrorizou. A ideia o aterrorizou porque, no momento em que lhe veio à mente, soube que era verdade. Entendeu de súbito que, embora o filho estivesse ajoelhado à sua frente, familiar, mundano, já começava a se extinguir, a diminuir. Seu filho se extinguia diante de seus olhos, e esse fato era inevitável, embora Howard também compreendesse que ainda estava por começar em qualquer sentido real, que naquele momento ele e seu filho, o pai de pé à meia-luz, o filho

ajoelhado e parcialmente oculto pela porta chamuscada, ainda apenas se encaminhavam, não tinham chegado, ao ponto em que a extinção começaria de fato. Howard só sabia que esse momento estava chegando e que ele, de alguma forma, tivera um vislumbre de sua existência antes do tempo. O momento era como a porta queimada: um objeto jogado na cabana, apoiado entre os velhos serrotes, pás e ancinhos enferrujados, mas também inimaginável e incognoscível como as extintas criaturas dos ossos de mato.

A mamãe está preocupada, George. Você precisa voltar.

Eu sei, pai.

George ficou em pé e caminhou até o pai. Howard apoiou a mão no ombro do filho por um momento e o olhou nos olhos. Pareceu prestes a falar, mas então sorriu e retirou a mão. George subiu na carroça, e Howard desatou Prince Edward. O burro respondeu muito mais rápido aos comandos de Howard, e pai e filho seguiram de volta para casa sem conversar.

Na noite seguinte, Howard passou pela casa antes de se dar conta de que tinha visto, naquela manhã, um prospecto de um lugar chamado Hospital Estadual do Leste do Maine na cômoda da mulher, e que ela pretendia interná-lo ali. Cruzou o centro da vila e seguiu para o sul. O jantar estava servido em casa. Estavam todos sentados em suas cadeiras, em silêncio, à espera de que Howard surgisse na entrada de terra, amarrasse Prince Edward e lhe desse feno e então entrasse em casa e fizesse uma prece, que sempre terminava com as palavras, E que Deus nos faça perceber que não há nada melhor para um homem do que se alegrar com seu próprio trabalho. Amém.

Ele não dissera nada consigo mesmo. Nenhum pensamento consciente precipitara sua ação, como se passar o dia inteiro imaginando o que iria fazer, que já fizera, no momento em que as palavras correspondiam à ação, que era passar com a carroça pela janela da cozinha que emoldurava a família e os folheava em luz dourada, pudesse diluir sua resolução, fosse levá-lo a se entregar a um destino que, se pensasse no assunto, teria aceitado em vez de reconhecer suas implicações. Não se permitiria testemunhar a simultaneidade de sua mulher lhe passando um prato com frango ou uma cesta de pão quente enquanto maquinava seus planos para se livrar dele. Howard presumira que o silêncio mútuo diante de seus ataques, diante de tudo, representasse sua gratidão a Kathleen e a lealdade dela a Howard. Presumira ser um silêncio de gentileza oferecida e aceita.

A distância entre Howard e sua casa aumentou, e isso o segregou de sua vida como se já fosse a hora para acontecer. O cheiro de lustra-móveis e querosene da carroça o fizeram pensar nos quartos e escadas pelos quais sabia que nunca mais

passaria, e Howard percebeu que aquilo onde estava sentado, a carroça instável cheia de produtos para limpar, esfregar, remendar, organizar, manter a vida doméstica, era uma casa. Estou montado numa casa, pensou. E pensou, Deus, faça-nos perceber que não há nada melhor para um homem do que se alegrar com seu próprio trabalho. Deus, ouça-me chorar porque me permito pensar que está tudo bem se tenho o estoque cheio, com cera de sapato de duas cores e cera virgem para as mesas de madeira, esponja do mar e palha de aço para os pratos sujos. Deus, ouça-me chorar quando preencho recibos para baldes de alumínio e enfio garrafas de aguardente em bolsos de casaco por dinheiro e falo às pessoas dos meus filhos inteligentes e das minhas filhas bonitas. Deus, conheça a minha vergonha ao obrigar meu burro a puxar até a exaustão, mesmo depois que a Lua e Vênus já nasceram para presidir sobre as corujas e ratos, porque não vou voltar para a minha família — minha mulher, meus filhos —, porque o silêncio da minha mulher não é a contenção das pessoas decentes e austeras que temem o Senhor; é a quietude do horror, da amargura. É a quietude da espera. Deus, me perdoe. Estou indo embora.

Era janeiro e havia um degelo precoce, e tinha chovido o dia inteiro, mas logo antes do pôr do sol as nuvens de tempestade passaram, e só choveu nas árvores. Um vapor surgia da neve. As árvores estavam parte iluminadas, parte escuras, o sol descia e listrava o mundo com um trançado que era parte si mesmo, parte a noite próxima. Howard conduziu Prince Edward até tarde da noite. O burro estava difícil de tocar. Tentou dar meia-volta várias vezes. Por várias vezes o animal empacou, recusando-se a prosseguir. Por fim, Howard desistiu e se deteve para passar a noite, trinta quilômetros ao sul de sua, agora, antiga casa. Saiu da estrada e entrou numa clareira onde, por algum motivo, a neve derretera, deixando um círculo de relva grande o suficiente para estacionar a carroça. Howard tirou o freio de Prince Edward e o alimentou, e a seguir se alimentou, comendo o almoço que tinha guardado para a noite porque, embora não se permitisse pensar conscientemente em sua fuga, uma parte dele soubera poupar o sanduíche de presunto e as batatas frias para mais tarde.

Howard se apoiou numa das rodas de trás da carroça e fitou o céu salpicado, e olhou para a vela que havia acendido e desejou que ficasse azul com a luz das estrelas e que as estrelas ficassem douradas como pavios em chama. Perguntou-se se Kathleen e as crianças ainda estariam sentadas na mesa de jantar, diante da comida fria.

Se ele pudesse lhes dar pôneis de circo e vestidos de seda, e daí? E daí, também, se lhes dava cinzas e cilícios e mordidas nas mãos e nos pés? Howard imaginou que nem isto, nem aquilo apaziguaria o coração de sua esposa. A piedade de Kathleen dependia demais de uma pose de abstenção, de uma cara de

opressão. Laços vermelhos serviam tanto quanto cinzas da lareira. Se ela fazia questão de só comer os pedaços de frango mais cheios de cartilagem, os biscoitos queimados, as batatas mais pálidas enquanto reclamava de como as crianças eram, segundo a ocasião, obtusas, histéricas ou de saúde fraca, e parecia sugerir que tais males eram causados pela falta de um bom filé ou de um boné novo, era só por força das circunstâncias; se estivesse instalada num trono diante de um banquete de doze serviços, empanturrando-se com todas as criaturas do ar e da terra criadas por Deus, espetadas e assadas e nadando em seus molhos suculentos, ela encheria o prato com os mantimentos mais deliciosos e lamentaria que sua prole fraca era como era porque recebia tudo de mão beijada e o que realmente precisavam era de um tonel de mingau frio e uma terrina cheia de barro.

Howard pensou, Não é verdade? Um meneio com a cabeça, um passo para a esquerda ou para a direita e passamos de pessoas sábias, decentes e leais a tolos arrogantes? A luz muda, nossos olhos piscam, uma mudança mínima na perspectiva com que vemos o mundo e nosso lugar nele se altera infinitamente: o sol acerta um prato barato, descascado — sou um funileiro; a lua é um ovo a brilhar em seu ninho de árvores nuas — sou um poeta; há um prospecto do manicômio no armário — sou um epiléptico, um louco; a casa está às minhas costas — sou um fugitivo. O desespero de Howard não vinha do fato de ser um tolo; ele sabia que era um tolo. O desespero vinha de que a mulher o visse como um tolo, um picheleiro inútil, um plagiador de versos ruins de revistas religiosas vendidas a dois centavos, um epiléptico, e que não visse razões para tentar vê-lo como algo melhor.

Dormiu na grama abaixo da carroça. A lua nasceu e descreveu um arco por sobre a figura adormecida de Howard. A noite encenou seu ato enquanto Howard sonhava com quartos vazios e corredores abandonados. Uma pequena matilha de lobos desceu das montanhas. Circundaram a carroça uma vez, farejaram e foram embora. Howard acordou logo antes da alvorada e pensou ver luzes nas árvores, mas um vento leve subiu da relva aos galhos e as espalhou, por isso ele fechou os olhos outra vez.

Acordou com Prince Edward fungando a seu lado na grama. Procurou o chapéu, porque certa vez o burro o arrancara de sua cabeça e o comera, deixando o burro doente e cheio de gases e Howard atrás, com olhos lacrimejantes e o nariz queimado de sol. Os pássaros trocaram seus pios e assovios de alarme e aviso. Era bem cedo, de modo que a grama na qual Howard se deitava, abaixo da carroça, ainda estava azul e cinza e roxa. Fora da sombra da carroça, a neve estava azul. A água da chuva nas árvores tinha congelado durante a noite, formando bainhas de gelo que refletiam a luz dourada do nascente,

transformando-a numa luz prateada que cintilava ao vento. Uns tantos cogumelos tinham conseguido, de alguma forma, crescer durante a noite na grama debaixo da carroça, ao lado de Howard. Ele os examinou e se espantou um pouco por como haviam conseguido crescer tanto, do nada, em tão pouco tempo e naquele frio.

Howard jamais tivera a ideia de contar a George sobre seu próprio pai. Pensou consigo mesmo, É verdade; o meu pai estava sempre no andar de cima, na mesa de nogueira enfiada debaixo das calhas, escrevendo. Ficava ali até mesmo enquanto jantávamos e quando eu fazia os meus deveres de casa. Às vezes comentava sobre aquilo; dizia, Que coisa estranha, eu estar aqui comendo ervilhas e também ali, rabiscando o meu sermão. Nós não dizíamos nada, mas eu sentia um calafrio quando pensava em levantar da mesa, à esquerda do meu pai, passar pelo corredor estreito sem nenhuma decoração e subir a estrada estreita, que era o único caminho para o segundo andar, chegando ao escritório onde meu pai estava debruçado sobre o trabalho. Eu às vezes ficava jantares inteiros me imaginando numa espécie de repetição em que passava continuamente do meu pai em seu escritório ao meu pai na mesa de jantar, sempre desnorteado por sua capacidade de estar em dois lugares ao mesmo tempo e pela minha limitação de só estar em um. Meu pai era um homem estranho e amável.

Um vento surgia entre as árvores, soando como um coro, tão parecido então a um alento, tão soando como um alento, o alento de milhares de almas reunidas em algum lugar na madeira que recobre as bacias e depressões atrás das montanhas gastas, como faziam as tempestades, e rastejando por suas costas como faziam também as tempestades, que não dava para ouvir, não bem, mas que se sentia barometricamente — uma contração ou achatamento como que de tom quando tudo se comprimia diante dele, que, de novo, não se via, não bem, mas de que, ao contrário, quase se via o resultado — água achatada, e assim a luz vinda dela em ângulos alterados, o mato mais rígido, e assim passava do verde ao prata, as andorinhas esvoaçando sobre a lagoa, todas empurradas para a frente, e então caíam de volta para a posição original ao se corrigirem para a mudança, como se o vento mandasse algo à frente. Os pelos do meu pescoço encrespavam da nuca à coroa, como se uma corrente passasse por ele, e quando a corrente saltava do alto da minha cabeça e, caso eu estivesse de costas para as árvores, sentia o vento começar de fato na minha nuca e despentear meu cabelo e a água e o mato e rodopiar as andorinhas com sua voz de coral remexendo todos os sofrimentos inomináveis na nossa garganta, onde nossas vozes travavam e falhavam nas escalas de velhas canções esquecidas. Meu pai dizia, As canções esquecidas que nunca conhecemos de fato, só acreditamos recordar, quando na

verdade tudo o que fazemos é compreender ao mesmo tempo que jamais as conhecemos de verdade e o quanto devem ser gloriosas. Meu pai me dizia isto de sua escrivaninha debaixo das calhas, eu do outro lado da lagoa perseguindo lontras ou pescando sentado no abeto caído. Eu ouvia a voz dele e olhava por sobre a água para o branco da nossa casa, apenas visível além da fileira de árvores, para o ponto onde sua janela aberta inspirava e expirava as cortinas brancas que minha mãe insistira em instalar, em nome de um mínimo de propriedade doméstica. Ele sussurrava nas minhas orelhas: Traga barbante e tampas de garrafa e cacos de vidro; traga papel de embrulhar balas e moedas de cinco e pedras lisas; traga penas caídas e unhas cortadas; as velhas canções sacudiram e derrubaram a nossa casinha outra vez e precisamos reconstruí-la. E a nossa casa do outro lado do lago tremulava e, num piscar de olhos, desaparecia, porque sempre fora uma ideia tão frágil. E então eu estava de novo na margem distante do lago, olhando para o lugar onde construiríamos a nossa casa quando tivéssemos derrubado as árvores e cavado a fundação.

Como posso não me perguntar como seria sentar nessa água fria e prateada, essa água gélida até o queixo, a vegetação do lodaçal entrelaçada ao nível dos meus olhos, sentar na água imóvel, no ar imóvel, dia vívido atrás de mim iluminando a cara de tudo sob o tampo de nuvens pesadas e escuras à minha frente, vendo a tempestade chegar do norte? Ali está meu pai sussurrando ao meu ouvido, Fique parado, parado, parado. E ainda assim, você muda tudo. Como era o pântano, esperando pela tempestade antes de você chegar e se ajoelhar na água? Era como nada. Observe depois que deixar a água, agora frio e arrependido, a quilômetros de casa, com a certeza da cinta no traseiro, da frieza nos olhos, das obrigações adicionais; observe. Observe a água se curar da sua presença — não para reparar qualquer ferida, mas para se oferecer outra vez caso você se arrisque a outra surra, porque em vez do céu escuro e das árvores e pedras iluminadas, na próxima vez o céu estará claro e o mundo, sombrio. Ou então haverá chuva, mas sem vento. Ou vento e sol. Ou um céu estrelado com nuvens como fios de algodão. Você não estaria melhor nem se aprovasse mil leis no congresso.

Oh, senador, abaixe as calças! Afrouxe a gravata! Tire as polainas de couro e entre nesse mundo raso e pululante de libélulas e olhos de sapo encarando-o nos olhos, e o fundo barrento. Interrompa esse seu discurso infinito contra o mundo que Deus lhe deu. Já chega do seu clamor, das suas tendências vergonhosas, do seu jeito de entortar os caminhos em nome da retidão. Já chega de chamar à destruição do mouro e do hindu, do zulu e do huno. Nada disso lhe vale uma migalha. Contemple, e seja um gênio! Num só suspiro vou dispersar o seu mundo, seus monumentos de metal, seus monumentos de pedra e seus farrapos

de listras vívidas. Vão se espalhar como pinos de boliche. Eu me cansaria mais apagando uma vela no candeeiro. Puf! Aí está: você sumiu.

Devo dizer que os sermões que meu pai dava aos domingos eram mansos e vagos. Os fiéis caíam regularmente no sono sentados nos bancos, e era comum ouvir roncos vindos de um canto ou outro do templo. A voz monótona do meu pai murmurava sobre a importância de cada criatura dos campos, enumerava praticamente todo bicho que rastejasse, nadasse ou voasse e reiterava que também aquele animal era importante como qualquer outra criação divina. E considerem os ratos nos silos, dizia. E os corvos grasneiros, e os esquilos a recolher nozes. Não são eles, também, criaturas de Deus? E o guaxinim explorador.

Não havia correspondência entre esses sermões ineptos e os escritos apaixonados, obsessivos, até, que ele produzia debaixo do teto inclinado. Parecia, na verdade, que quanto mais tempo meu pai gastasse escrevendo, piores ficavam seus discursos, até praticamente não passarem de resmungos incoerentes em meio aos quais, aqui e ali, quem realmente escutasse poderia distinguir o nome de um profeta ou outro, ou a citação de um salmo, capítulo ou verso. O povo da vila tinha pouca paciência com resmungos, e o que a princípio devem ter tomado como uma inteligência especialmente indireta, talvez até dada a compor sermões em parábolas ao modo de Cristo, logo lhes fez perder a paciência, e começaram a reclamar — primeiro em cartas discretas, depois diretamente com meu pai à saída da igreja. Meu pai respondia a essas críticas com surpresa genuína, como que chocado ao notar que o que de fato trazia na mente não fora incluído no sermão. Santo Deus, sra. Greenleaf, dizia, sinto muito que não tenha gostado do sermão. O caminho é estreito. Devo ter vacilado, dizia, e parecia confuso. Esse foi o primeiro sinal de que, de alguma forma, ele se desatara de nosso mundo e já começava a se afastar, à deriva.

Por fim, a situação se tornou tão alarmante para a congregação (depois de um culto dominical particularmente desconcertante, durante o qual meu pai mencionou de forma clara, num certo momento, algo sobre o demônio não ser tão ruim assim) que os fiéis exigiram uma reunião especial para tratar da condição deteriorante do novo pastor. Na manhã da quarta-feira em que ele iria se reunir com os diáconos e com a congregação, minha mãe praticamente teve que vesti-lo sozinha. Meu pai estava pálido; não fizera a barba, parecia uma criança. Minha mãe o viu e gritou, O que você está fazendo? Temos de ir à igreja para a sua reunião. Santo Deus, santo Deus. Ao longo da deterioração do meu pai, minha mãe calava e pensava com seus botões. Cozinhava e passava as roupas e cuidava da casa e deve ter acreditado a princípio que meu pai estava

numa fase ruim, que seus sermões débeis e o tempo cada vez maior que gastava para prepará-los deviam fazer parte das flutuações naturais na carreira de qualquer pastor. Talvez tenha até acreditado que ele estava passando por uma saudável crise de fé, da qual emergiria com a crença renovada e com as convicções mais fortes do que nunca. O que quer que pensasse, jamais dizia uma palavra a respeito.

Quando minha mãe finalmente conseguiu fazer meu pai se barbear, vestir e sair para o templo, ordenou que eu ficasse em casa após a escola, cuidasse da casa e estivesse ali quando voltassem. Depois que partiram, sentei na mesa da cozinha com o livro de história aberto no capítulo que estava estudando, sobre Napoleão. Havia duas pintura dele, uma num cavalo branco e a outra liderando uma investida com a espada apontada para um inimigo invisível. Não consegui me concentrar no texto. Eu estava preocupado com meu pai. Ao longo de sua doença (essa é a palavra que agora, pela primeira vez, me veio à mente, e me chocou e de repente me deu medo), ele continuou a me tratar de modo gentil e distante, como sempre fora, mas depois notei que passara a me olhar com certa melancolia, como se não olhasse para mim, e sim para uma fotografia ou um desenho meu, como se estivesse se lembrando de mim.

Eu tinha a impressão de que meu pai simplesmente se dissipara. Ficara cada vez mais difícil de se ver. Um dia, achei que ele estivesse sentado na cadeira diante da escrivaninha, escrevendo. Ao que tudo indicava, escrevia qualquer coisa numa folha de papel. Quando lhe perguntei onde estava a bolsa para colher maçãs, ele desapareceu. Eu não sabia se ele tinha estado realmente ali, ou se eu fizera a pergunta para uma espécie de imagem, um resquício de meu pai que persistira por lá. Ele escoou deste mundo aos poucos, porém. No início, parecia apenas um pouco vago ou periférico. Mas depois já não conseguia servir como um suporte adequado para suas roupas. Ele surgia por trás e me fazia uma pergunta, eu sentado num caixote abrindo vagens ou descascando batatas para a minha mãe, e quando eu respondia e não recebia qualquer réplica, virava-me e encontrava seu chapéu, cinto ou um único sapato sob o batente da porta, como que deixado ali por uma criança travessa. O fim veio quando já sequer conseguíamos vê-lo, apenas senti-lo em breves perturbações de sombras ou luz, ou como uma leve pressão, como se o espaço que ocupávamos contivesse de súbito algo mais, ou captávamos um aroma fraco e fora de estação, como o da neve derretendo na lã de seu casaco de inverno, mas ao meio-dia em pleno agosto, como se nas últimas vezes em que o senti como um outro ser em vez de uma memória ele tivesse pensado em vir conferir este mundo no momento errado, saindo por acidente do local de inverno em que se encontrava e vindo diretamente para o meio do verão. E é como se, ao fazê-lo, só confirmasse que

estava destinado a desaparecer, sua presença no lugar errado, de modo que nessas visitas alarmadas, embora eu não o visse, podia notar sua surpresa, seu desconcerto, o pavor sentido num sonho em que encontramos de súbito um irmão esquecido ou nos lembramos da criança que deixamos ao sopé da montanha a quilômetros de distância, horas atrás, porque de alguma forma nos distraímos e chegamos a acreditar numa vida diferente, e nosso choque durante essas memórias terríveis, esses encontros súbitos, surge tanto do sofrimento pelo que negligenciamos como do horror por termos acreditado em outra coisa tão depressa e tão profundamente. E esse outro mundo com que sonhamos primeiro é sempre melhor se não for real, pois nele não rejeitamos uma amante, abandonamos um filho, demos as costas a um irmão. O mundo se desprendeu do meu pai assim como ele se desprendeu de nós. Nós nos tornamos seu sonho.

Uma outra vez, encontrei-o tentando pegar uma maçã no barril que tínhamos no porão. Eu mal conseguia distingui-lo na escuridão. Sempre que tentava agarrar uma maçã, a fruta lhe escapava, ou talvez deva dizer que ele escapava à fruta, pois sua mão tinha a força de uma corrente de ar entrando por uma fenda na janela. Num certo momento conseguiu, depois de parecer se concentrar por um instante, derrubar uma maçã de seu lugar no alto da pilha, mas ela apenas tombou sobre o dorso das outras maçãs e se deteve na boca do barril. Tive a impressão de que, mesmo que eu conseguisse agarrar uma maçã com minhas mãos vacilantes, como poderia mordê-la com meus dentes dissipados, digeri-la com meu intestino etéreo? Percebi que esse pensamento não era meu, e sim de meu pai, que até as ideias de meu pai escoavam de seu antigo ser. Mãos, dentes, intestinos, pensamentos, até, eram todos simplesmente mais ou menos convenientes à circunstância humana, e, à medida que meu pai se retirava da circunstância humana, também o faziam todas essas particularidades, devolvidas a alguma espuma incognoscível de onde talvez voltassem como estrelas ou fechos de cinto, poeira lunar ou pinos de ferrovia. Talvez já fossem todas essas coisas e meu pai estivesse se dissipando por percebê-lo: Santo Deus, sou feito de planetas e madeira, diamantes e cascas de laranja, de vez em quando, aqui e ali; o ferro do meu sangue já foi um dia a lâmina de um arado romano; escalpele-me e você verá meu crânio coberto das inscrições entalhadas por um marinheiro ancestral que jamais suspeitou estar cinzelando o meu crânio — não, meu sangue é um arado romano, meus ossos estão sendo gravados por homens com nomes que significam lutador do mar e viajante de oceanos, e as figuras que entalham são imagens de estrelas do norte em diferentes estações, e o homem que endireita meu sangue ao rachar o solo se chama Lucian e vai plantar trigo, e eu não consigo me concentrar nesta maçã, esta maçã, e a única coisa comum a tudo isto é que sinto um sofrimento tão profundo que deve ser amor, e eles estão

descontentes porque enquanto entalham e aram são perturbados por visões de tentar agarrar maçãs em barris. Desviei os olhos e subi a escada correndo, pulando os degraus que rangiam para não envergonhar meu pai, que ainda não passara de volta do barro à luz.

Suponha que minha mãe tivesse ajudado meu pai a se vestir numa manhã no início de abril. Lá fora estava escuro e ventava, um alvoroço de neve caía do céu como lascas desprendidas de nuvens esculpidas, nós três enfiados juntos na casa havia quatro dias, pois chovia e ventava e os rios e lagos se inchavam e se estendiam além das margens. Duas noites antes, tínhamos até visto o Velho Sabbatis numa canoa, remando entre as árvores atrás da nossa casa. Meu pai estava encurvado e não conseguia enfiar os braços pelas mangas da jaqueta sozinho. E quando minha mãe o ajudou, as mangas da jaqueta se prenderam às da camisa e subiram ambas até os cotovelos quando tentou puxá-las demais. Meu pai balançou a cabeça, e, no esforço que ele e minha mãe fizeram com o casaco, seu chapéu de aba larga foi empurrado para um ângulo estranho, e minha mãe pareceu estar se esforçando para vestir um espantalho. Ela disse numa voz ao mesmo tempo irritada e atenciosa, Oh, papai, você sabe que só tem de vestir o chapéu no fim. Ele pareceu sedento, moveu a língua na boca como se buscasse água.

Suponha que minha mãe tivesse vestido meu pai na sala em vez de no quarto e que isso me assustasse, ao ver, por exemplo, suas pernas finas e pálidas, nuas na sala em que ele consolava as viúvas. As persianas das duas janelas estavam abaixadas, e minha mãe não havia acendido um lampião, portanto os dois lutavam na pouca luz que entrava no quarto pelas laterais das persianas. Fiquei parado sob a porta que dava para a cozinha, observando-os. Meu pai sofrera uma grande humilhação, e eu não tinha como reabilitá-lo. Que ele e minha mãe lutassem para conseguir vesti-lo no escuro parecia algo furtivo e horrível. E ainda assim, a ideia de atravessar o quarto, abrir as persianas e deixar a luz crua e fraca cair sobre eles parecia pior, como se meu pai ao menos merecesse o direito de deteriorar no escuro.

Quando terminou de vesti-lo, minha mãe o conduziu à cozinha. Caminharam juntos, lado a lado, numa espécie de abraço, minha mãe acariciando-lhe as costas com uma mão e segurando uma de suas mãos com a outra, guiando-o e reconfortando-o, murmurando baixinho para ele, cuidando de seus pés para que não tropeçasse. Retrocedi até a cozinha, e, quando entraram pela porta, minha mãe me viu e disse, Você vai ter que preparar o seu próprio café da manhã hoje, Howard, eu vou levar o papai. Meu pai olhou para mim e fez que sim com a cabeça, como alguém faria ao encontrar o amigo de um amigo na rua. Minha

mãe abriu a porta de entrada, a luz entrou e entalhou cada um dos objetos da cozinha, transformando-os em antigas relíquias. Eu não conseguia imaginar o que as pessoas teriam feito um dia com frigideiras de ferro ou rolos de amassar. Do outro lado da porta, além do nosso jardim, na beira da estrada, havia quatro homens, todos de terno preto e chapéu preto, esperando meus pais. Eram amigos de meu pai, da igreja. Fiquei parado sob a porta e vi minha mãe e meu pai alcançarem os homens, que se reuniram em torno deles. Os homens os acompanharam até uma carruagem puxada por quatro cavalos, que os esperava a uma distância respeitável e era conduzida por um homem que não reconheci, sentado de cócoras, enfiado em seu casaco e cachecol para se proteger da neve e da chuva, que tinham recomeçado. Os homens ajudaram meu pai a subir primeiro na carruagem, e a seguir minha mãe, uma inversão dos velhos modos observados ritualmente, o que me pareceu derradeiro e devastador. O condutor agitou as rédeas, e os cavalos se alvoroçaram, firmaram o passo na lama e arrastaram a carruagem por vários metros antes que as rodas ganhassem aderência e começassem a girar. A carruagem e as sete figuras escuras e encurvadas passaram pela esquina mais distante do jardim e desapareceram nas árvores, e essa foi a última imagem que tive do meu pai.

Na manhã seguinte, desci até a cozinha, onde minha mãe estava preparando panquecas. Sentei em meu lugar na mesa e notei que o prato de meu pai não estava posto. Eu geralmente sentava à esquerda de meu pai, e minha mãe, quando se sentava para jantar (nunca sentava conosco no café da manhã), comia à frente dele na outra cabeceira da mesa. Perguntei, Onde está o papai? Minha mãe parou de cozinhar, com a espátula numa mão, a outra a segurar o cabo da frigideira de ferro envolto num pano de prato. Howard, disse ela, o papai já não volta. As janelas da cozinha davam todas para o oeste, portanto a pouca luz que entrava no ambiente vinha refletida das últimas nuvens que recuavam junto à escuridão e das árvores às margens da floresta atrás do jardim. Para mim, aquilo era um sonho da morte de meu pai, uma espécie de ensaio para quando ocorresse de fato, em vez de um simples acontecimento no mundo desperto. Tenho dificuldade em distinguir o verdadeiro do sonhado naquela época, pois eu tinha muitos sonhos em que meu pai entrava no meu quarto para me beijar e me cobrir com a manta que, inquieto como eu era durante o sono, tinha caído ao chão. Nesses sonhos eu acordava e, ao ver meu pai, era arrebatado pela sensação do quanto ele era precioso para mim. Como ele já havia morrido uma vez, eu entendia o que significaria perdê-lo, e agora que ele voltara eu estava determinado a cuidar melhor dele. Pai, dizia-lhe nesses sonhos, o que o senhor está fazendo aqui? Ainda não fui, dizia ele em seu tom cômico, que deveria me fazer perceber que se tratava de um sonho, já que ele nunca o usara na vida,

embora eu o almejasse tanto. Bem, desta vez vamos cuidar para que você fique bem, dizia eu, e o abraçava.

O que dizes, falador insolente? O teu vento árido há de extinguir a chama que arde em meu coração? De maneira nenhuma! Pois minha chama é a que não se consome, e os disparates dos teus urros não farão mais que ventilá-la para que queime ainda mais lúcida, mais quente e mais certa.

Decidi tentar encontrar meu pai no bosque. Quando eu andava pela floresta, usava as velhas botas do meu pai. Eram grandes demais, por isso eu vestia três pares de meias para que ficassem mais confortáveis. Carreguei meu almoço em seu velho cesto de vime, jogado sobre o ombro. Vestia seu chapéu de aba larga. Quando passei pelo campo de milho dos Gaspar, imaginei-me rompendo uma espiga do caule, descascando-a e encontrando os dentes do meu pai envolvendo o sabugo. Os dentes estavam limpos e brancos, mas gastos como os dele. Mechas do cabelo de meu pai envolviam os dentes, no lugar dos fiapos do milho. Caminhando entre as árvores, imaginei-me retirando a casca de uma bétula, as camadas externas macias como pele. Eu a descascaria até chegar à madeira. Enfiaria a ponta da faca na madeira e forçaria a lâmina, fazendo-a entrar até encostar em algo duro. Faria um corte na madeira, abrindo-a um centímetro por vez, e encontraria um osso longo metido no meio do tronco. Imaginei-me levantando pedras chatas do leito do córrego. Imaginei-me subindo árvores e provando vestígios de meu pai na seiva. Era assim que eu me via, como se procurasse o que ele sempre chamava em seus sermões de o sim profundo e secreto, uma ideia que eu nunca soube se era dele próprio ou se a teria lido em seus livros. Vaguei pelos diferentes lugares que havíamos visitado juntos, mas logo me vi caminhando até o riacho que nasce do lago Tagg.

A chuva da primavera transformava em charcos temporários os sulcos profundos das trilhas abandonadas. A água chegava à altura das canelas e tinha uma cor férrea, turva. Howard por vezes tinha que atravessar um charco, pois cruzava toda a extensão da estrada, entrando na mata. Atravessava com dificuldade, seus pés levantavam do fundo nuvens leitosas, cor de ferrugem, das quais brotavam cardumes de girinos verdes perturbados em suas evoluções rápidas e frágeis. O batuque de um pica-pau ressoava em algum ponto da mata à esquerda de Howard. Pensou em deixar a trilha para encontrá-lo, mas decidiu não fazê-lo. O mato cobria as laterais elevadas da trilha nas partes em que não estava submerso na água metálica. Howard seguiu aquele caminho estreito. A trilha tinha sido mais ou menos reta um dia, mas ao longo dos anos, depois de abandonada, o bosque a desviara, empurrando partes para a esquerda ou para a direita, entortando-a e cobrindo-a pelo alto, de modo que segui-la era como atravessar

um túnel. As copas das árvores filtravam a luz do céu em quantidades variáveis. Os ramos dos bordos, carvalhos e bétulas se inclinavam sobre a trilha, aproximando-se e se entrelaçando e ficando quase indistinguíveis, as folhas mescladas pareciam compartilhar ramos comuns, como se, depois de tantas estações baralhadas, as árvores tivessem se enxertado umas nas outras, tornando-se uma planta única que produzia folhas de várias espécies. A luz ficava retida acima da cabeça de Howard, cintilante e abundante. Muito poucas gotas de luz conseguiam atravessar o emaranhado e chegar à grama. Em dois momentos, Howard passou por lugares em que a luz jorrava até o chão e lá se acumulava — o primeiro num ponto em que havia um enorme carvalho seco, e depois onde um raio rachara um abeto gigante.

O que parecia ser o fim da trilha era, na verdade, apenas um desvio para a esquerda ou para a direita, um declive ou uma subida gradual. E o modo como as nuvens se moviam, quase sempre invisíveis, sobre o dossel das árvores, ora a revelar a luz plena do sol, ora a obscurecê-la, ora a difundir ou refletir a luz, e o modo como reluzia e gotejava e jorrava e inundava e girava, e o modo como o vento a dispersava ainda mais entre as folhas trêmulas e o mato inquieto, tudo se combinava para dar a Howard a impressão de que caminhava em meio a um caleidoscópio. Era como se o céu e o chão dessem voltas em círculo à sua frente, de tal forma que a terra, ao balançar para o alto, sobre o céu, deixasse cair folhas e navalhas de relva e flores silvestres e ramos de árvores sobre o azul e, ao descer de volta a seu lugar, recebesse por sua vez uma precipitação de nuvens e luz e vento e sol vinda do firmamento. Céu e terra estavam ora em seu lugar habitual, ora lado a lado, ora invertidos, ora endireitados novamente num rodopio contínuo e silencioso. Animais descuidados avançavam devagar por essa mata giratória; pássaros e libélulas pousavam em galhos e partiam de volta para os céus; as raposas pisavam em nuvens e retornavam ao piso da floresta sem cessar; e um milhão de caudas de girino se agitavam, descendo do teto aquoso e mergulhando de volta para seus ninhos lamarosos. A luz, também, se estilhaçava como um grande prato e se reunia e rachava outra vez, cacos e fragmentos e vidro vívido e feixes à contraluz giravam em permutas serenas e pacíficas e saturavam tudo o que Howard via, até que todas as coisas em si parecessem por fim se dissolver, suas formas contidas por nada mais que penas de luz colorida.

Howard chega por fim ao riacho que nasce no lago Tagg. O dia está mais quente que de costume. Ele se agacha para examinar como a água dispôs lodo e folhas em torno das pedras nos charcos mais afastados do córrego. O lodo e a água se combinam num elemento que é meio terra e meio líquido. Parece um leito de rio sólido. Howard tira as botas do pai e os três pares de meias que está calçando e

dobra as bainhas da calça. Quando entra na água, a lama cede, um solo fantasma abre espaço para o chão verdadeiro sem oferecer muito mais resistência que a da água que corre sobre ele. As pernas de Howard agitam o lodo e formam nuvens, por isso ele fica imóvel por algum tempo, vendo um par de pássaros apanhar insetos sobre a água e voltar para o mesmo galho num arbusto de junípero que cresce num monte de grama no meio do charco. As nuvens de lodo se desfraldam, e a correnteza as leva embora. A seguir, a porção de água onde Howard está parado fica clara outra vez, e suas pernas parecem terminar na altura dos joelhos. A metade submersa das pernas de Howard está enterrada no lodo, entre pedras e ramos ocultos, que, por serem invisíveis, parecem ossos. Depois de algum tempo, trutas pequenas retornam até ali, perto do mato alto e dos arbustos da margem. Conglomerados de ovos de sapo passam por Howard, alguns tão próximos que lhe permitem ver os embriões no interior. Howard corre os pés pelo leito do rio e encontra uma pedra plana, grande o suficiente para se sentar. Encontra outra pedra para deixar em seu colo, para que a água não o levante. Afunda no lodo e se senta na pedra plana. O lodo é tão profundo onde a pedra está que só a cabeça de Howard se ergue acima da água, e só o seu pescoço se ergue acima do lodo. Howard observa o lodo se afastar em ondas desde o seu pescoço, como se sua cabeça decepada tivesse sido jogada na água e, em vez de sangue, sangrasse nuvens de barro.

A tarde já vai avançada, e Howard decide ficar sentado assim a noite inteira, até o sol nascer na manhã seguinte. Quando as sombras começam a crescer e rastejar por sobre a água, a correnteza já se curou atrás de Howard, e ele imagina que poderá ver os animais e a luz e a água como são quando ele não está presente, e que isso talvez lhe diga algo sobre seu pai. Tenho que ficar sentado imóvel, feito um guru, pensa. Tenho que ignorar as câimbras e o frio. Tenho que respirar muito devagar e muito pausadamente, para que a minha respiração nem sequer agite a água que flui pelo meu queixo. Tenho que ignorar o que quer que rasteje sobre mim na lama. Não posso cair no sono. Certamente verei coisas assustadoras. E se vir luzes no céu? E se vir sombras correndo nas copas das árvores? E se vir lobos caminhando sobre duas pernas e se agachando feito homens para beber do córrego? E se houver uma tempestade? E se estiver claro e o céu cintilar com tantas estrelas que a luz transborde para a terra e se transforme em flores brancas luminescentes ao longo da margem, que brilham e se dispersam sem nenhum vestígio no momento em que o planeta passa pelo meridiano mais profundo da noite e começa a se voltar de novo para o sol? E se eu vir meu pai, logo ali entre as árvores, murmurando tão baixo consigo mesmo, contente e em paz até me notar sentado na lama?

Em algum momento após a meia-noite, vi outra cabeça na água, parcialmente obscurecida pelo mato que crescia na margem, vários metros mais abaixo, logo antes que o charco se transformasse num riacho e virasse para o leste. A lua estava brilhante e iluminava a cabeça. A cabeça estava virada para mim. Tentei ver os olhos — eu sabia que estavam abertos e que me fitavam sem piscar, mas quando olhei diretamente para eles, minha visão ficou borrada. Somente quando eu olhava à esquerda ou à direita os olhos se tornavam claros, ou ao menos claramente olhos, que eu imaginava estarem abertos, encarando-me. Era um índio. Não estava ali quando me sentei na água. Não o vi chegar, embora estivéssemos frente a frente. De alguma forma, eu soube que não podia me mexer, que algo terrível aconteceria se o fizesse. Arrependi-me de vir procurar relicários do meu pai, da tolice do ato. Tive a impressão de que meu pai tinha sido um homem de fé estável e real e que eu era uma criança tola, solitária e miserável. A noite passou e o índio não se mexeu, a não ser uma vez, quando uma pequena truta saltou da água e desceu por sua garganta.

Pensei que o índio devia ser o Velho Sabbatis. Sabbatis tinha crescido numa ilha no lago antes de ir viver com Red em sua cabana. Ele trabalhava como guia de pesca e caça. Geralmente usava uma camisa de flanela, uma calça presa por suspensórios e um chapéu mole, de aba larga. A única parte tradicional de seu traje eram os mocassins, que ele mesmo fizera. Alguns dos visitantes ficavam claramente desapontados ao vê-lo pela primeira vez — suas fantasias de serem guiados pelo bosque por um índio claramente invocavam uma imagem mais exótica. Uma vez por ano, porém, Sabbatis vestia um cocar, calças de camurça e um colete bordado, que J.T. Saunders comprara e guardava para ele, e, de bom grado, pensávamos, representava o papel do chefe indígena na exibição de Saunders numa feira de esportes em Boston.

Mas a cabeça na água não parecia a de Sabbatis. Pela imobilidade, poderia ter sido Sabbatis. Eu já tinha ouvido muitas histórias de turistas que o haviam deixado no acampamento no início da manhã, depois que ele lhes preparasse o café, sentado numa certa posição, voltado para uma certa direção, e, ao voltarem muitas horas mais tarde, encontravam o índio no mesmo lugar. Ele sempre se levantava, porém, no momento em que os homens voltavam, apanhava os peixes ou a caça que tivessem pegado e se punha a preparar o almoço, soltando piadas, dizendo que os peixes grandes deviam ter se escondido dos homens brancos. Mas esta era uma imobilidade diferente. Parecia terrível, quase inumana. Quando a boca da cabeça se abria, antes mesmo que os peixes quebrassem a superfície da água, formava um buraco, para o qual a água escura fluía suave. Embora a cabeça estivesse distante, tive a certeza de ouvir o eco da água descendo por sua garganta logo antes de os peixes saltarem. Quando os peixes

saltavam, não era como o pulo normal de um peixe atacando uma mosca; o peixe, também improvável, impossível, invisível, sua existência delineada apenas pela água da qual emergia, saltava diretamente na garganta do índio. Não se debatia. Não batia o rabo nos dentes nem se preocupava com a língua, que talvez lhe parecesse ser como outro peixe. Apenas mergulhava diretamente na garganta aberta, e a boca se fechava tão rápido atrás dele que todo o evento parecia não ter de fato ocorrido fora da minha imaginação. Na verdade, parecia simplesmente não ter acontecido, mas, em vez disso, de súbito, ter acontecido.

A cara do índio continuava como antes.

E então a cara era a minha. Por um instante a cara do índio se transformou na minha, e fiquei olhando para mim mesmo, como num espelho. Notei o primeiro vestígio de luz do dia nas copas das árvores. Houve uma lufada de vento súbita, e me senti dolorido e frio, pensei que talvez perdesse a consciência. A cabeça na água tinha desaparecido. Eu não poderia ter desviado o olhar por mais de um instante, certamente não o suficiente para que o índio se levantasse da água e desaparecesse no bosque. Também não havia nenhuma perturbação na água; não havia qualquer sinal de que um corpo pudesse ter entrado ou saído da água. Minha aflição com o desaparecimento da cabeça foi a última coisa da qual me lembrei antes de acordar atirado numa lona, sendo carregado para fora do bosque por Ed Titcomb e Rafe Sanders, que tinham passado por mim enquanto caçavam e me encontraram desmaiado, metade dentro e metade fora da água, no córrego. A lona cheirava a tripa de peixe, fumaça azeda e chuva velha. Pelo visto não está morto, disse Rafe quando viu meus olhos abertos. Ele estava à minha cabeça, Ed aos meus pés. Devia estar, disse Ed sem se virar. A cara de Rafe estava bem acima de mim, seu rosto e as árvores atrás dele balançavam ao ritmo dos passos de Rafe e Ed. Os dois avançavam rápido, mas desajeitados, e tenho certeza de que teriam preferido me carregar amarrado a um galho de bétula, pendurado pelos punhos e tornozelos, como faziam com os ursos que abatiam. Rafe fumava um cigarro, como sempre. Se calhar ainda morre, disse. A cinza que lhe pendia do cigarro explodiu feito confete quando disse o “esse” do *se*, rodopiou e caiu no meu cabelo e na minha cara. Olhei para a frente e vi as costas encurvadas de Ed cobertas por sua camisa de flanela vermelha. O chapéu lhe cobria o cabelo preto ondulado, mas tinha a cabeça baixa, o que expunha seu pescoço pálido. Pensei, Ele também deve estar mascando tabaco, e logo antes de perder a consciência outra vez, vi um jato de suco cor de chá jorrar de seu rosto oculto para a vegetação na beira da trilha.

Lembro que, quando eu era muito novo, meu pai tinha uma canoa de tronco de bétula. Os índios tinham feito a canoa, e meu pai a comprara deles. Toda

primavera, quando os lagos descongelavam, um dos índios surgia do bosque numa manhã e restaurava a canoa para a temporada. Nunca vi meu pai falar com o índio, e não sei como o pagamento era feito, ou em que moeda. Depois de consertar as costuras soltas e enfiar mais cortiça onde fosse necessário, o índio simplesmente desaparecia de novo entre as árvores. Lembro de ficar agachado na grama a vários metros de onde o índio trabalhava, tentando aprender o que pudesse, que não era nada, mas ainda assim era algo que eu me sentia compelido a observar, como se a minha lição não passasse do esforço de estar ali. Depois de desviar os olhos por um instante para ver o primeiro pintarroxo da primavera, eu olhava de volta para a canoa e o índio tinha desaparecido sem fazer nenhum ruído, sem sequer um movimento, mas, em vez disso, tinha sido reabsorvido não só para tronco e raiz, pedra e folha, mas para luz e sombra e estação e o próprio tempo.

Talvez tenha sido o Velho Sabbatis quem consertava a canoa do meu pai toda primavera, pouco depois do gelo sumir dos lagos e charcos. Para mim, ele parecia tão velho quanto a luz, e igualmente difuso. Eu pensava nele quando o céu se enchia de fileiras de nuvens escuras, cujas silhuetas o sol contornava e que se entremeavam ao azul mais claro e limpo possível. Quando as folhas douradas, vermelhas e marrons voam sobre as trilhas e se veem apanhadas pelo vento, isso é como a passagem de seu tempo. Quando novos botões acendem ramos negros e úmidos, parecem explodir vindos de um outro lado do tempo, que pertencia a Sabbatis e a homens como meu pai. É claro, Sabbatis só é ancestral para mim. Meu pai também é ancestral, porque ambos foram homens que deixaram a vida quando eu era jovem. Minhas memórias dos dois são atmosferas. O Velho Sabbatis costumava assustar as crianças ou explicar o tempo estranho. Às vezes era visto no alto das árvores. Às vezes, no lago, os homens o viam passar rápido na água abaixo de seus botes, caçando salmões. O Velho Red era conhecido por guardar silêncio em relação a Sabbatis. Os homens que regularmente contratavam Red como guia lhe perguntavam sobre Sabbatis, e Red dizia apenas que ele já não estava. Até mesmo os homens mais velhos que tinham usado Sabbatis como guia no passado, no ano de 1896 ou 1897 — nunca entravam em acordo; de alguma forma, ficava subentendido que agora o guia para as viagens de pesca e caça era Red —, nem eles falavam de Sabbatis, aprofundando a sensação de uma era quase pré-histórica, quando a caça devia ter sido muito mais perigosa e brutal, nem que fosse pelo fato de ser orquestrada por um índio ainda semisselvagem, que tinha idade suficiente para se lembrar das histórias, contadas por seu avô, de incursões não para caçar ursos ou cervos, e sim homens, e que, por algum motivo, era vigiado de perto e mantido longe dos estoques de uísque e aguardente durante qualquer expedição, caso a bebida

pudesse desencadear uma fúria atávica. Nenhum desses homens brancos mais velhos duvidava, nem por um instante, que o índio poderia massacrar um grupo de oito ou dez homens armados se fizesse uso da sabedoria selvagem de seus antepassados. E, pelo que se depreendia de suas conversas quando eu era menino, nenhum deles pensava que Sabbatis iria realmente escalpelar um grupo durante o sono ou enquanto estivessem espalhados pela mata numa caçada, embora nenhum deles parecesse se importar com o fato de que, quanto mais declaravam a natureza pacífica de Sabbatis, mais as pessoas pareciam convencidas de que aqueles homens tinham decidido acampar com o diabo em pessoa, e de que dormir e caçar sob seu comando durante semanas a fio no meio do mato e retornar para casa mais tarde, ilesos, de volta a seus empregos como banqueiros, advogados e gerentes nas fábricas era um sinal de sua fé verdadeira e profunda e de sua força de caráter quase heroica, e eles próprios acabavam por parecer homens que mantinham um pé no velho mundo de incêndios e inundações e o outro no novo mundo de cotas de produção e bolsas de valores.

É claro, Sabbatis era um homem, como qualquer outro. Era sabido que ele gostava de ver as fotografias que as pessoas se dispusessem a lhe mostrar, embora se recusasse a permitir que tirassem a sua, a menos, estranhamente, que fosse com um bebê. Há várias fotos de Sabbatis na galeria da loja de Titcomb, na entrada do hotel de North Carry (onde ele trabalhou cortando lenha por muitos verões), embalando uma criança nos braços. Esses eram os únicos momentos em que alguém tinha visto Sabbatis sorrir. Ele também gostava de balas de caramelo, que sempre aceitava como parte de seu pagamento por servir de guia para os caçadores vindos de Boston. Sabbatis não tinha dentes, por isso apenas enfiava uma bala entre a gengiva e a bochecha e a deixava dissolver. Sabbatis e Red, que era chamado de Pequeno Red naqueles dias, viviam numa cabana logo na saída da vila, atrás do local onde tinha sido aberta a rua Gooding, com as casas construídas para os novos gerentes das fábricas contratados antecipadamente diante da previsão do aumento dos negócios quando os trens chegaram a West Cove. Ninguém sabia se Sabbatis e Red tinham laços de sangue. Alguns dos velhos bibliotecários, que tinham uma noção da história da vila, achavam que talvez fossem primos distantes, e era fácil provocá-los, fazendo-os entrar em discussões acaloradas sobre a questão durante um vagaroso fim de tarde no inverno, no balcão à saída da biblioteca. Sabbatis e Red talvez só vivessem juntos porque, para eles, era melhor viver com o mais estranho dos índios que com o mais amigável dos homens brancos. Raramente eram vistos juntos fora dos limites da casa, e jamais tinham sido vistos conversando entre si. Pequeno Red só se tornou Velho Red quando Sabbatis morreu, ou desapareceu, como era o caso. No outono de 1896 ou 1897, segundo a versão, os homens

foram à cabana para programar as viagens de caça da temporada e não encontraram Sabbatis. Red disse, Ele já não está, e assim foi. Red parecia entender a frustração dos homens — ele era um tanto mais manso e domesticado que seu predecessor. E assim, Velho Red levou os homens em suas viagens e foi um guia tão bom quanto Sabbatis, aparentemente sem nenhum treinamento ou experiência. Ao se tornar o Velho Red, ele pareceu abrir mão de ser um homem em particular e se tornou a encarnação de alguma coisa eterna que ficava também fora do tempo e cuja existência como qualquer pessoa específica era meramente circunstancial.

Ed e Rafe não queriam perder um bom dia de caça, talvez porque suas famílias dependessem daquilo, e devem ter decidido que eu já não corria o risco de perecer, pois me largaram na encruzilhada de duas trilhas, onde sabiam que um grupo de lenhadores passaria por ali naquela manhã. Devo ter acordado e perambulado de volta para o bosque. Acho que foi esse o momento em que tive minha primeira convulsão. Acordei de novo, passei algum tempo perdido e não voltei para casa até depois do pôr do sol. Eu estava molhado e morto de frio. O sangue endureceu meu cabelo e escorreu dos cantos da minha boca, traçando uma linha ao longo da minha mandíbula e entrando nas minhas orelhas, onde tinha se acumulado e coagulado. Embora eu pudesse ouvir a minha própria respiração ofegante ao avançar pelo escuro, pensei ter ficado surdo, pois não conseguia ouvir nada externo, como meus passos ou o vento. Minha língua estava tão inchada, por ter sido quase arrancada com as mordidas, que eu não conseguia fechar a boca direito.

Quando entrei na cozinha pela área de serviço, minha mãe estava sentada à mesa, remendando um par de meias minhas. Disse algo sem erguer os olhos ou sequer mexer a boca. Era assim que ela costumava se dirigir a mim. Não precisava erguer a voz ou me olhar nos olhos, ou sequer dizer meu nome, para chamar minha atenção. Nós dois tínhamos por certo que eu sempre prestaria atenção ao que ela dizia, simplesmente.

Gritei de volta para ela, Tive um acesso e fiquei surdo.

Ela baixou a agulha e a linha, veio até mim, tomou-me pela mão e me conduziu até a mesa. Sentou-me e foi até a bomba, onde molhou uma toalha. Senti o cheiro do sabão neutro que ela usava, e da madeira queimando no fogão, e o cheiro de comida da cozinha, que lembrava vagamente galinha, manteiga e pão, embora ela não tivesse cozinhado o jantar.

Primeiro limpou o sangue das minhas orelhas. Os sons do mundo silvaram na minha cabeça, mais claros do que eu os lembrava.

Eu falei olha só o seu estado, disse ela.

Fui procurar o papai.

Depois limpou o sangue do meu rosto e do meu cabelo. Esfregou tão forte que minha pele ardeu, e pensei que ela fosse arrancar meu cabelo. Minha mãe chorou enquanto me limpava. Não soluçou, mas, para conter o sofrimento, limpou-me com tanta força que acabei por gritar, e ela se acalmou. Tomou meu rosto nas mãos, que eram frias, brutas e cheias de calos, e me mandou abrir a boca.

Você tem de passar uma semana sem falar.

Comecei a dizer, Não, fui buscar os dentes do papai na madeira das árvores e o cabelo dele nos galhos de arbustos e... mas ela apertou meu rosto com mais força e disse, Chega. Sete dias. A sua língua vai cair se você continuar falando. Talvez fosse verdade, quem sabe. Minha língua parecia rachada ao meio, estranha, mutilada. Não tive coragem de vê-la no espelho.

Essa foi a primeira noite que minha mãe e eu passamos na cozinha sem meu pai, ela o tempo todo no fogão, preparando comida, ou na cadeira dura ao lado, remendando nossas roupas. Nas noites de domingo, ela passava os lençóis e as cortinas, e eu fazia meus deveres de casa, ouvindo o assovio do vapor e sentindo o cheiro da goma queimada. Minha mãe e eu continuamos em silêncio por muito tempo depois que minha língua se curou e pude voltar a falar.

Naquela primeira noite, porém, ela preparou um caldo e me fez tomá-lo com um canudo de alumínio, o que usava para pingar gordura na carne; enfiou-o na minha boca pelo lado, quase até a garganta, para não tocar minha língua, como uma mãe passarinho alimentando o filhote. O caldo estava muito quente e salgado e escaldou o caminho até meu estômago. Uma vez dentro de mim, seu calor irradiou do meio do meu corpo até me aquecer por inteiro. Minha mãe teve muita paciência. O processo levou quase uma hora. Lembro apenas da mudança gradual do frio e da dor para o calor e a exaustão. A floresta quase me roubara aquele minúsculo germe de calor a que cada pessoa tem direito, e percebi então como aquilo era pequeno, como era frágil, como quase não podia ser chamado propriamente de calor, era tão pouco e sua fonte, qualquer que fosse, tão ligeira, e era como meu pai desaparecendo ou a casa, quando vista da água, a tremeluzir e esvanecer.

Durante os dias, George estava ciente de um grupo grande de pessoas murmurando e entrando e saindo da sala, fluindo como a maré. À noite, porém, quando acordava, havia apenas e sempre uma pessoa sentada no sofá ao lado da cama, lendo sob a luz fraca de um pequeno abajur de estanho colocado na escrivaninha de tampo corrediço na outra ponta do sofá. A pessoa sempre parecia familiar, mas George nunca sabia exatamente quem era — se uma mulher ou um homem, um parente ou um amigo. Era como se, a cada vez que ele tentava focar os sentidos e se concentrar na pessoa — cabelo, olhos, bochechas, nariz — para recordar um nome, ela se retraísse para sua visão periférica, embora continuasse sentada bem em frente.

Na primeira noite em que encontrou o estranho benevolente, perguntou, Quem é você? E a pessoa tirou os olhos do livro, sorriu e disse, Você acordou. George perguntou, Que horas são? A pessoa respondeu, Bem tarde. Esse diálogo pareceu ocorrer sem que ele nem a pessoa falassem. George não sabia se eram os comprimidos ou sua confusão normal, ou se, na verdade, ele e a pessoa nem sequer estavam se comunicando. Parecia até que, quando ele se perguntava essas coisas, pensando consigo mesmo, a pessoa respondia, Você está bem aqui, conversando comigo. Tão claro quanto uma batida de relógio.

George tentou ver a pessoa com mais clareza, desviando os olhos por um momento e se concentrando na natureza-morta no lado oposto da sala para então olhar de volta, tentando focar a visão bem nos olhos da pessoa. Ao fazê-lo, a pessoa parecia um fogo-fátuo, parecia não estar sentada no sofá, mas pairar logo acima das almofadas e, sempre que observada, desviava-se rápido para a esquerda ou para a direita, para cima ou para baixo, quiçá sem nenhum esforço consciente, como se o movimento fosse um reflexo, uma defesa natural, de modo que, em vez de ser observada diretamente, a pessoa sempre apresentasse uma visão fugidia que tremeluzia ante um fundo de cortina, abajur, escrivaninha, sofá.

A pessoa era jovem — não era uma criança ou um adolescente, mas tinha muito menos que os oitenta anos de George, ao menos de corpo; radiava a sensação de possuir centenas de anos, mas como uma simultaneidade: continha centenas de anos, mas eles se sobrepunham, como se a pessoa vivenciasse inúmeros tempos concomitantes.

Eu estava só pensando, disse a pessoa com uma voz metálica, estava só pensando que não tenho tantos anos de idade, mas tenho um século de largura. Acho que devo ter a minha idade verdadeira, mas com um raio de anos me rodeia. Acho que esses anos de dias, este quase século de anos, é um presente seu. E lhe agradeço por isso. Agora deixe eu ler uma coisa para você voltar a dormir.

> Cometa boreal: Entramos na atmosfera ao pôr do sol. Traçamos um rastro de fogo. Éramos uma trilha de fogo branco avançando impetuosa sobre rebanhos a pastar em planícies aluviais. As planícies púrpuras: estepe e meseta, rochas clásticas de um rio extinto polvilhadas no leito de um oceano extinto. Talvez, longe daqui, houvesse uma revolução — a investida contra um forte despojado, construído na curva de um rio remoto, nebuloso, envolto em árvores. Mas aqui, apenas alces de pelo grosso erguiam as cabeças abatidas, os cornos aveludados, sem parar de mastigar enquanto a nossa chama silenciosa passava pelo céu frio, seguida por seus olhos negros e úmidos, mas só porque essa é a natureza dos olhos e da luz. Os ventos varriam a planície. Jamais vimos os alces ou a revolução. Éramos um pavio em chamas. Mal tivemos um vislumbre do mundo escuro abaixo de nós antes de queimarmos à extinção.

Setenta e duas horas antes de George morrer, Nikki Bocheki, uma velha conhecida da igreja unitária, surgiu num Alfa Romeo conversível vermelho com echarpes esvoaçantes. Tirou os grandes óculos escuros e beijou a mulher de George nas duas bochechas. Quando viu George na cama, disse, Oh, George, coisinha bonita! Deu-lhe um beijo na testa, e seus lábios deixaram uma marca vívida de batom. George não a reconheceu, mas fez cara de bobo, feito um personagem de desenho animado. E quem é esta moça bonita?, perguntou George, o que era a coisa certa a dizer, embora não o tenha dito apenas para galantear, mas também porque realmente não sabia. Nikki apoiou uma mão no ombro de George, disse que ele era um cavalheiro incurável, e ficou corada.

Nikki era uma mulher idosa que se vestia como uma ex-estrela envelhecida, cujo papel mais dramático, e derradeiro, era o da ex-estrela envelhecida a perseverar sob a tirania do tempo. Ela era, na verdade, enfermeira. Depois de conversar com George (que em nenhum momento conseguiu lembrar quem ela era) e com sua mulher, pediu que a família exausta se retirasse da sala. Tenho três horas antes do meu plantão, e a melhor maneira de passar esse tempo é cuidando deste docinho de coco. Será que poderiam me dar uma lâmina de barbear, uma toalha e um pouco de água quente? Isto aqui não está certo, o George precisa estar bem-barbeado; ele sempre foi tão elegante ao se vestir.

Sempre tão aprumado.

Duas horas depois, quando os familiares regressaram de seus cochilos e cigarros furtivos e discussões sussurradas no jardim lateral, Nikki estava sentada ao lado de George, lendo uma revista lustrosa chamada *Imóveis de luxo internacionais* e mascando chiclete dietético. George dormia sob um lençol branco, só se via sua cabeça. Tinha o rosto limpo e liso, o cabelo cortado e penteado. Estava de óculos. Parecia ter caído no sono numa cadeira de barbeiro. Quando a família comentou o ótimo trabalho que tinha feito, Nikki disse, Ah, sim, bem, vocês sabem, tudo o que temos é a nossa aparência.

> O escapamento de um relógio consiste numa pinça ligada por um eixo, chamada âncora, e numa roda de escape situada acima de todas as peças do relógio. A roda é colocada na ponta final do trem de engrenagens. Esta é a parte do relógio que marca o tempo. Se o relógio bater badaladas, terá também um trem de percussão. O trem de percussão move e regula o mecanismo das batidas do relógio, que consiste, em termos simplificados, numa alavanca de destravamento, num martelo e num pedaço de ferro em espiral, que, quando acertado pelo instrumento, produz a badalada. As engrenagens recebem a energia vinda de uma mola. A mola, ou corda, é uma longa tira de metal achatado em forma de espiral. Ela fica presa, na parte mais interna, à espiral de uma árvore. Esta é girada com uma chave quando damos corda ao relógio. Para evitar que a mola se desenrosque durante este procedimento, existe um dispositivo de catraca e uma lingueta de clique. Nos relógios mais modernos, a mola fica num cilindro de metal chamado tambor de corda. A mola passa então a se desenroscar, e a energia assim liberada é transferida a uma série de rodas e engrenagens que movem os ponteiros dos minutos e das horas no mostrador do relógio. Ao final deste ciclo encontra-se o escapamento. É aqui que a energia gerada pela mola finalmente escapa do relógio. É também onde se mantém a regularidade do passo do relógio; e assim voltamos à âncora e à roda de escape. A energia passa pela roda de escape, que, situada ao final do trem de engrenagens, é a mais delicada, elegante e sensível das rodas. Ela transmite a energia, que foi domada por engrenagens sucessivas até passar de força selvagem a servo civilizado, de modo a realizar a mais refinada das funções: cooperar com a âncora para marcar precisamente cada um dos 86.400 segundos de nosso dia terreno, e, além disso, fazê-lo durante oito dias por vez, totalizando 691.200 segundos, ou 192 horas. Esta cooperação, e cada um dentre essas centenas de milhares de segundos, é ouvida em nosso descanso como o tique-taque tranquilizante do relógio de mesa inglês

> numa noite de inverno sobre o fogo cálido da lareira. Se fizermos uma chamada de presença no correr dos anos, Huygens, Graham, Harrison, Tompion, Debaufre, Mudge, LeRoy, Kendall e, mais recentemente, o sr. Arnold, encontramos uma procissão humilde e variada, mas determinada e paciente, de almas lógicas, todas encurvadas sobre suas mesas de ofício, polindo bronze e calibrando engrenagens e esboçando ideias até que seus lápis se tornassem grafite em pó entre os dedos, todos para, aprimorando o ritmo da roda de escape, trans*formar* e trans*ladar* com mais perfeição a Energia Universal. Escuta, horologista, os nomes dos mecanismos de escape destes homens: braço oscilante, *deadbeat*, tique-taque, grelha compensadora, gafanhoto, cremalheira, gravidade, detenção por mola, vírgulas. A exemplo de nossos maiores menestréis, essas almas viris e sensíveis que abarcam colinas e atravessam madeira, que consideram as ovelhas pastando entre ruínas ancestrais e ali descobrem rima e métrica; em suma, que encontram a música dos mais doces versos, assim também nossos grandes relojoeiros aprendem que a poesia reside no processo humano de destilar a civilização da natureza desenfreada! Bem-vindos, companheiros, bem-vindos!
>
> — de *O horologista lógico*,
> Reverendo Kenner Davenport, 1783

A família e os amigos próximos nunca batiam à porta antes de entrar na casa de George, e sempre vinham pela porta dos fundos, atravessando a varanda fechada e entrando na cozinha. George estaria trabalhando com os relógios no porão, cochilando na poltrona da sala de estar (o antebraço sobre a cabeça, os óculos na mesinha de centro) ou, se fosse hora do almoço, sentado na mesa da copa, lendo o *Wall Street Journal* e se queixando com a mulher de que a comida estava demorando demais, ao que ela responderia, Ah, cale a boca e venha cozinhar você mesmo se está com pressa. Ele e a mulher tinham rinhas frequentes como essa. George se queixava da comida da mulher (que era muito boa) ou da roupa (que ela não só limpava, como também passava peça por peça, inclusive as camisetas interiores e as cuecas), e ela gritava de volta, dizendo-lhe que fosse para o inferno se não gostava e que ia sair para comprar sapatos. Depois os dois riam. E assim a casa cheirava a goma e sabão em pó e frango assado e óleo de linhaça e bronze. Os visitantes que surgiam na sala e interrompiam o sono leve de George nunca o assustavam. (Até mesmo à noite, enquanto ele roncava sonoramente, a mais discreta das palavras o acordava por completo.)

Os clientes que vinham deixar ou recolher relógios entravam pela porta da frente, que dava para um pequeno saguão anexado à sala de estar. Quando

George ficou doente, sua mulher se viu farta de ser interrompida constantemente por estranhos que apareciam com relógios de lareira de mármore preto em caixas de papelão, relógios de escola de nogueira debaixo do braço ou decrépitos carrilhões de pedestal amarrados a carrinhos de mão e empurrados pelo caminho da entrada. Também estava cansada do jeito de George de conversar com os clientes, uma combinação de familiaridade tranquila e jocosa e arrependimento conspiratório. Ficava particularmente desconfortável quando os clientes puxavam os talões de cheque e perguntavam quanto deviam. O preço sempre parecia surpreendê-los, quando não aborrecê-los. Quando tinha poucos ou nenhum cliente marcado, George muitas vezes passava o dia dirigindo por toda a costa norte e pelo Cabo Ann, trocando cheques nos bancos que os haviam emitido, para que todos os depósitos de suas contas estivessem em dinheiro. Ele também alugava cofres em seis bancos diferentes, que se dedicava a encher com notas de cem dólares. Quando morreu, tinha seis desses cofres com dinheiro, outro com letras do tesouro, três contas-correntes, duas de poupança e sete certificados de depósito num total de oito bancos diferentes. George visitava regularmente cada banco para se tranquilizar, conferindo os depósitos e taxas, os juros compostos e maços de notas presas por elásticos firmes.

O mais visitado era Edward Billings, gerente da filial de Enon do Salem Five Bank. Edward era quase meio metro mais alto que George, e sua figura lembrava uma enorme pera enfiada num terno. Até sua cabeça parecia alta e comprida. No alto tinha uma abóbada calva que refletia as luzes do teto; sua cabeça brilhava tanto que parecia iluminada por dentro. A faixa de cabelo que lhe circundava a cabeça era tingida com muito zelo, e quando Edward não estava com as mãos postas, unindo as pontas dos dedos como numa prece ou exortação, alisava a nuca com a ponta do dedo médio. Os dois pareciam uma cena de vaudevile numa manhã de terça-feira em janeiro, lado a lado atrás da mesa de Edward nos fundos do banco, olhando para o pêndulo vienense particularmente grande pendurado na parede. George fazia a manutenção do relógio para Edward (às custas do banco, é claro), e os dois contemplavam o relógio imóvel enquanto conversavam.

O miserável simplesmente parou, sr. Crosby, disse Edward.

George disse, Esses desgraçados são traiçoeiros. E então, com seus anos de experiência, George viu que o relógio tinha apenas sido desnivelado pelo enorme banqueiro ao se enfiar ou retirar de trás de sua mesa, e que o pêndulo, portanto, parava depois de dez minutos sempre que era posto em movimento. O telefone de Edward tocou, e o homem pediu licença para atender. Falou com a cabeça baixa e de costas para George. Enquanto dizia a um sr. White do outro lado da linha que sim, os relatórios ficariam prontos até o final da

semana, George endireitou o relógio no gancho em que estava pendurado. Edward se virou de volta para George com um indicador erguido e fez que sim com a cabeça, dizendo ao telefone, Sim, sim, exato, sexta-feira no máximo, sábado de manhã estourando, se a agência de Lynn não embromar.
George assentiu de volta e disse em silêncio, apenas movendo os lábios, Tenho que ir lá no carro.

Voltou ao banco trazendo uma escada dobrável e uma caixa de ferramentas com seus instrumentos. Montou a escada diante do relógio, abriu sua grande porta de vidro, subiu
na escada e olhou para dentro. Murmurou, xingou e desceu da escada para trocar de ferramentas três vezes, pensando o tempo todo em seus filhos e netos, em suas roupas de inverno e seus novos telhados, suas caixas de câmbio avariadas e casamentos em crise, seus quintos anos em universidades particulares. Depois de meia hora disse por fim, Arrá, peguei você, seu filho da... E desceu da escada, secando a testa com um lenço. Edward preencheu um formulário amarelo e tirou três notas de cem dólares da gaveta de uma das atendentes do caixa, que George logo devolveu à atendente, uma mulher de meia-idade chamada Eddie que trabalhava no banco desde que abrira, em 1961, e lhe disse, Ponha estas aqui naquela caixinha cinza que eu tenho nos fundos, querida, junto com as outras. Como será que adivinhei que o senhor iria dizer isso, sr. Crosby!, respondeu a mulher, rindo e estourando uma bola de chiclete. Apanhou as notas, lambeu o polegar e as contou, duas vezes cada uma, dizendo, Um dois três, Um dois *três*, tocando então a campainha para entrar no cofre do banco. Naquele momento, para George, o banco, tranquilo e ordenado, com uma música calma que borbulhava dos alto-falantes do teto, pareceu banhado numa luz dourada.

O papel de parede da oficina de George no porão tinha um desenho de ramos de larício sobre um fundo bege. Na parede havia relógios em vários estados de conserto e desconserto, alguns funcionavam, outros não, alguns estavam em suas caixas de madeira, outros não passavam de engrenagens de metal com ponteiros. Cucos, pêndulos vienenses, relógios de escola e velhos modelos de estação de trem estavam pendurados em diferentes alturas. Em geral havia entre vinte e cinco e trinta relógios na parede. Alguns eram relógios que George pretendia vender. Nenhum deles trazia o preço. O armário à esquerda da mesa era feito de tábuas cruas de pinho e ocupava o espaço sob a escada. Entre as tábuas de pinho, o papel de parede arbóreo e a madeira dos relógios, e o fato de que as únicas janelas eram dois buracos de exaustor bem altos na parede, perto do teto, os visitantes tinham a impressão de estar numa estranha clareira fechada preenchida pelos tique-taques. George ficava sentado à mesa o dia inteiro, examinando as

tripas de relógios com as bifocais e frequentemente com uma ou duas lentes de uma lupa de joalheiro, empurrando e puxando eixos, engrenagens e catracas, murmurando melodias inexistentes que evaporavam de forma tão inconsciente quanto eram compostas. Nesse ambiente ele quase enlouqueceu muitos netos inquietos, insistindo que ficassem sentados numa cadeira dura e o observassem cantarolar e cutucar relógios sem razão aparente. O que você tem de fazer é isto aqui, garoto. Estou lhe dizendo, com isto você pode ganhar uma *nota*. Havia pouco a fazer além de tentar captar pedaços reconhecíveis de músicas nos murmúrios do avô, tarefa na qual criança nenhuma tinha êxito, e de escutar o modo como os tique-taques dos diferentes relógios, que além de cobrir as paredes se amontoavam em várias mesas dobráveis, num berço velho e nas prateleiras de uma estante de livros embutida, entravam e saíam de sincronia uns com os outros. Em raros momentos, os tiques de todos os relógios pareciam ocorrer ao mesmo tempo. No taque seguinte, porém, começavam todos a se afastar, e a pobre vítima de George quase chorava diante da perspectiva de ter que ficar sentada, imóvel, esperando a próxima confluência. A única luz do porão vinha de um pequeno lustre de parede com uma lâmpada de quarenta watts e da luminária fluorescente de George, fixada ao tampo da mesa com uma prensa, que podia ser articulada em praticamente qualquer ângulo concebível para iluminar as profundezas abissais de algum relógio. Essa lâmpada providenciava a única outra fonte de diversão da criança condenada a testemunhar os feitos misteriosos, agonizantes, glaciais e nada dramáticos do reparo de relógios antigos: ver a poeira flutuar. A lâmpada articulada emitia uma luz brilhante sobre a poeira que voava no ar perto do relógio a ser consertado. O resto do ambiente ficava escuro com os relógios e o papel de parede sempre-verde, dando assim um contraste perfeito às partículas de poeira, iluminadas de perto, que boiavam cruzando o halo da lâmpada. A criança imaginava que as partículas eram naves em miniatura explorando o espaço interior: O gigante está consertando a máquina do tempo. Só nos resta esperar que ele não espirre nem faça algum movimento brusco, criando um vórtice que nos arremessaria para longe, indefesos. A nave não passa de lã e caspa!

> *Como construir um ninho de pássaro*: Pegue um pedaço de alumínio de soldador. Com uma tesoura forte, corte quatro triângulos. Os triângulos devem ser pequenos, sua altura ou largura não podem ter muito mais de um centímetro, de preferência menos, se possível. Faça buracos junto aos dois ângulos na base do triângulo, usando um martelinho e os pregos mais finos que encontrar. Uma agulha de costura grande e resistente é ainda melhor, pois vai gerar um furo mais delicado. Dobre cada triângulo ao longo de uma

linha imaginária que se estende da ponta superior ao meio da base. O ângulo da dobra deve ser o mais próximo possível de noventa graus, usando apenas o olho nu (pois a utilidade da ferramenta não depende da medição matemática exata). Costure os pedaços com linha de pesca, barbante de cozinha ou uma linha de costura grossa. Agora é necessário ter paciência; posicione cada pedaço de alumínio dobrado sobre as unhas do indicador e do polegar de cada mão, de modo que a ponta de cada peça se estenda por aproximadamente meio centímetro além da ponta do dedo. Amarre cada peça ao dedo, atando a linha em volta da primeira articulação (firme, mas não com muita força, para não prejudicar a circulação). Isto pode exigir paciência. Junte as gemas do polegar e do indicador. Fazendo os dedos rolarem um sobre o outro para a frente e para trás, os dois triângulos devem se encontrar e se separar; este é o seu bico. É com ele que você irá apanhar palha, galhinhos, fiapos e pedaços perdidos de barbante e entrelaçá-los nos ramos de uma árvore ou de um arbusto, segundo a espécie cujo ninho deseje construir. (Isto, por sua vez, requer preparação; sugere-se que o leitor estude o maior número possível de exemplos do tipo de ninho pretendido antes de tentar construir sua própria versão. Ainda mais desejável é passar quantas tardes de primavera puder vendo os próprios pássaros erguerem seus lares; tal observação ajudará imensamente no aprendizado do tipo de ponto necessário.) Tenha em mente, porém, que os materiais para o ninho devem ser colhidos e entrelaçados *graveto por graveto*. Os passarinhos não recolhem sua lenha, por assim dizer, toda de uma vez; em vez disso, revistam uma tábua ou telha por vez. Um método tão passarinhesco pode parecer absurdo a princípio para o construtor de ninhos expedito, mas este logo perceberá que os prazeres do projeto não derivam de sua eficiência. (Outra contingência desejável é que, ao se tornar cada vez mais destra na construção de ninhos, a pessoa passe a montá-los com um único bico. E aqui, portanto, temos também outra tentação a ser superada — manter a mão livre atrás das costas, refreando o impulso de ajudar as aves com uma mão humana!)

Quando o ninho estiver pronto, o que colocar nele? O que mandar o coração do leitor, é claro: ovos feitos com bolotas retiradas de sua base; pedras alisadas por um rio; uma mecha do cabelo do seu amor; os dentes de leite de seu primeiro filho — qualquer coisa que caiba no ninho e que lhe traga prazer sempre que o visitar. Ao longo do tempo, todo um campo poderá ser salpicado de uma constelação de tais ninhos, cada um com seu tesouro especial.

— de um panfleto perdido escrito por Howard Aaron

Crosby, acompanhado de ilustrações e diagramas instrutivos, 1924

Howard entrou no norte da Filadélfia às sete da manhã de um sábado. Às nove já tinha vendido a carroça por vinte dólares e trabalhava como empacotador na Great Atlantic and Pacific Tea Company. *O gerente, Harry Miller, perguntou meu nome e pensei, Eu roubei a carroça e todos os produtos e os vendi como se fossem meus, portanto meu nome não é mais Crosby, por isso disse, Lightman, Aaron Lightman, sem saber ao certo se deveria manter meu primeiro nome, mas também não queria perder meu nome por inteiro, não queria cortar o último laço, por isso usei meu nome do meio, e assim aqui estou eu, deitado ao lado de minha mulher, não Kathleen Crosby, Black quando solteira, e sim Megan Lightman, Finn quando solteira, Aaron Lightman.* Começou como empacotador. Adorava o emprego, o cheiro do papel pardo e áspero, os feixes de sacos, blocos de polpa bem-delineados, descascar sacos das pilhas, abri-los. Adorava acomodar os produtos nos sacos — encaixar caixas e vidros, garrafas e latas, e a carne bem embrulhada no papel de açougueiro, atada com firmeza, e pão fresco em seu saco próprio. Orgulhava-se de ordenar cada saco como um quebra-cabeça, encaixar a maior quantidade de produtos naquele retângulo oco de trinta ou sessenta litros sem que ficasse pesado demais para que uma mulher o carregasse e equilibrando tudo à perfeição para que não rasgasse. No momento em que uma mulher começava a empilhar as mercadorias no balcão do caixa, Howard já as separava e ordenava mentalmente para que, quando os biscoitos e a carne assada e os sacos de farinha fossem empurrados para junto de si, ele já os houvesse acomodado em seus envoltórios pardos e só restasse dar corpo àqueles sacos mentais, embrulhando as verdadeiras maçãs e latas de banha e caixas de sal. Dois meses depois de ser contratado, foi promovido a chefe da seção de hortaliças, e criava paraísos de frutas e vegetais. Construía Tebas com laranjas, limões e limas. Criava florestas primevas de alface, brócolis e aspargos. Ficava encantado com os cheiros de cera, água fria e engradados, de cascas a respirar vestígios da polpa doce que ocultavam. Em seis meses já era gerente auxiliar. Trabalhava sete dias por semana e escrevia poemas exortando a empresa a vencer a concorrência (*Quanta imundície, sujaram o chão! Lavei com Red Lantern, o melhor sabão.*). Casou-se com uma mulher chamada Megan Finn, que falava sem parar do momento em que acordava — Muito bem, o bom deus me deu mais um dia! será que cozinho ovos e presunto ou panquecas e bacon? ainda tenho uns mirtilos mas os ovos vão apodrecer se eu não usar e posso pôr os mirtilos numa torta para a sobremesa porque eu sei o quanto você adora torta e a crosta de açúcar faz você dormir quentinho como o leite morno faz com um bebê

mal-humorado se bem que não sei porque já vi em algum lugar que o açúcar acorda a pessoa mas não vou discutir com o que funciona — até a hora de dormir: Ah! Mais um dia que se vai e aqui estamos nós cansados e sinceros e apaixonados e felizes feito dois pombinhos, dois pombinhos! não é bobo isso? eu nunca vi um casal de pombos voando juntinhos por aí, os pombos andam sempre em bando e todos misturados onde quer que tenha alguém dando milho, aliás! tenho que comprar milho para amanhã, o que tem não dá nem para encher um quarto de prato tipo das nove horas até as doze se o prato fosse um relógio, é assim que os cegos sabem onde a comida está no prato, presunto às seis e meia! biscoito às quatro! é assim mesmo, é assim que a Helen Keller fazia, aposto, bem assim, batata ao meio-dia! boa noite, meu amor.

Megan trabalhava como separadora numa fábrica de enlatados. Bem, eu separo os feijões, as ervilhas e as cenouras... Ah, é tão difícil e chato, é incrível, e a gente tem de ir tão rápido! O aspargo entra e eu logo tenho que separar por tamanho, cor e qualidade nas várias caixas — e rápido, rápido, rápido! —, mas é por uma boa causa e a comida enlatada é melhor que a fresca — Sinto muito, sr. Hortaliça! —, porque a comida perde mais vitaminas quando a gente cozinha em casa no vapor que sai da panela do que quando as ervilhinhas são cozinhadas direto na lata. Eu sei porque eles disseram que tem mais vitaminas nas ervilhas enlatadas por causa dos experimentos que fazem com os ratinhos brancos. Eles têm que comer cinco vezes menos comida enlatada para não pegar escorbuto!

Howard lhe trazia flores todos os dias, e laranjas. Toda noite antes de sair da loja, parava na seção de hortaliças e se detinha um pouco junto aos caixotes de frutas, inalando os cheiros límpidos dos limões e das laranjas, seu perfume cítrico. Esses odores pungentes o revigoravam. Howard erguia o nariz da caixa das limas, renovado e ansioso por chegar em casa e encontrar uma esposa que falava palavras à medida que as pensava e que não continha nada que pudesse girar em redemoinhos e se acumular em silêncios azedos, silêncios que se rompiam feito gelo fino sob os pés para anunciar o afogamento.

George acordou no meio da noite. Mal conseguia falar. Um de seus netos estava sentado no sofá. Disse o nome da mulher, Erma. O quê, vovô? Erma. Não mais que um sussurro, o nome soava remoto em sua boca. Não conseguia moldar o ar, era incapaz de produzir a primeira sílaba com a língua contra os dentes de cima, só conseguia pronunciar a segunda — ma —, de modo que soava como Uhma. Uhma. Água? O senhor quer água? Uhma. Erma? Quer que eu chame a vovó? Uh. Uh. É.

A mulher de George se levantou da cama, onde dormia um sono leve, sozinha, poucas horas por noite enquanto ele morria. Vestia uma camisola azul-clara com bordados de um azul mais escuro. Suas pantufas raspavam o piso de madeira do

corredor, pois andava em passos curtos e arrastava um pouco os pés em virtude do sono e do cansaço. O ruído cessou quando pisou no tapete persa que cobria o chão da sala. Pôs-se ao lado da cabeça de George e lhe acariciou o rosto. Oh, George, você é a alegria do meu coração. Não vivemos uma vida maravilhosa? Viajamos juntos pelo mundo inteiro. Deu-lhe um gole d'água de um copo decorado com passarinhos. A água aliviou a boca de George, que conseguiu então falar. Quem está lendo para mim? Quem está lendo? Que livro é esse? Ela disse, Que livro, George? Você tem lido para o vovô, Charlie? Charlie respondeu, Não, vó. Ela se virou de novo para George e disse, Ninguém está lendo para você, George. George disse, O livro grande. Não, meu amor, não tem livro nenhum; ninguém está lendo para você. Não tem ninguém aqui.

Howard teve menos convulsões na Filadélfia. Elas ainda o deixavam atordoado, ainda o faziam se sentir ardido e queimado, como se houvesse sido atravessado por um fogo elétrico. Mas depois, gostava do zelo animado de Megan. Ela o levava para a cama, massageava suas têmporas e lhe dava chá quente. Às vezes lia para Howard trechos de um de seus romances baratos. As convulsões não a incomodavam. Megan tinha lido em algum lugar que eram consideradas sagradas em algumas culturas. Oh, meu querido, querido Aaron, esse foi um ataque horrível! Pensei que você fosse quebrar toda a nossa porcelana, do jeito que as xícaras e os pratos chacoalhavam na cristaleira. Minha nossa, você deve estar se sentindo péssimo. Venha para a cama, venha se aquecer. Está sentindo algum cheiro desta vez? Algum gosto? Espero que seja de costeletas de porco, pois é o que preparei para o jantar desta noite, ou torta de maçã, que fiz esta manhã. Ainda bem que não teve tanto sangue desta vez. Você nem chegou a morder a língua, não é mesmo? Aquele pedaço de cabo de vassoura funciona muito bem. Tem o tamanho certo, e acho que você nunca conseguiria quebrá-lo. Parece ter sido mastigado por um cachorro!

Megan acabou por convencer Howard a ver um médico, que prescreveu brometos, os quais diminuíram ainda mais a frequência das convulsões. Deus do céu, não sei que tipo de médico tem lá no Canadá, mas aqui nos Estados Unidos são os melhores do mundo. Pelo visto você deu sorte de não ter levado um tiro feito um cachorro com raiva. O meu cachorro, Sr. Jiggs, pegou raiva quando eu era menina e começou a espumar pela boca e rodar em círculos no jardim, e meu pai voltou correndo para casa com a espingarda do Charlie Weaver e atirou no Sr. Jiggs, matou o bichano bem ali, e eu chorei por uma semana. Ele tinha um espírito tão livre! Perseguia todos os meninos e mordia as bainhas das calças deles e cavava os canteiros de flores de todos os vizinhos e jantava um gato por dia. Pobre Sr. Jiggsy!

> Lar boreal: 1. Manhã de ano-novo, assistimos aos corvos recolherem para seus ninhos fitas decorativas das árvores de Natal jogadas na beira da estrada. 2. Vimos o cristal de chumbo das janelas tecer rendas de gelo. 3. Atamos cartas com linha de pescar e erguemos uma casa. 4. Depois do jantar de domingo nos cobrimos com sacos e jogamos maçãs silvestres nos nossos primos mais novos. 5. Jogamos porrinha e xadrez chinês e jogos com moedas. 6. Quando chegou a hora de escolher nossos quartos, disputamos queda de braço para ver quem escolhia primeiro. O vencedor pegou o quarto resplandecente com reis coroados, rainhas concedendo bênçãos, curingas zombeteiros, valetes com sorrisos dissimulados. O perdedor se resignou a um espaço mais modesto de dois e quatros e setes, embora tenhamos sido todos golpeados pelos paus e espadas brilhantes, os ouros lívidos e as copas, corações tão vermelhos que quase pareciam bater.

George acordou pela última vez quarenta e oito horas antes de morrer. Tinha passado dois dias inconsciente. Foi então que compreendeu a situação e precisou dizer várias coisas às pessoas. Havia dois mil e quatrocentos dólares em dinheiro escondidos em sua bancada no porão. O relógio Banjo Simon Willard na parede valia dez vezes mais do que ele lhes dissera. Havia uma primeira edição autografada de *A letra escarlate* no cofre de um banco. Ele amava imensamente a todos.

George acordou num momento em que os últimos dos grandes sistemas de seu organismo haviam começado a parar de funcionar. Tinha os pulmões cheios de líquido e a impressão de estar se afogando. Quando tentava falar, só conseguia produzir sons como os de uma corrente enferrujada girando sobre um poço seco. Correu os olhos pelas pessoas em volta da cama, em busca de ajuda. Aquilo deixou a família aflita, especialmente Marjorie, a irmã, que chorou, viu os olhos esbugalhados de George e disse muitas vezes, Ele parece estar com tanto *medo*. Ele foi como um *pai* para mim, parece estar com tanto *medo*, era como um *pai* — até ser levada para a cozinha por um dos primos. Um neto disse, Relaxe, vovô, se ficar em pânico vai ser ainda mais difícil respirar. George arfou mais, arfou mais rápido. O neto disse, Eu sei como é, vovô; acontece comigo quando eu tenho um ataque de asma. Eu também fico com medo, porque não consigo respirar, mas aí eu relaxo e sempre consigo. Acontece comigo, também. George olhou para o jovem, alguém que conhecia e em quem confiava. Ao fechar os olhos, ainda ouviu o gargarejo e sentiu o peso inerte de seu corpo, mas também se sentiu cada vez mais distante daquilo, como se estivesse deitado logo abaixo dos contornos e fronteiras de algo que antes lhe servira com perfeição, e que habitá-lo por inteiro significava estar neste mundo. Era como se estivesse

deitado de barriga para cima logo abaixo da superfície da água. As vozes se erguiam e
caíam, e os sons de corpos em movimento ressoavam sobre ele. Tudo pareceu cada vez mais alheio, outro. Só conseguiu distinguir alguém dizendo, De jeito nenhum, de jeito nenhum; vou deixá-lo embaixo agora.

> Escolha qualquer hora no relógio. É possível, assim, conceber que o propósito do relógio é fazer com que os ponteiros retornem a essa hora, uma hora que, desde o momento escolhido, os ponteiros abandonam, patinando por todos os outros símbolos, marcas e números pintados no mostrador. Essas outras marcas se tornam irrelevantes em si mesmas; não passam agora de indicações que apontam na direção do tempo escolhido. É então possível, também, conceber que as engrenagens e molas do relógio têm cada uma sua função intrínseca, mas dentro de um mecanismo pleno cujo propósito maior é retornar à hora escolhida. Dessa forma, o relógio se assemelha ao universo. Pois não é o nosso universo um mecanismo composto de engrenagens celestiais, rolimãs giratórios, fornalhas solares, tudo a cooperar para que o homem (e, de fato, que outros vizinhos inimaginados, os quais ignoramos!) regresse àquela hora escolhida que a Bíblia chama de Antes da Queda? E como um inseto ignorante a rastejar pela face desse relógio, que não vê por inteiro o mostrador, o ciclo completo de números, o ponteiro das horas e dos minutos (que passam por seu céu em órbitas previsíveis, emitem sombras conhecidas, tranquilizam com suas repetições, mas que, a fim de contas, intrigam e clamam à consideração de mistérios mais profundos), mas limitado a pisar a superfície que esconde o trem de engrenagens e as molas dotado apenas da mais indireta concepção do que jaz abaixo, assim também o homem se contorce e aflige na superfície polvorosa de nossa terra, ignorante do propósito do mundo, do cosmos, até, além do fato de existir um propósito, designado por Deus e conhecido apenas por Ele, e que isso é bom e que isso é aterrorizante e que isso é inefável e que somente a fé racional pode aplacar as dores e os suplícios desesperados de nosso mundo magnífico e depravado. É simples assim, caro leitor, lógico assim e elegante assim.
>
> — de *O horologista lógico*,
> Reverendo Kenner Davenport, 1783

Numa noite de janeiro em 1972, a atenção de Howard se desviou do livro que estava lendo na cama. Imaginou sua própria forma adormecida, imaginou que, se fosse possível afastar o ponto de visão, enxergando-se do alto, sua figura seria vista flutuando não sobre a vastidão de um oceano escuro de sono, e sim

repousando na própria vastação, a alma ou qualquer nome que escolhamos lhe dar abstraída do corpo, de modo que o que parecia corpo em repouso fosse apenas a imagem mais provável da alma com seu nome qualquer, liberta de seu sal feito água do mar a evaporar no sol, de modo que o corpo em si, repousando na cama, sussurrando, murmurando, viesse a ser mais como uma casca, mais como aquela mitológica coluna salina, enquanto a alma ou como quer que a chamemos se religasse de alguma forma à coisa própria de si mesma como uma sombra, como se quando seu ser desperto caminhasse pela rua no caminho de volta do trabalho, a sombra que ele fizesse, de homem com um saco de papel contendo seis laranjas num braço e um buquê de lírios no outro, fosse alguma versão reduzida de si mesmo, que, liberta de suas duas dimensões simples definidas por uma obscuridade de luz, uma projeção de treva, fosse autônoma e livre para se mover independente da silhueta deixada pelo homem, e que, até onde ele sabia, quando o sol baixasse e a luz fosse apagada, quando toda a luz, de fato, fosse impedida de correr entre o corpo e os planos e superfícies sobre as quais sua forma pudesse ser projetada pelo sol, pela lâmpada ou até pela lua, na verdade o fizesse; Howard não viu razão para duvidar de que sua sombra sonhava tal como fazia ele, pois era capaz de se imaginar como a sombra de um outro algo — alguém — e que talvez até mesmo seu sono, seus sonhos, constituíssem seu dever como a sombra de outro alguém e que talvez enquanto *esse* alguém sonhasse, ele estivesse livre para viver sua vida desperta, de modo que essa série alternante e interdependente de vidas formasse uma espécie de entalhe; o dia desperto de cada sombra era o lado oposto do sono de seu possuidor. Quando tentou explicar tudo isto a Megan, deitados os dois na cama, ele com um volume de *Antologia mundial de versos populares* apoiado no peito, ela marcando a página de *Os pobres órfãos da Granja Tinsley* com o indicador, Megan disse, Deve ser por isso que você não consegue dormir algumas noites e tem esses pesadelos horríveis com casas grandes e escuras cheias de gente que você conhece mas que não reconhece você, ou com aquela mulher e as filhas gêmeas congeladas no lago de gelo e com o cabelo comprido todo emaranhado; a sua sombra quer tirar um cochilo, por isso você tem que acordar para ela dormir. Imagine só! E se a sua sombra acordar *você* e você *me* acordar, a minha sombra deve estar tirando um cochilo também! Talvez as nossas sombras sejam cúmplices, meu docinho; talvez sejam parceiras no crime, assim como a gente! Howard disse, Talvez, meu amor. É possível, e deu um beijo na orelha de Meg, fechou o livro, caiu no sono e morreu.

Enquanto George morria, o sangue escuro se retraiu de seus membros. Deixou primeiro os pés, depois as panturrilhas. Depois deixou as mãos. George só esteve

ciente disso a uma enorme distância. Quando o sangue saiu, foi como se houvesse evaporado; foi como se o sangue houvesse se transformado em algum espírito fúmeo, fino demais para transportar seus próprios minerais. E assim, evaporou e deixou um resíduo de sal e metal nos ocos das veias secas. As pernas sem sangue ficaram duras como madeira. As pernas sem sangue estavam mortas como tábuas. Os pés repletos de ossos eram como pesos de chumbo presos pelas veias secas — as veias curadas em sal, as veias reforçadas com metal, que eram agora resistentes como tripa, fortes como correntes de ferro. Era como se fosse possível abrir o peito de George e agarrar os próprios vasos que deixavam seu coração e puxá-los e alçar os ossos pesados dos pés através das pernas e do tronco até que pendessem logo abaixo daquele motor quase exausto, e isso pudesse, içando o corpo ponderoso por artérias e veias e baixando-as de volta, dar mais um breve impulso ao órgão esgotado. Mas era um coração frágil, desgastado e descompassado. Tinha as tarraxas espanadas. Estava recoberto de uma crosta pegajosa. Agora o sangue jorrava por suas câmaras com o mais fraco dos pulsos, não mais fluía e turbilhonava, supria, administrado por músculo elástico e forte.

George tinha o rosto pálido. Já não mostrava expressão. É verdade, transmitia uma espécie de paz, ou, mais precisamente, parecia prever essa paz, mas tal não era uma paz humana. Captava fôlego e deixava fôlego escapar em pequenos arquejos e sussurros instáveis. Já não reagia à luz. Passavam sombras, e ele apenas registrava seus ângulos, registrava a peregrinação do dia por seus tamanhos. É certo que a família não permitia que o brilho direto do sol nascente ou poente caísse sobre seu rosto, mas o ajuste das cortinas e persianas era um paliativo para eles próprios, para olhos vivos e pele viva, e não tinha qualquer relação com a visão do marido, irmão, pai, avô deitado no leito de hospital. A consideração humana já não seria para si, pois tal consideração só poderia agora ser expressa pela oferta de conforto físico, e o conforto físico era tão insignificante para ele (para aquilo, pois era isso o que jazia diante da família agora — aquilo, antes ele —, ao menos no sentido de que ele, embora ainda simbolizado por aquilo a se esforçar, a esvanecer, a morrer, tombava em abismos distantes, distantes daquela sala preenchida com uma irmã em lágrimas, com filhas, mulher e netos em lágrimas, e o aquilo mantinha não mais que uma mera pantomima da vida humana), era-lhe tão insignificante quanto teria sido a um de seus relógios, disposto em seu lugar para ser espanado e consolado com óleo de linhaça, causando preocupação e lamento antes mesmo de ser era (pois é assim que os vivos se preparam, ou tentam se preparar, para o era incognoscível — imaginando o era enquanto ainda se aproxima; talvez isto seja mais verdadeiro, o fato de lamentarem pela inevitabilidade do era e aplicarem seus próprios terrores

humanos sobre seus próprios eras ao aquilo, que é tão quase era que já não aceitará ou simplesmente não poderá aceitar seu sofrimento humano), enquanto suas molas rotas se desenroscam ou seus pesos de chumbo tombam pela última, irreparável vez.

Pensei que ele era um relógio era como um relógio era como uma mola num relógio ao quebrar e explodir quando tinha seus ataques. Mas não era como um relógio ou ao menos só era como um relógio para mim. Mas para si mesmo? Quem sabe? E assim não era ele quem era como um relógio, mas eu.

Duas coisas aconteceram em 1953: a nova rodovia interestadual foi aberta e a mãe da segunda mulher de Howard ficou doente em Pittsburgh. Megan disse a Howard que ele não poderia acompanhá-la a Pittsburgh. Sua mãe era a mais fervorosa das católicas, e se um dia descobrisse que a filha estava casada com o filho de um pastor metodista, qualquer chance de se recuperar da doença desapareceria. A mamãe ia morrer com a boca cheia de xingamentos misturados ao meu nome, disse Megan. Com isso, Howard teria de passar o Natal sozinho. Megan fez uma torta de banana com merengue e um bolo de carne. Howard a acompanhou até a estação e a ajudou a subir no ônibus das quatro e meia para Pittsburgh e todas as paradas no caminho. Megan não parou de falar. Abriu a janela do ônibus para dizer que tirasse o sorvete de baunilha do congelador quinze minutos antes de tomá-lo com a torta, que isso o deixava molinho do jeito que ele gostava, e disse, Eu te amo. Howard disse, Eu vou ficar bem, vou ficar bem, ainda perplexo em saber que Megan tinha uma mãe em Pittsburgh. Por vinte e cinco anos ela tinha uma mãe em Pittsburgh.

Cinco meses antes, a rodovia interestadual havia sido concluída. Seguia por uma longa reta ao longo da costa leste. Imigrantes, trabalhadores itinerantes e operários socaram, cavaram, explodiram e descascaram a terra, atravessando florestas, rios e desfiladeiros, montanhas e pântanos, e então cobriram o caminho com cascalho bom e limpo, encheram-no com piche ardente, alisaram-no com rolos compressores e o deixaram esfriar, e por fim pintaram uma linha no meio. Essas novas super-rodovias tinham números em vez de nomes. Na véspera de Natal, Howard pôs um sanduíche de bolo de carne frio e seis garrafas de cola num saco de papel, junto de seus utensílios de banheiro, e ligou para um amigo do trabalho, Jimmy Drizos. Perguntou se podia pegar o carro dele emprestado, um velho Ford sedã. Jimmy disse, É claro, é claro. A família da minha mulher está vindo para cá este ano. É claro que pode, amigo. Howard pegou um ônibus até a casa de Jimmy Drizos no bairro grego da cidade. Jimmy estava trocando lâmpadas decorativas que tinha pendurado nos corrimãos de ferro da escada que levava a seu apartamento. Ofereceu uma bebida a Howard, que respondeu, Não,

obrigado, Jimmy, não. Jimmy lhe ofereceu alguma comida para que levasse de volta para casa. Howard disse, Obrigado, Jimmy, e obrigado à sua mulher. Jimmy lhe deu as chaves e um prato de cordeiro e disse, Devagar com a embreagem, companheiro. Howard fez que sim, pisou na embreagem e deixou o carro descer da garagem em ponto morto. Passou a primeira marcha e soltou a embreagem enquanto pisava no acelerador. A marcha arranhou e o carro morreu com um solavanco. Jimmy Drizos viu a cena da escada, com uma lâmpada colorida em cada mão, e gritou, Bebeu o quê, companheiro?, e riu. Howard acenou, passou a marcha outra vez e avançou a dez por hora até chegar à esquina; dirigiu por cima do meio-fio, fez a curva e deixou o carro morrer outra vez, agora já fora do alcance de Jimmy Drizos. Passou quatro horas naquela véspera de Natal percorrendo as ruas da Filadélfia aos trancos, aprendendo a dirigir. Às nove da noite, quando uma neve fraca começou a cair, levou o Ford de Jimmy Drizos até a rodovia e seguiu na direção norte.

O segredo que Megan escondera de Howard era a mãe em Pittsburgh. O de Howard era o fato de ter seguido o rastro de sua primeira família e suas migrações pela Nova Inglaterra. Tinha telefonado para as agências de correio para confirmar os endereços. Ligara para a telefonista e obtivera novos números de telefone. Quando seu filho George se mudou para Enon, em Massachusetts, a telefonista lhe deu os números de dois G. Crosbys. Howard telefonou para o primeiro. Uma senhora atendeu e disse, Aqui é a sra. Gus Crosby. Quem fala? Howard desligou e anotou o segundo número em sua agenda.

No meio do caminho, em algum lugar de Connecticut, parou e dormiu no banco de trás do Ford durante quatro horas. Acordou congelado. Tinha parado atrás de um posto de gasolina. Pegou seus utensílios e usou o banheiro do posto. Escovou os dentes, penteou o cabelo e passou um pouco de tônico capilar, depois se barbeou com a navalha que seu pai lhe dera aos dezesseis anos e que ele ainda mantinha tão afiada que cortava a pele apenas com o peso da lâmina. Ao meio-dia, deixou a rodovia na saída 24. Virou à esquerda e seguiu pela avenida durante cinco quilômetros. Virou outra vez à esquerda na rua Arbor e reduziu a velocidade, buscando os números das casas nas portas e nas caixas de correio. Chegou a uma casa amarela pequena, com persianas verdes e arquitetura ao estilo das casas de Cape Cod. A caixa de correio ao final do caminho de ladrilhos que levava à porta de entrada dizia George W. Crosby. Sem desligar o motor, Howard desceu do carro, subiu os degraus e bateu na porta do filho.

> Homem boreal: 1. Chutamos as cascas de árvores mortas, e a madeira macia abaixo era pálida como serragem e às vezes coberta por estranhos desenhos que pareciam uma escrita entalhada na madeira com um estilete

ou outra ferramenta fina, a casca depois recolocada sobre o tronco — uma pele áspera, um couro quebradiço que protegia a linguagem secreta. Descobríamos esses hieróglifos como revelações, como mensagens que alguém deixara para serem encontradas e consideradas e cutucadas e arranhadas somente por nós, mas não para que as compreendêssemos, e para as deixarmos como totens àqueles a quem se destinavam de fato enquanto abríamos caminho à força pela mata. 2. Criávamos histórias sobre homens que tinham sido tatuados com instruções intrincadas e importantes. As tatuagens eram pintadas em camadas profundas, e os homens seriam reconhecidos por longas cicatrizes em forma de I nas costas, que deveriam ser recortadas e a pele afastada feito um par de portas para revelar tranças de músculo e a escritura secreta. É claro, os homens não estariam cientes de que eram os portadores desses sinais. E, naturalmente, os destinatários dos escritos tinham de empreender um processo longo e difícil, decifrando indicações e pistas obscuras para encontrar tais portadores especiais, para proteger tanto o homem como a mensagem. O buscador encontrava o mensageiro; reconhecia-o quando este tentava lhe vender um cavalo velho, ou lhe servia o desjejum numa estalagem, ou se queixava dos políticos durante uma pausa no trabalho matinal. 3. Eram histórias parvas. Compreendemos por fim a tolice que era atribuir o desconhecido a cabalas secretas, a conspirações. Tudo era quase sempre obscuro. O entendimento brilhava quando o fazia, sem razão discernível, e isso nos contentava. Construímos nossa cidade, então, do que calhasse de vir a nós, daquilo em cujo caminho nos interpuséssemos, e assim habitamos cabanas de cabelo, ninhos de invólucros, serpentina e barbante, que enroscávamos em nozes e pendurávamos no teto com um pedaço de fita ou chiclete velho, pois todos tinham roscas diferentes dos parafusos que encontrávamos. A Prefeitura era construída com canudos de beber (alguns dobráveis, a maioria não) e calotas e o papel laminado dos maços de cigarro. Qualquer quantidade de pessoas vivia nos ocos das árvores sob jornais de domingo esticados em tenda, que o sol deixara castanhos. Quando chovia, esses edifícios inchavam e viravam polpa e eram levados pela água e os inquilinos se secavam ao sol quando o astro ressurgisse e recomeçavam a coleta de latas e moedas e caixas de fósforos e papel encerado que um dia contivera batatas fritas ou anéis de cebola. 4. O mar verde ficou cinza, e a superfície se agitou como uma membrana. Quando mergulhamos para buscar conchas, deixou-nos passar sem resistência e se fechou atrás de nossos pés voltados para cima. Apalpamos, cegos, seu corpo liso de grafite, peneiramos sua areia e encontramos pedras lisas para nossos mantos de vento e bruma, e o

> tanto de mar que ficasse preso ao nosso cabelo quando emergíssemos escorreria feito mercúrio e se reuniria ao resto de si mesmo, contínuo, molecular, liso, atômico. Viajamos em vagens. Rachamos superfícies e tivemos vislumbres de penhascos abruptos, colunas de rochas cobertas de abetos, boreais. Vimos praias de neve e nevascas de areia. 5. Quando chegou a hora de morrer, soubemos e nos dirigimos a jardins profundos onde nos deitamos e nossos ossos viraram bronze. Fomos recolhidos. Fomos usados para consertar relógios quebrados, caixas de música; nossas pelves foram presas a pinhões, nossas espinhas, soldadas a vastos mecanismos. Nossas costelas foram usadas como dentes de engrenagens e clicaram feito dentes de marfim. E assim é como, por fim, fomos unidos.

A última coisa que George Washington Crosby recordou ao morrer foi o almoço de Natal de 1953. A campainha tocou bem no momento em que sua mulher e as duas filhas — Betsy e Claire, as duas sentadas agora ao lado da cama, abatidas, pálidas, exaustas; as filhas que ele amava e que, tinha certeza, seriam sempre as menininhas do papai enquanto ele lhes permitisse, que era até o dia de sua morte, que era hoje — se sentaram para comer. Ao morrer, George não se lembrou de ter levantado da mesa e resmungado, Deus do céu, o que foi agora?, e caminhado até a porta. Lembrou-se de todo o tempo decorrido desde que fora um garoto de doze anos até se tornar um marido e um pai de meia-idade contraindo-se a zero ao reconhecer que o velho parado na entrada da casa era seu pai, que não via desde que ele, Howard Aaron Crosby, fora até a casa da família em West Cove, Maine, numa noite após fazer sua ronda pelo interior vendendo vassouras e sabão às donas de casa, vira a família pela janela da cozinha mal-iluminada, açoitara o burro, Prince Edward, com um graveto de castanheira e seguira pela estrada em sua carroça até chegar, sem nome, à Filadélfia, novecentos quilômetros ao sul.

Produção editorial
Ana Carla Sousa
Guilherme Bernardo

Revisão de tradução
Guilherme Semionato

Revisão técnica
Pedro Krause

Revisão
Ulisses Teixeira

Diagramação
Trio Studio

Produção de Ebook
S2 Books